

Patrick Drouot

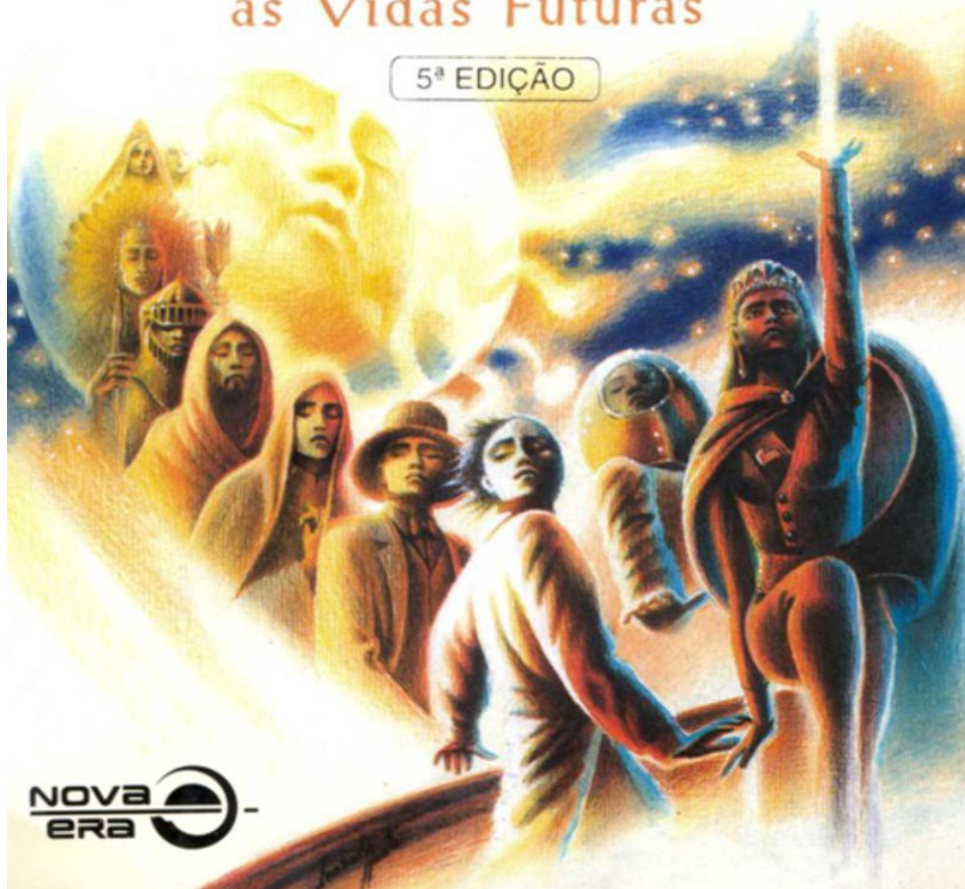


REENCARNAÇÃO E IMORTALIDADE



Das Vidas Passadas
às Vidas Futuras

5ª EDIÇÃO



NOVA
ERA 

REENCARNAÇÃO E IMORTALIDADE PATRICK DROUOT

"Estamos, presentemente, no fim de um ciclo, na passagem de uma era para outra: a Era de Peixes para a Era de Aquário. Essa passagem é difícil, mas acompanhada por um extraordinário movimento de transformação do qual se percebem indícios, por toda parte, desde o fim dos anos setenta e que se manifesta pela tomada de consciência de crescente número de pessoas.

...Há, neste momento, interesse crescente pela meditação e por todas as práticas espirituais, assim como por todas as visões do homem que não o limitem, apenas, ao quadro de sua existência física.

A reencarnação faz parte desse interesse."

PATRICK DROUOT

Reencarnação

e

Imortalidade

Tradução de

YEDA ASSUMPÇÃO

5ª EDIÇÃO

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
INTRODUÇÃO	11

PRIMEIRA PARTE

OS REINOS DA CONSCIÊNCIA

Capítulo 1. A reencarnação: mito ou realidade? ...	17
Capítulo 2. A viagem nas vidas passadas: técnicas e métodos	35
Capítulo 3. O karma	57

SEGUNDA PARTE

OS CAMPOS DE BATALHA KÁRMICA

Capítulo 4. A memória do corpo	73
Capítulo 5. A Índia	90
Capítulo 6. As ligações kármicas	98
Capítulo 7. As vidas espirituais — A Atlântida	120

TERCEIRA PARTE

OS CICLOS DA ALMA

Capítulo 8. A vida fetal	139
Capítulo 9. A morte	159
Capítulo 10. As rodas da existência	174

QUARTA PARTE

OS HORIZONTES DO FUTURO

Capítulo 11. As vidas futuras	187
Capítulo 12. A ilusão do tempo	198
CONCLUSÃO	203

AGRADECIMENTOS

Há mais de dez anos tenho recebido ajuda e inspiração de muitas pessoas que têm ocupado um lugar muito importante em minha vida. Algumas foram guias do passado e do presente, outras dos que me são mais próximos, quando não uma e outra coisa. É impossível citá-los todos.

Determinadas contribuições foram de tal importância que me empenho em lhes prestar homenagem toda particular. É meu desejo agradecer a Annick Lacroix por ter acreditado em minha iniciativa e por ter continuamente me guiado no decorrer da redação do manuscrito.

Meu reconhecimento mais profundo é para a minha família — minha mulher Marguerite e meu filho Patrick — que suportaram com paciência as inquietações intelectuais, filosóficas e espirituais inerentes à minha pesquisa. Marguerite demonstrou ser a amiga e conselheira preciosa que somente um longuíssimo desenvolvimento pessoal poderia inspirar.

As luzes que vivem além das estrelas.

Patrick Drouot

A todas as luzes do passado que tive a imensa felicidade de reencontrar no meu presente.

O ser humano é um ponto entre dois mundos, mas o que há precisamente de grande nele, é ser um ponto e não um fim, uma passagem e não um declínio.

Patrick Drouot

INTRODUÇÃO

Após a publicação, em fevereiro de 1987, do meu primeiro livro, *Nous sommes tous immortels*, efetivamente recebi milhares de cartas de pesquisadores, filósofos, eclesiásticos, representantes do mundo médico, de artistas e cantores bastante conhecidos, e do público em geral, de todas as camadas socioprofissionais.

Estive também com centenas de pessoas — na França, na Suíça e no Canadá — por ocasião de conferências e seminários, bem como em encontros individuais, ainda que estes não ocorram mais desde o verão de 1987. Através desses contactos, que

foram extremamente felizes, verifiquei o formidável interesse despertado hoje em dia pelos problemas da reencarnação e do pós-vida e, além destas questões, a da natureza mesma do homem. Quem somos? Que faz o ser humano na Terra? Qual será o futuro da humanidade?

Jamais, talvez, estas questões essenciais tenham atormentado tantas consciências ao mesmo tempo e com tal intensidade.

Acontece que estamos vivendo um período de crise tão evidente que se tornou quase banal comentá-lo. Em menos de um século, o nosso, os conhecimentos científicos e técnicos obtiveram tal avanço que somos capazes, hoje em dia, de resolver a maioria dos problemas materiais que se apresentam ao homem, desde o começo de sua existência na Terra.

Descobrimos, a cada dia, que os grandes triunfos da ciência, o domínio da energia nuclear e da inteligência artificial, os milagres realizados em bacteriologia, em química e em genética podem provocar pesadelos em escala planetária. Numerosos são os que se interrogam quanto à utilidade do progresso tecnológico maldominado.

O equilíbrio ecológico do planeta está ameaçado; seu equilíbrio econômico é instável. Vivemos num mundo politicamente dividido, socialmente injusto, retalhado atualmente em dezenas de guerras, no qual o ódio é bem mais partilhado do que o amor e o sofrimento mais do que a felicidade de existir; um mundo onde a competição supera a cooperação, a exploração da natureza sobre a conservação do seu equilíbrio, o ter sobre o ser, o material sobre o espiritual; um mundo onde homem e natureza se asfixiam.

Atravessamos, na atualidade, uma crise multidimensional que, sem dúvida, é uma crise necessária. Lembremos que nada é estático. Toda vida é movimento e todo movimento obedece a ciclos. O universo — e a humanidade com ele — obedece a ciclos. Estamos, presentemente, no fim de um ciclo, na passagem de uma era para outra: a era de Peixes para a era de Aquário. Essa passagem é difícil, mas é acompanhada por um extraordinário movimento de transformação do qual se percebem indícios, por toda a parte, desde o fim dos anos setenta e que se

manifesta pela tomada de consciência de crescente número de pessoas.

Tomada de consciência de que a primazia absoluta, desde Descartes, pelo conhecimento racional, tem feito o homem ocidental perder pouco a pouco o contacto com ele mesmo: com seu corpo e seu meio ambiente natural; com sua intuição, com sua alma, com sua própria transcendência, enfim, com seus semelhantes. Ele o amputou do essencial de si mesmo. Tomada de consciência ainda, de que esta nossa visão puramente cientificista e derivada do cartesianismo, de um mundo-máquina, nos tem feito perder o senso e a profundidade de nossa apreensão do real. Tomada de consciência que gerou, e ainda gera, um fantástico movimento de abertura a novos valores de pensamento e a outras visões da realidade. Disse, no meu primeiro livro, qual a revolução que se delineia atualmente no mundo científico, especialmente naquele da física subatômica. Não é meu propósito voltar a ele. Desejo, nesta obra, poder responder à forte necessidade que sinto, e que grande número de pessoas me tem expressado, de abertura a uma outra dimensão do ser humano, mais ampla e mais espiritual. Há, também, neste momento, interesse crescente pela meditação e por todas as práticas espirituais, assim como por todas as visões do homem que não o limitem, apenas, ao quadro de sua existência física.

A reencarnação faz parte desse interesse.

No começo dos anos sessenta, no momento em que morria Jung, os profissionais de psicologia e o público ocidental eram mais céticos e mais hostis ao conceito da reencarnação. Este trazia então a aura negra — diabólica — dos fenômenos ocultos, sem dúvida porque nossas religiões ocidentais jamais os admitiram.

O célebre caso Bridey Murphy* fora mais ou menos demolido ao final dos anos cinquenta e as "leituras" de vidas passadas que fazia em transe aquele que, sem dúvida, foi o maior médium de todos os tempos, Edgar Cayce, eram ainda muito pouco conhecidas.

Entretanto, em 1982, uma pesquisa do Instituto Gallup revelou que um americano entre quatro admitia a reencarnação. Por outro lado, no mesmo ano, o muito conservador *Sunday Telegraph*

anunciava que 28% dos britânicos participavam desta crença contra 18% dez anos antes.

O extraordinário sucesso que obtêm, em todo o mundo, já há alguns anos, os livros de Edgar Cayce e os da atriz Shirley MacLaine demonstra o interesse que desperta em nossos dias, no grande público, a doutrina ensinada por Buda e, em geral, por todas as grandes tradições orientais.

Gosto pelo sensacional ou interesse profundo? Está claro, ao ver a quantidade — e o tom — dos programas da televisão, dos artigos em revistas, dos livros, das conferências que lhe são consagradas, que o clima envolvendo este assunto mudou sensivelmente.

**Uma jovem americana que, sob hipnose, reencontrou uma vida na Irlanda, no século passado, sob a identidade de um certo Bridey Murphy, em cuja língua falou: o dialeto gaélico.*

Atualmente, mesmo se numerosas escolas de psicologia e intelectuais ainda ignoram — ou rejeitam — a hipótese da reencarnação, os pesquisadores e os terapeutas, tanto nos Estados Unidos como na Europa, já acumularam em seus arquivos milhares de depoimentos sobre vidas anteriores. Desde setembro de 1986, um médico psicanalista que trabalhou durante vinte anos no fenômeno da reencarnação, Dr. Winnifred Lucas, ministra na faculdade de medicina da UCLA um curso de terapia através das vidas passadas.

Poder-se-á dizer que estamos na aurora de uma reavaliação radical da nossa concepção do homem? Estará emergindo um novo tipo de psicologia englobando este componente fundamental do ser humano que é a alma?

Após mais de dez anos de pesquisa, ao fim de milhares de encontros e experiências cheguei à profunda convicção de que nós não somos o que pensamos. Trazemos em nós possibilidades, nossa consciência possui faculdades que, na maior parte, jamais suspeitamos.

A viagem pelas vidas anteriores faz parte dessas possibilidades. É por essa razão que desejo desenvolver este tema, tão controvertido, da reencarnação e avaliar pesquisas atuais, não somente sobre vidas anteriores, mas sobretudo no que se refere à natureza da consciência humana.

Procurei, de boa vontade, apresentar uma obra acessível à maior quantidade possível de pessoas. Espero ter conseguido. Meu mais caro desejo é que esta abertura de consciências que desponta em nossa época seja partilhada pelo maior número possível de pessoas.

Primeira Parte

OS REINOS DA CONSCIÊNCIA

Capítulo 1

A REENCARNAÇÃO:

MITO OU REALIDADE?

Até meados dos anos setenta, não posso dizer que os fenômenos da pré e da pós-vida tenham me apaixonado muito. Estava bem

mais interessado, para dizer a verdade, nos fenômenos muito concretos a que chamamos progresso profissional ou posição importante. Regressava à época dos Estados Unidos (estávamos em 1975), onde havia concluído meus estudos de física na Universidade de Columbia, em Nova York. Minha bagagem era científica, não esotérica. E, ainda mais, estava recém-casado. Em 1978, tendo a empresa para qual eu trabalhava me oferecido um novo cargo, retornei com minha esposa Marguerite para uma segunda estada nos Estados Unidos.

Tínhamos, então, o desejo de ter um filho e, acompanhando minha mulher, comecei a me interessar por tudo o que dizia respeito ao nascimento. Descobri assim os movimentos ditos alternativos que preconizavam parto e nascimento diferentes: o Dr. Leboyer e seu método do "nascimento sem violência", através do seu livro que veio a ficar famoso; pelas idéias do Dr. Thomas Verny, médico canadense, em *La vie secrète de l'enfant avant sa naissance*. Nessa atmosfera, Marguerite e eu também decidimos fazer um pouco de yoga a mais simples, postural, a hatha-yoga. Esforçamo-nos também em mudar, pouco a pouco, nossos hábitos alimentares e de nos abrir mais ao mundo que nos cercava. Enfim, começamos a vislumbrar a vida sob um ângulo ligeiramente diferente. Foi quando ouvi falar, pela primeira vez, de pesquisas sobre o fenômeno das vidas anteriores por um analista de Chicago, Gregory Paxson. Ele trabalhava, já há sete ou oito anos, com todo um grupo, sobre certos estados chamados "de estados alterados de consciência", no decorrer dos quais se reproduziam reminiscências de vidas passadas. O que é que me levou a me interessar por isso? Na época, eu o ignorava. Hoje, é claro, tenho idéias bem mais precisas. Sempre desejei assistir a essas sessões de "regressão às vidas anteriores" como eram chamadas. Fiquei imediatamente fascinado. Ver pessoas deitadas, relaxadas, mergulhadas nelas mesmas e fazendo voltar "lembranças", muitas vezes precisas e detalhadas, de acontecimentos que a nada correspondiam em sua vida atual, mas eram, em contrapartida, quase sempre gerados em séculos anteriores. Eis o que desafiava totalmente a razão e decididamente superava as noções que há muito me tinham

inculcado, desde a infância, na escola e mais tarde na universidade.

Entretanto, essa coisa inexplicável era experimentada com frequência por pessoas de todas as idades e de todas as condições, manifestamente sãs de espírito. Que se passava, então, em suas cabeças? Devorado pela curiosidade, decidi tentar eu mesmo a experiência.

A primeira vez em que me estendi, trouxe à consciência a vida de um monge no século XI, durante a conquista da Inglaterra por Guilherme, o Conquistador, duque da Normandia. Descrevi com muitos detalhes não somente a abadia na qual eu vivia, mas também a maneira pela qual Guilherme, o Conquistador formou a frota que deveria conduzir a sua armada ao outro lado da Mancha. Contei como havia requisitado até a mínima barcaça disponível; como alugara aos povos do Norte barcos e serviços para transportar cavalos, forragem e homens. Dei-me realmente conta de que havia descrito tudo, com precisão, ao voltar para casa e escutar a fita gravada durante a sessão. Perplexo, profundamente abalado acorri à biblioteca, a fim de consultar possíveis obras sobre o assunto. Ali, encontrei os detalhes que fornecera, elementos extremamente precisos. Evidentemente uma questão me intrigava: "Não teria lido um livro, visto um filme sobre o assunto, na infância ou adolescência, de que não me lembrava conscientemente, mas que me proveram

todos estes detalhes? E, caso contrário, de onde vieram esses conhecimentos?"

Não encontrei então nenhuma resposta e tentei outras experiências: fiz outras viagens em outras vidas. Mas as experiências, dali em diante, não me bastavam. Eu sentia a necessidade de compreender o que se passava, de absorver o fenômeno racionalmente, pois as tentativas de explicações fantasistas que havia escutado até aquele momento não me satisfaziam de todo. Mas dei-me conta de que era impossível. Com a minha visão cartesiana do universo, vi-me diante de um impasse. Das duas, uma: ou tais vidas anteriores não existiam, mas, então, de onde vinham as "lembranças"? Ou existiam e, nesse caso, nada nos limites do pensamento ocidental permitia explicar o fenômeno.

E o Oriente? Eu me inscrevi, com minha mulher, no curso que dava então Kriyananda, um yogue que seguia a linha dos yogues dos Himalaias. Lá, adquiri amplo conhecimento sobre a doutrina da reencarnação e a do que lhe é indissociável — o karma — as quais são professadas por todos os adeptos das correntes orientais de pensamento. Ao mesmo tempo, familiarizei-me com o conjunto da visão oriental do ser humano, da sua origem e do seu futuro; com as noções de energia e da estrutura energética do corpo humano (os chakras, entre outros); a noção de planos de consciência e a concernente à projeção da humanidade, aquela dos ciclos temporais. Fui seduzido, bem como Marguerite, por essa visão que achamos muito coerente. Que o ser humano seja chamado, como fim último, a fundir a sua consciência com a consciência divina, tal como era ensinado, pareceu-nos o que de mais belo poderia acontecer. Entretanto, não queríamos nos limitar a uma só teoria, por mais admirável que fosse, mas aprofundar a compreensão de nós mesmos e do mundo. Saímos então à procura de outras informações junto aos tibetanos, principalmente no antecessor do Livro dos Mortos, o *Bardo-Thodol*, que trata da morte, no período entre as vidas e a reencarnação. Na mesma época — princípio dos anos oitenta — estávamos estudando algumas correntes do pensamento japonês, entre os quais o *Bushi-do*, o código de honra dos samurais; a seguir, a cosmogonia e os ritos dos indígenas da América do Norte. Todas essas visões se entrelaçavam, enriquecendo-se reciprocamente, ajudando-me a progredir em minha pesquisa.

Interessei-me, também, pela corrente da psicologia transpessoal Assagioli e Charles Tart, os primeiros psicólogos e psiquiatras a introduzirem, nos anos sessenta, a dimensão espiritual na psicologia e a terem desenvolvido a noção dos estados modificados da consciência, uma noção fundamental para compreender a "viagem" às vidas anteriores. Voltarei a tratar mais longamente deste assunto.

Paralelamente, dediquei-me a fazer viajar as pessoas — cada vez mais numerosas e interessadas — que o solicitavam. Utilizei as

técnicas já existentes. Depois, e aos poucos, elaborei meus próprios métodos.

No final de 1982, regressávamos à França, pois a empresa para a qual trabalhava ofereceu-me um cargo interessante. Não tínhamos nenhuma vontade em abandonar as pesquisas que havíamos iniciado nos Estados Unidos, e nos perguntávamos o que poderíamos fazer em nosso país. O que não viera à nossa mente é se, na França tão racional que conhecíamos, poderia existir uma corrente de interesse por tudo isso. Pois existia. Rapidamente entendi que, se meu regresso "ao berço" tinha uma razão, era, talvez, para falar do que vivera nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, para desenvolver as pesquisas lá iniciadas.

No fim do ano de 1983, estava diante de um dilema. Não podia continuar, ao mesmo tempo, minhas pesquisas e meu trabalho profissional, que exigia que me deslocasse com frequência para a América do Sul. Com o apoio e o pleno acordo de Marguerite, abandonei o trabalho para me consagrar inteiramente àquilo que me parecia mais e mais um dos eixos fundamentais da minha vida. E assim foi: a exploração do mundo da consciência e de suas extraordinárias possibilidades e, entre elas, muito particularmente, a revocação à memória das lembranças de vidas anteriores.

É preciso, sem dúvida, explicar um pouco a minha conduta. Eu não procurava — e jamais procurei — elaborar uma teoria da reencarnação, e menos ainda provar por A mais B sua existência. Alguns autores, dos dois lados do Atlântico, já escreveram obras sobre o fenômeno da reencarnação, pesando os prós e os contras. Suas aproximações são exteriores, objetivas, obedecem a critérios de avaliação científica. Assim, por exemplo, o professor Ian Stevenson, da Universidade da Virgínia (EUA), efetuou uma série de pesquisas extremamente precisas sobre casos de crianças apresentando, desde a mais tenra idade, lembranças espontâneas que bem parecem ser das vidas anteriores. Conheço o professor Stevenson, pois o encontrei, em janeiro de 1987, numa estação de esporte de inverno, quando de um colóquio sobre as fronteiras da ciência. Passamos horas a

conversar e tive grande prazer nisso. Aprecio muito o professor, seu caráter amável e seu espírito rigoroso. Mas meu problema com ele, assim como com todos os demais pesquisadores que conduzem investigações similares às suas, é que considero seu procedimento inadequado ao assunto. Não creio que se possa "captar" o fenômeno da reencarnação numa certeza científica nem que se possa trazer a prova da sua existência (ou da sua inexistência) a partir do pensamento cartesiano. Não há objetividade possível neste domínio. Acreditando-se ou não, permanecemos na crença a partir do momento em que se pretende estudá-la "objetivamente", isto é, do exterior. Quer se acredite ou não, a crença — qualquer que seja ela — influencia o pesquisador que pretende estudar o fenômeno. O único meio, segundo entendo, de libertar-se da crença é a abordagem da questão pelo interior. Em outras palavras, que o pesquisador experimente, ele mesmo, a REALIDADE — pois irá perceber que está lidando com uma de suas vertentes — de determinados estados modificados da consciência, nos quais se produzem estranhas reminiscências. A partir dessa aproximação pessoal, "experimental", citando as palavras de Pierre Weil, doutor em psicologia e especialista em estados modificados da consciência, a pesquisa poderá, então, se desenvolver, iniciando pela análise do que ocorre em si mesmo, durante e após tais experiências. Isso se assemelha a um fantasma, a uma lembrança, a um sonho ou qualquer outra coisa diferente? E depois dessa experiência, minha visão do mundo mudou? Minhas relações com os outros modificaram-se? E assim por diante.

Contei longamente em meu livro *Nós somos todos imortais** uma sessão que fiz em 1984, por ocasião de uma rápida viagem a Chicago, com Gregory Paxson. Naquela ocasião, reencontrei a lembrança da vida de uma sacerdotisa celta, Govenka, que tinha vivido há quatro mil anos. Contei sua vida afastada da aldeia, a existência simples numa cabana, ela que era a guia espiritual de todos os de sua tribo. Mas não me contentei em apenas narrar.

No decorrer dessa extraordinária "viagem", tive a real sensação de fazer, ao mesmo tempo que ela, todas as suas experiências. O que ela vivia, eu "vivia" no meu presente. E, todavia, era Patrick Drouot, em 1984, em Chicago. Disso eu tinha consciência, mas, ao mesmo tempo, estava lá, quatro mil anos antes: vivi literalmente duas épocas ao mesmo tempo. O que vivia através da existência da sacerdotisa era realmente extraordinário. Acompanhava os moribundos não somente na difícil passagem da morte mas além do mundo físico. Assisti à aparição, numa clareira, de um ser de luz, que se chamava Veda. Ele vinha legar a Govenka uma parte do conhecimento dos primórdios dos tempos esquecidos pelos homens, especialmente sobre o cristal e as potencialidades que parecem ser próprias de sua estrutura. Quando a clareira se iluminou diante de Govenka; quando Veda apareceu, senti-me, no meu presente, completamente paralisado, incapaz de proferir o menor som. Aquele ser realmente estava lá. Não era uma imagem. Senti o efeito de sua presença e a fantástica energia que dela emanava. Escrevi no meu primeiro livro que tive a intuição — e mais tarde a certeza — de que este ser de energia me havia transmitido, através de Govenka, e num curtíssimo espaço de tempo — alguns segundos —, um volume fantástico de informações: o conteúdo de uma biblioteca inteira. Pude, em seguida, certificar-me disso; voltarei ao assunto. Gostaria somente de dizer que, a partir desta experiência, o sentido de minha busca mudou. Mudou porque tive a certeza íntima de que Govenka e eu somos únicos, somos a mesma entidade, a mesma alma, e que toda alma contém em si todas as suas vidas passadas. Eu não me perguntava se o que havia experimentado era real. Eu SABIA que era. Como me disse certo dia Pierre Weil, que é também um amigo, todos os que viveram estes estados especiais do despertar, em que a consciência transcende seus próprios limites, não se questionam mais: não têm necessidade de nenhuma prova da veracidade do que viveram. Eles sabem que é real. A partir de uma tal experiência, a questão de saber se a reencarnação "existe" não mais se

apresenta, pelo menos não nos mesmos termos, conforme veremos. A única, a grande questão que permanece a partir dessa extraordinária experiência — entretanto, ao alcance de todos — de transpor de uma só vez a barreira do tempo e a do seu ego, é: o que é a consciência? Quais são as suas verdadeiras possibilidades e quais os miseráveis limites em que a encerramos — e nos encerramos — ao longo dos séculos?

Mas os tempos mudam. A era do infante intelectual acabou.

Os caminhos para a abertura da consciência humana aqui existem, agora, acessíveis a todos.

Por volta do fim da segunda guerra mundial, o general Patton, herói do desembarque e notável estrategista, foi convidado a visitar um dos mais célebres campos de batalha da segunda guerra púnica, entre Roma e Cartago, no centro da Itália, perto do rio Metauro. Ele lá esteve em companhia de grande número de membros do governo e de oficiais militares. Encontrava-se presente, também, um coronel historiador, requisitado para fazer reviver, nos menores detalhes, a batalha para o general Patton. Ele desempenha vivamente o seu papel, descrevendo com precisão a posição das tropas em confronto e seus respectivos movimentos: aqui, as legiões romanas; lá embaixo, os elefantes de Aníbal; aqui a cavalaria de Asdrúbal, irmão de Aníbal, acorreu em reforço. O general Patton, com sobancelhas cerradas, que seguia com extrema atenção as explicações do historiador, gritou subitamente: "Nada disso! A cavalaria de Asdrúbal não estava aqui, mas lá!" Ele apontava, então, outro ponto do campo de batalha. O historiador retrucou com todo respeito de que era capaz, mas com uma ponta de irritação: "Existem sobre essa batalha numerosas obras e todas concordam em que a cavalaria de Asdrúbal estava bem colocada, lá, onde acabo de indicar, meu general." Patton gritou em resposta: "Pois bem, eu lhe digo que ela não estava aqui, e sim lá! Eu sei. EU ESTAVA LÁ!"

Isto não foi dito em tom de ironia e os presentes ficaram atônitos. Soube-se mais tarde — ele escreveu em suas memórias — que o general Patton acreditava na reencarnação. O que terá se passa-

do, naquele dia, que lhe deu tanta certeza de ter estado presente, naquele preciso lugar, dezoito séculos antes?

Aldous Huxley, que contou esta história no 14º Congresso Internacional de Psicologia Aplicada, em 1961, via no fato um caso típico de acesso espontâneo que ele chamava de experiência visionária. Uma experiência que foi realizada, e de maneira mais espetacular ainda, pelo escritor Raymond Abellio, quando a passeio na Argélia. Diz ele em um dos seus livros: "Em Tipasa, porém, nas ruínas do fórum e do cemitério romanos, aconteceu comigo um incidente estranho, cujo sentido só ficou claro para mim bem mais tarde. Meus amigos já se tinham afastado para encontrar o automóvel que até ali nos conduzira. Fiquei só, de pé, imóvel, entre os túmulos de pedras esvaziados dos seus mortos, como que atordoado pelas exalações sufocantes que se desprendiam das cinzas humanas misturadas à terra. Atrás de mim, o mar muito próximo e seu profundo rumor. Diante de mim, cercando as lajes queimadas, separadas pela erva espessa, o imenso anfiteatro das colinas ruivas e violetas do *tell*. E, de repente, o passado pareceu se apoderar do presente com violência. Petrificado, reconheci a paisagem e nela encontrei a obscura memória de minhas forças e de minhas paixões. Perto de mim, marujos fenícios dormiam entre cordas enroladas em espiral. Naquele circo de terra e rocha que evocava a palavra dos tribunos, eu via o pôr-se de pé e o perfilar das legiões; eu escutava o soar de rápidas ordens que imobilizavam os movimentos e que impunham silêncio. A imensa paisagem ampliava-se com a presença imóvel dos homens. E eu, eu mesmo, naquele momento, avançava diante daquela multidão em armas. Eu era o orador, alvo de toda aquela atenção e espera. A buzina do carro despertou-me no momento em que ia falar... Nunca estudei de modo especial esse gênero de paramnésias nem desejei tirar conclusões aventurosas sobre pretensas 'vidas anteriores', não obstante, em certos casos, esse enigma tivesse surgido. No mínimo, essa experiência me esclarecerá quanto às minhas necessidades profundas de prestígio e de poder."

O que é a experiência visionária? Uma brusca abertura no céu da consciência comum; a visão fugidia, às vezes rápida como um

simples piscar de olho, de uma realidade diferente daquela que conhecemos através dos cinco sentidos. As experiências de Abellio e, em menor escala, a do general Patton, podem parecer espetaculares. Todavia, todos nós possuímos, em graus diversos, em certos momentos da vida, a estranha sensação de que a nossa consciência se abre subitamente. É provável que, nesse instante, tenhamos uma visão, uma idéia, *ura flash*, que se revelarão em seguida premonitórios ou clarividentes. Também podemos nos sentir em contato com uma pessoa viva ou morta ou, como Abellio, ter a revelação de uma vida anterior. O ponto culminante desses bruscos estados de abertura, de expansão da consciência, é todo um outro mundo que se revela, um mundo inacessível aos nossos sentidos e, mesmo, à nossa imaginação. É uma outra realidade que experimentamos, a que sempre se referiram os sábios, os santos, os poetas ou os artistas visionários. Um outro plano de consciência do qual nos relatam descrições belíssimas e que — conforme verifiquei com meu filho — numerosas crianças parecem ter a capacidade de ver, de experimentar. Antes que o nosso sistema educacional ocidental, racionalista e analítico, asfixiasse totalmente essa faculdade, ela permanecia nas crianças até, em geral, os oito anos de idade. Durante muito tempo a experiência visionária não foi levada em consideração por psicólogos e pesquisadores em psicologia. Freud, por seu lado, via uma simples regressão do pensamento mágico da criança. Jung foi o primeiro a dar a devida atenção e a integrá-la como um parâmetro fundamental para a compreensão da psique humana. Mas, somente nos anos sessenta, logo após a sua morte, que um grupo de pesquisadores — essencialmente nos Estados Unidos — dispuseram-se a se interessar e a se debruçar, enquanto cientistas, sobre as experiências ditas místicas mas, também, cósmicas, extáticas, oceânicas ou transcendentais, as quais permeiam todas as tradições religiosas. Experiências a que cada uma delas nomeou à sua maneira: a iluminação, o Nirvana, o satori, o samádi, o sétimo céu...

Seguindo o método científico tradicional, esses pesquisadores tentaram estudar o fenômeno do exterior, isto é, aplicando eletrodos nos yogues e nos monges em meditação, registrando as

modificações do ritmo cerebral, cardíaco e da temperatura dos seus corpos. Mas essa abordagem não deu grandes resultados. Alguns, então, procuraram atingir, eles mesmos, os estados transcendentais, a fim de estudá-los de seu próprio interior. Outros, como o etnólogo Carlos Castaneda, recorreram à iniciação por um feiticeiro iáqui, ingerindo cogumelos alucinógenos.* Stanislas Grof, que trabalhava no seu país natal, a Tchecoslováquia, serviu-se de drogas psicodélicas, principalmente o LSD. O recurso à química para atingir a iluminação rapidamente revelou-se inútil (há numerosos outros métodos, sem perigo para o organismo, e que permitem atingir os mesmos resultados). Estes "satoris químicos" tiveram, em sua época, pelo menos um mérito: imediatamente desvelou uma face escondida da consciência aos olhos dos cientistas. Revelou, ao mesmo tempo, aos pesquisadores, o que não tardaram em denominar "estados especiais de vigília" ou "estados de expansão de consciência" ou ainda — para retomar o termo de um pesquisador americano, Charles Tart, que os havia pressentido desde os anos cinquenta — os "estados alterados de consciência" (*altered states of consciousness*). Pessoalmente prefiro dizer "estados de expansão de consciência".

* Ver livros de Castaneda, publicados pela Nova Era/Record.

Justamente porque são diferentes do estado de consciência comum, escapando às regras cartesianas que regem a consciência em estado de vigília, os estados alterados de consciência dificilmente são explicáveis a quem não os experimentou. Como "contar" o sabor do açúcar a quem jamais o provou? Pierre Weil, todavia, tentou a classificação de alguns pontos de referência, que permitem identificá-los.

Antes de tudo, é um profundo sentimento de unidade com tudo o que seja vivente. A pessoa não sente o seu "eu" separado do mundo, conforme o experimenta habitualmente. Sente-se, ao contrário, como um fio na trama de um tecido no qual se integra. Em que pese o desejo de transmitir a sua experiência, esta é, em

geral, inexplicável, intraduzível em nossos conceitos ou palavras, a não ser por metáforas: "Era como se eu me tornasse uma vibração, uma luz etc." A realidade percebida nesses estados é estranha à realidade habitual. E, no entanto, ela parece muito mais intensa do que o que se costuma chamar de "real". A noção de tempo desaparece totalmente. Alguns minutos parecem durar horas, enquanto que passado, presente e futuro se encaixam, dispõem-se insolitamente a existir ao mesmo tempo. Essas experiências são acompanhadas, por vezes, de um sentimento de sagrado, bem como de repentina ausência de medo face à idéia de morrer, além de fenômenos de audição de ruídos ou sons cósmicos, de aparições ou mesmo — voltarei a esse ponto — de experiências de saída do corpo.

O que é preciso compreender é que os estados superiores de consciência não são apenas o campo de uma experiência mística. Ao lado — talvez seja necessário dizer "no interior" — dessa experiência pode ser produzida toda uma série de fenômenos tais como os chamados "psi" (com i, ainda chamados parapsicológicos): a visão a distância, a clarividência, as premonições etc, ou também O CHAMADO À CONSCIÊNCIA DAS VIDAS ANTERIORES, tudo o que sugere que a consciência tem a possibilidade de transcender os limites do tempo, do espaço e do eu, transcender de uma vez o universo do ego e aquele dos nossos cinco sentidos.

Assim a descoberta dos estados modificados de consciência inquietou profundamente o conceito clássico que se fazia da psique humana. Ela adicionou uma terceira dimensão, um terceiro andar, ao edifício da consciência que já contava com dois: o consciente e

— depois de Freud — o inconsciente ou subconsciente. Essa terceira dimensão foi chamada consciência superior. É em torno dela que pesquisadores como Abraham Maslow, Stanislas Grof, Aldous Huxley, Allan Watts, Arthur Koestler e Roberto Assagioli, pai da psi-cossíntese, fundaram a corrente da psicologia transpessoal.

A consciência superior parece ser a parte mais elevada e mais sublime do ser. Roberto Assagioli a chama, também, de

supercons-ciência. É, segundo ele, a região de nós mesmos onde se originam as inspirações filosóficas e artísticas. É também a fonte da nossa ética e dos sentimentos elevados e altruístas. Parece ser, igualmente, a sede das nossas faculdades psíquicas extraordinárias. É ela, enfim, que alarga a nossa visão até o ponto em que nos percebemos imutáveis e eternos.

Como entrar em contato com essa consciência superior? Como canalizá-la? Já vimos que pode acontecer um acesso espontâneo. O mais freqüente, porém, é recorrer a técnicas. Inúmeras delas são tradicionais, pois através dos tempos o ser humano sempre procurou os estados modificados de consciência — embora não fossem chamados assim — que permitissem ascender à consciência superior. Entre outras, temos as da meditação (zen, búdica, tibetana, yogue etc); os koans, as histórias sufis, as danças dos dervixes, as artes marciais (tai chi chuan, aikido, arco e flecha...) e ainda a prática da música, do canto, da dança ou de yoga postural. Não é possível citar todas. Marylin Ferguson, no seu célebre *A Conspiração Aquariana**

*Publicado no Brasil pela Nova Era/Record.

menciona nada menos do que dezessete psicotécnicas (ou famílias de psicotécnicas) tradicionais e recentes.

Contrariamente ao que se poderia imaginar, o fato de atingir tais estados não desconecta a pessoa da sua vida cotidiana, pelo contrário, sua vida — e o mundo que a cerca — toma um sentido real, tangível e intangível, permanente e provisório, acabado e infinito. Muitos seres humanos são como aquela onda que corria para ver o mar, esquecendo que ela mesma era o mar. Procuramos fora de nós aquilo que possuímos em nós mesmos.

Canalizar sua consciência superior, entrar pouco a pouco em união com a parte mais elevada de si mesmo, é semelhante ao processo que faz da lagarta uma borboleta. É particularmente real a chamada à consciência das vidas anteriores. Penso ter explicado bem que a possibilidade de reencontrar as vidas passadas é apenas uma parte do fabuloso potencial que facilita o acesso à abertura da consciência. Mas é uma parte prodigiosa.

Fiz, até hoje, com que mais de 1.500 pessoas "viajassem" nos seus respectivos passados e constatei, após algumas sessões, que a maior parte delas mudou radicalmente a orientação da sua vida. Essa experiência oferece a oportunidade de um confronto consigo, nu e sem barreiras, e de perceber a essência do seu ser, o que não tem a meu ver nenhum equivalente. A primeira coisa — perturbadora — que acontece quando encontramos a lembrança de uma vida anterior é que ela se assemelha a nós mesmos. Nossa consciência superior não nos leva ao cinema para assistir a documentários históricos. O cenário de nossas vidas anteriores se apresenta intimamente ligado à nossa personalidade, à nossa estrutura psicológica e mesmo — o que não é nenhuma surpresa — à nossa constituição física. Da mesma forma que encontramos, nas lembranças da infância, acontecimentos e circunstâncias que contribuíram para moldar alguns dos nossos traços psicológicos, ou influenciaram comportamentos, encontramos também, nas lembranças das nossas vidas passadas, a chave de certos procedimentos, crenças, gostos e problemas que nos acompanham. Dou um exemplo para facilitar a compreensão: há alguns anos encontrei um engenheiro que trabalhava para uma importante empresa nacional. Saíra envolto em diplomas de uma grande escola. Era um ser inteligente, refinado e de sólida cultura. Entretanto, aos quarenta anos, quando poderia perfeitamente estar à frente de um departamento, não ocupava senão um posto subalterno sob as ordens de superiores muito menos qualificados do que ele. Ele sofria com a situação, porém cada vez que lhe era oferecida uma posição mais adequada, ele a recusava. Nesse instante era invariavelmente dominado por uma onda de pânico acompanhada de suores frios, taquicardia, pressão no plexo etc. No decorrer de três sessões, esse homem trouxe à consciência superior uma vida na Inglaterra no século XVIII. Era diretor de uma fábrica. Um dia, o fogo se manifesta na usina e se propaga a toda velocidade. Tomado de pânico, o nosso homem foi incapaz de providenciar, organizadamente, evacuação do local por parte dos empregados. Sua incapacidade levou uma dezena de pessoas à morte, assim como a ele mesmo.

Revivendo o horrível desastre, o engenheiro do presente constata, subitamente, que sua fuga às responsabilidades era motivada pelo traumatismo sofrido. Seu inconsciente alegava: "Se eu assumir responsabilidades, vou morrer." A partir do momento em que compreendeu isso, libertou-se do receio e pôde, enfim, enfrentar os encargos correspondentes ao seu valor e nível pessoais.

O que relatei bem merece alguns comentários, a começar pelo seguinte: o processo — como sem dúvida foi notado — muito se aproxima do processo psicanalítico. Vamos esquecer, por instantes, que a lembrança veio de uma vida anterior. O que resta? Uma lembrança traumatizante, que o consciente preferiu esquecer e guardar nesse imenso reservatório a que chamamos inconsciente — ou subconsciente — antes de cerrar a porta da memória, se ousou dizer, com três voltas. Como todo traumatismo "enterrado vivo", protestou e se "manifestou", gerando as perturbações de comportamento (resumindo de modo simplista). A partir do momento em que se fez assomar à consciência — onde se liberou — a lembrança do traumatismo escondido, as perturbações do comportamento cessaram.

Conclui-se que: primeiramente, que as lembranças das nossas vidas anteriores estão armazenadas no nosso subconsciente da mesma maneira que as lembranças da vida presente. Segundo, que a consciência superior tem acesso ao subconsciente; terceiro, que o mergulho nas vidas anteriores, assim como nas lembranças da infância, escondidas no subconsciente, têm virtudes "psicoterapêuticas".

Foi diante disso que certos pesquisadores, de diversas origens e relativamente conhecidos, tais como o psiquiatra inglês Dennis Kel-sey e sua mulher, a médium Joan Grant; um outro terapeuta — inglês também —, Joe Scranton, e nos Estados Unidos os doutores Morris Netherton, Edith Fiore e Ernie Pecci, citando apenas os principais, iniciaram uma nova forma de terapia psicanalítica através das vidas passadas. O Dr. Ernie Pecci, psiquiatra californiano, participou da fundação, nos Estados Unidos, de uma associação, da qual foi um dos primeiros presidentes, a APRT, Association for Past Life Research and

Therapy (Associação de Pesquisa e Terapia para Vidas Passadas), que desenvolve essa terapia, "uma das ferramentas terapêuticas mais eficazes que se conhece", segundo acreditam seus adeptos, cada vez mais numerosos.

Aí está um dos aspectos mais apaixonantes dessa exploração.

Maior ainda é o fascínio, quando tudo leva a crer na existência de uma ligação muito estreita entre os traumatismos sofridos nas vidas passadas e os da nossa vida presente; os ocorridos na infância com os da nossa vida fetal. Os Drs. Stanislas Grof e Morris Netherton

—considerados os pioneiros da pesquisa sobre a terapia através das vidas passadas — demonstraram que há ligações poderosas entre os traumatismos das vidas passadas e certos aspectos particulares dos do nascimento. Eu mesmo pude observar, por exemplo, que as pessoas que nasceram com o cordão umbilical em torno do pescoço, referem-se freqüentemente, em suas lembranças, a uma morte por enforcamento ou estrangulamento quando nas explorações de vidas passadas.

Pretendo voltar com maior profundidade a esses aspectos surpreendentes e sem dúvida fundamentais, mas nesse momento desejo esclarecer dois pontos. Antes de tudo — que o leitor esteja certo

—de que nem todas as viagens no tempo levam sempre a vidas traumatizantes! Encontramos também as alegres, felizes e pacíficas que nos ajudam, também, a compreender alguns traços do nosso caráter — ou certos acontecimentos de nossa vida presente — totalmente alegres e positivos.

Em seguida — este é um ponto muito importante —, embora eu não negue a dimensão terapêutica da exploração das vidas passadas, nem o seu interesse, meu caminho é diferente daquele dos pesquisadores da APRT. Penso que a utilidade das vidas anteriores no quadro das terapias psicológicas representa em si mesma um formidável salto à frente na compreensão da psique humana e sua complexidade. Entretanto, o quadro terapêutico permanece um elemento a mais, e parece-me que não se deva resumir a ele exploração das vidas passadas. De minha parte, minha pesquisa tem sido sempre dirigida fundamentalmente para

a essência do ser humano. O que apaixona, na descoberta das vidas anteriores, é que se possa, através delas, reconhecer seus próprios bloqueios, descobrir suas falsas crenças sobre o mundo e sobre si mesmo, descobrir as vãs atitudes que daí decorrem. Em resumo, caminhar ao encontro de si mesmo, avançar para a realização daquela unidade cujo pensamento oriental ensina ser o ponto culminante do homem. Para mim, a exploração das vidas anteriores não é somente "psicológica"; ela é também, e sobretudo, espiritual. Representa uma abertura espiritual, freqüentemente vivida por aqueles que acompanhei em suas viagens.

Não aceito como prova as reticências que geralmente acompanham a descoberta das primeiras lembranças. Tenho, com efeito, muitas vezes constatado — por estranho que pareça — que quando as lembranças das vidas passadas, profundamente escondidas, se fazem presentes, a personalidade do momento tem a tendência a enterrá-las novamente, ainda que seu desejo de compreender seja muito forte. Acontece que essa personalidade tem a sua própria maneira de ser, suas leis e seus limites e, a seu modo, um estilo de vida. A erupção súbita de uma lembrança que não pertence a esta existência e, com ela, uma energia transpessoal, faz o efeito de uma arma de dois gumes. Por um lado, é verdade, esse brusco alargamento do campo da consciência produz um sensação muito regenerante paralelamente ao sentimento de uma transformação inteiramente benéfica. Mas, por outro — perdoe-me a expressão —, lembra um pouco o efeito de um cão a quem se joga uma bola.

Doravante, pois, para absorver essa nova informação e a energia que ela contém, toda a personalidade deverá se reestruturar. Será necessário, então, superar velhos hábitos, enfrentar bloqueios psicológicos que até então recusava-se ver e assumir, também, novas e maiores responsabilidades. No fundo, nada mais é do que dar início à reunião do ser e de seus diferentes estágios: consciente, inconsciente e consciência superior. A perspectiva é bela, mas induz a toda uma série de mudanças profundas, diante das quais a personalidade do presente vacila, quando não lhe parecem ser extremamente dolorosas. Pois todos nós, no início

da existência, no nascimento e na mais tenra idade, manifestamos com relação à vida uma atitude de confiança e abertura totais, sem defesas. Em seguida, pouco ou muito, nos restringimos porque a própria vida nos ensina que a inocência é abusada, a sensibilidade ferida e a espontaneidade ridicularizada. Começamos então a manifestar reservas, suspeitas, a nos fechar em quadros de pensamento rígidos, a resistir a tudo o que é novo. Adotamos, em suma, a repressão como estratégia porque é mais simples e nos recusamos a ver a riqueza do imenso universo que se desenvolve no mais profundo do ser humano.

Verdade é que quando a energia da consciência superior começa a se fazer sentir, o Eu encontra outra dificuldade, comum a todos os estados de expansão de consciência: deve enfrentar uma sensibilidade subitamente decuplicada: sensibilidade ao sofrimento

dos seres humanos em geral, aos sons tristes que os homens emitem, à vulgaridade, à agressão, ao ódio...

Nas primeiras etapas da reunificação a pessoa apresenta a tendência a sentir-se esmagada pelo peso de sua própria insuficiência, pois descobre, de repente, as energias poderosas, a beleza, a nobreza que se encontram no íntimo de cada ser. E, como um dos nossos principais "maus hábitos" é o de nos compararmos ao que nos cerca, ela descobre, comparando suas próprias insuficiências, os seus próprios limites. Daí surge, com frequência, um penoso sentimento, simultâneo, de culpa e de desencorajamento.

Lembro-me de Annette, uma jovem mulher, quando de uma regressão, e antes mesmo de auscultar o passado, teve subitamente a maravilhosa visão de seres rodeados de luz. Emanava deles uma aura de confiança e alegria. "Eles são bonitos", gritou ela, "e eu sou feia! Estou morta e eles vivos! Eles são felizes e eu triste!" Somente após, ao compreender que eram seres espirituais, e com eles dialogando, cessou a comparação e, recebendo ajuda deles, finalmente compreendeu o que deveríamos todos nos conscientizar: não estamos isolados uns

dos outros. Toda separação é uma ilusão. A verdade é que há profunda unidade em tudo o que vive.

A reação de Annette, longe de ser única, foi típica. Reencontrei-a inúmeras vezes. Ela é proveniente da nossa fundamental incapacidade em entender que pertencemos, na essência, ao mundo de nossas visões mais magníficas. Geralmente não nos permitimos em acreditar que podemos, também, tornarmo-nos os seres luminosos que percebemos furtivamente. Obstinao-nos em considerá-los aparições fora do nosso alcance.

Mas a reação inversa também existe. Ela consiste, desde as primeiras manifestações da existência do mundo superior, em crer que atingimos "a iluminação" e, a partir daí, que todos os problemas estão resolvidos. Por certo que a parte mais elevada do nosso ser, a consciência superior, vive numa zona de liberdade intemporal, além de todo problema e de todo sentimento de divisão interior. Acreditar que, a partir daí, o mesmo irá se reproduzir na realidade do cotidiano, há uma grande distância. O que é real num nível de consciência não o é, forçosamente, em outro. O importante é distinguir entre os dois. Se assim não for, a pessoa, vítima de sua própria ilusão, corre o risco de se exaltar de maneira tão falsa quanto vã.

É preciso também estar alerta para o fato de que um grande fluxo de imagens, idéias, percepções e novas conexões podem dar a impressão de subitamente "tudo compreender". Geralmente, é uma clareza ilusória; a clareza autêntica ocorre a seguir. Lembremo-nos de Blaise Pascal: "Quem se faz de anjo, faz-se de imbecil."

Após uma experiência muito intensa, pessoas com tendência mística podem experimentar dificuldades para se reintegrar ao mundo prosaico da realidade cotidiana. Comparando a iluminação que acabam de conhecer (às vezes acompanhada de revelações) a existência exterior lhes parece, então, mortíça e estranha. Não mais compreendem por que devem enfrentar novamente este mundo onde se sentem prisioneiras e pelo qual, nessa ocasião, reagem com repulsão. "Melancolia divina pela pátria perdida" alternada à incapacidade de agir em nível prático. No fundo,

encontra-se o mito de Ícaro, Ícaro fabricou asas de cera, pois desejava voar o mais alto possível e assim o fez. Mas voou tão alto que o calor do sol derreteu suas asas e ele precipitou-se ao mar. Chamo de bom grado de "complexo de Ícaro místico" a essa tendência em alguns de manifestar uma grande ambição espiritual sem levar em conta os seus próprios limites. Isto é se expor a variadas decepções. Aquele que procura explorar as regiões superiores da consciência deve antes de tudo construir bases pessoais muito sólidas.

Também encontrei o contrário, pessoas que receberam com tal abundância e intensidade as ondas de energia da consciência superior que a experiência tornou-se quase penosa.

"Basta de iluminação!", gritavam elas.

Pode-se concluir de tudo isso que no caminho da evolução pessoal, como em todos os outros caminhos da vida, há obstáculos, dificuldades, perigos e a possibilidade de cometer erros! Mas que não tenham porte tal que nos leve a mudar de direção, pois este é o caminho do nosso desenvolvimento natural. Podemos optar por desconhecer as potencialidades que dormem no mais profundo de cada um de nós. Mas temos também a possibilidade de tentar esta aventura cheia de riscos, beleza e mistério que consiste em trazê-las à consciência. Não é mais difícil escalar as alturas que levam aos estados superiores de consciência do que subir ao topo de uma montanha. E preciso ter o equipamento necessário e também conhecer e respeitar seu próprio ritmo e suas possibilidades.

Nossa existência é cíclica, e, assim como as ondas do oceano, vidas e mortes se sucedem. Neste momento, encarnados nessa terra, dispomos da embarcação ideal, que é um corpo humano, para nos conduzir até a ilha maravilhosa do despertar completo, a mais alta realização possível para o homem. Seria realmente trágico não aproveitar esta vida, desperdiçando-a em futilidades. Ao contrário, é preciso despertar o sentido profundo de nossa vida presente. A exploração das vidas anteriores é um dos meios para lograr isso, um dos caminhos que permite rumar para esse estado de vigília onde tudo é Um, onde todas as facetas da consciência se encontram reunidas, "positivadas", pacificadas na

Sabedoria e na Compaixão. Há outros caminhos que para ele conduzem. Esse é belo, fabuloso, extraordinário: é o que desejo explicar aqui.

Capítulo 2

A VIAGEM NAS VIDAS PASSADAS: TÉCNICAS E MÉTODOS

Existe uma vasta série de técnicas concebidas para facilitar a expansão da consciência. Para provocar a viagem às vidas passadas, há muitos anos utilizo um método que elaborei e que consiste em uma convocação simultânea à relaxação e um desfile de imagens dirigidas. Associo, em seguida, músicas diferentes que se assemelham um pouco às músicas "planantes", mas com uma particularidade: seu ritmo cíclico corresponde ao ritmo das ondas cerebrais alfa, as que o cérebro emite durante a meditação e também em certas fases do sono. O indivíduo mergulha então num estado de calma e paz interior. Essas ondas têm ainda o poder de ativar energias geralmente adormecidas no ser humano. O conjunto dessa técnica tem por objetivo adormecer a consciência comum, a mental. Entendamo-nos bem: não se trata de adormecer a pessoa, mas sim de atenuar a atividade do seu espírito consciente que, desperto, ocupa todo o campo da consciência. Uma vez liberado do presente, uma parte da consciência pode partir na exploração do tempo. No início apenas uma pequena parte (5 a 10%) consegue se liberar, mas na seqüência das sessões aprende-se a atenuar consideravelmente a sua atividade e liberam-se até 80% da consciência.

Parece-me importante precisar que tudo isso nada tem a ver com hipnose. Estudei hipnose e a pratiquei no princípio de minha pesquisa. Definitivamente prefiro as técnicas inspiradas nas tradições orientais, as quais permitem que a pessoa permaneça consciente, livre, senhora de si, permitindo-lhe penetrar num campo muito mais vasto da consciência.

Uma sessão clássica se desenrola da seguinte maneira. Em primeiro lugar, entrevisto a pessoa. O que espera da experiência? Por que deseja fazer esse trabalho? Há algo que pretende compreender? Um problema específico a resolver? A entrevista é muito importante, pois, além das palavras, pode-se sentir o que a pessoa comunica inconscientemente. Certo número de pessoas vem a mim, alegando: o que me interessa é a minha evolução espiritual. Entretanto, é suficiente conversar um pouco com elas para se aperceber de que, no fundo delas mesmas, se esconde uma angústia bem humana. O mesmo acontece com aqueles que afirmam ter vindo pela experiência e não ter nenhum problema. Sente-se também a ansiedade de quem precisamente tem um problema a resolver.

Portanto, a entrevista permite atingir a necessidade de cada um e, assim, ajudá-los melhor. Uma vez realizada, instalo a pessoa confortavelmente no divã. É importante que ela se sinta perfeitamente à vontade, sem algo que a embarace ou a incomode, pois do contrário não conseguirá relaxar devidamente. Em compensação, se desejar mexer-se durante a sessão, poderá fazê-lo, pois que não perturba em nada o desenvolvimento das operações.

A seguir coloco os dois capacetes de alta fidelidade e os dois microfones, através dos quais vamos nos comunicar durante o tempo da sessão. Por que esse intermediário? Por dupla razão: em estado de expansão de consciência há uma tendência a cochichar (às vezes, bem baixinho). Um microfone-gravata hipersensível não é demais para que eu possa apreender bem as palavras do meu viajante. No que me concerne, minha voz será mais persuasiva, mais apta a fazer mergulhar o outro num estado de relaxação, se chegar a ele ligeiramente amplificada por uma câmara de eco e pelo mesmo canal da música. Finalmente, esse

sistema oferece a vantagem de isolar-nos completamente dos barulhos exteriores.

Estamos na penumbra, iluminados apenas pela trêmula chama de uma vela. A pessoa fecha os olhos. Minha voz irá agora guiá-lo através das etapas do relaxamento.

"Nós vamos", eu lhe digo, "você e eu, relaxar, adormecer a parte física do seu ser. Pois, quando o corpo físico está calmo, distendido, adormecido, o espírito tem acesso a outras verdades e a outras realidades."

Entramos então na primeira etapa — importante — da relaxação: a respiração. Habitualmente, apenas peço às pessoas longas e profundas respirações, mas recorro também a uma técnica respiratória muito forte, com retenção momentânea do fôlego, que tem por efeito a superventilação ou a superoxigenação do corpo. De um lado, isso permite baixar as barreiras do mental; de outro, sucede que, numa hiperventilação, o corpo começa a experimentar dores ou incômodos difusos. É que ele reage antes da consciência e passa a exprimir certo número de lembranças aprisionadas até aquele momento. O corpo possui sua própria memória dos acontecimentos passados. Explicarei mais adiante este fenômeno surpreendente.

A fase respiratória tem a duração de cinco a dez minutos (comigo; outros operadores a prolongam). Existem outros métodos respiratórios para atingir a abertura da consciência. Nos meus seminários uso, com freqüência, a técnica das mandalas sonoras acopladas à respiração. Uma mandala sonora é simplesmente um som repetido. Deixa-se o som sair da garganta sem nele participar. Consciente e gradualmente este torna-se mais e mais forte. Os participantes se concentram em sua respiração, que toma um ritmo mais profundo e mais rápido do que o normal. Decorrido certo tempo, tensões corporais se liberam assim como algumas emoções. Pode-se então passar a uma introspecção mais profunda e transcender os limites temporais.

Na Índia, evidentemente, os exercícios respiratórios foram mais sistematicamente desenvolvidos através do Pranayama, o terceiro estágio da Yoga. Encontram-se também traços na tradição ocidental, em alguns místicos e, mais particularmente, na Igreja

Ortodoxa Oriental. É interessante observar que todos esses exercícios respiratórios têm em comum conduzir a uma suspensão prolongada da respiração ou apnéia. Sabe-se, hoje em dia, que a apnéia tem por efeito aumentar a taxa de gás carbônico no sangue e que uma forte concentração desse gás produz no cérebro — e no espírito — fenômenos espantosos. Assim, constatamos de maneira empírica, sem conhecer os fundamentais científicos, que todas as tradições religiosas do passado utilizaram métodos visando a modificar a química do corpo, a fim de facilitar esse gênero de experiências.

Terminada a fase da respiração, retiro a música destinada a ajudar no relaxamento. Para atingir esse estado meditativo de calma e paz, utilizo também técnicas diferentes. Eis uma:

"Agora", digo, "você está calmo, você está tranqüilo. Lá, atrás dos seus olhos cerrados, quero que você pense, que imagine uma praia numa tarde de verão. Crie essa praia, pense nela, imagine-a. Talvez seja uma praia que você conhece, a não ser que a sua alma a teça com os fios do sonho. O sol está baixo no horizonte, mas ainda quente. Sinta isso, crie isso. A areia, sob a luz do sol, é quase branca. Imagine: você andando nessa praia, vestindo uma roupa branca e ampla na qual se sente muito bem. Sinta a areia úmida sob seus pés. Sinta, perceba, experimente o odor da maresia no ar. Você pode também ouvir o canto das ondas do mar, esse canto que embala o gênero humano há milênios."

Posso, nesse momento, acrescentar o ruído do mar à música. Minha voz é calma, tranqüila. Prossigo: "Não há ninguém nessa praia. É uma praia deserta numa tarde de verão. O mar é um espelho de prata que reflete os últimos raios do sol, uma massa de pura luz branca. Agora, encontre um lugar na areia e estenda seu corpo. Estenda-o e permita-o relaxar, adormecer." Suavemente, começamos a relaxar o corpo, partindo dos pés: "Por trás dos seus olhos fechados, quero que sinta, que perceba uma sensação de calma, de paz, uma maravilhosa energia de tranqüilidade que penetra em seus dois pés ao mesmo tempo. E seus pés se distendem e adormecem..." Adormecemos assim as pernas, as coxas, a cintura etc, todo o corpo até a cabeça, o

queixo e a garganta. Mas, sem parar, lembro à pessoa que ela está estendida na areia de uma praia, numa tarde de verão. Sua cabeça repousa na areia. Assim que o corpo está inteiramente relaxado, posso insistir um pouco a fim de aprofundar esse estado, pedindo à pessoa que veja o sol se pondo lentamente e o horizonte mudar lentamente de cor, concluindo:

"E do mesmo modo que o sol desaparece no horizonte, você sente aquela tepidez à sua volta. E percebe, lá, por trás dos seus olhos fechados, o azul agora profundo do céu. O céu está estrelado. Um céu infinito, eterno. Você percebe o canto das ondas, o gosto do sal, o céu, o mar. E simplesmente deixa seu espírito, a pouco e pouco, abrir-se."

O leitor não terá deixado de observar que me repito muito. Isso é proposital. Como também é proposital esse estilo encadeado, onde cada frase é ligada à precedente. Trata-se também de uma técnica herdada da programação neurolingüística, que permite penetrar na barreira do mental para atingir o subconsciente da pessoa.

Esclareço que não sou eu quem relaxa a pessoa estendida sobre o divã. É ela mesma que se distende, sustentada pela minha voz e indicações que dou. Aliás, tenho o costume de dizer que, nesse instante e a partir desse momento, não me dirijo mais à pessoa, mas a um ser imortal e multidimensional, a um filho do universo que ocupa — o tempo desta vida — este invólucro de carne. É a ele que peço durante os quinze minutos, aproximadamente, que vai durar a relaxação, acalmar e distender o corpo físico.

Quanto a mim, deixo minha consciência abrir-se à dimensão espiritual para a qual ambos nos dirigimos. Quero dizer que me coloco também em estado especial de vigília. Isso é absolutamente necessário para que eu possa dialogar com a pessoa. Caso contrário, ela teria a impressão de estar falando com alguém que nada compreende.

Notei, com freqüência, que neste estado (outros operadores também constataram) recebo informações sobre a pessoa sob a forma de pensamentos, de imagens fugidias, de visões. É como se estivéssemos, doravante, instalados numa harmonia vibratória favorável à troca de informações sutis entre nós. No que se refere

aos meus viajantes, disseram-me muitas vezes que nesse instante sentiram o estado de consciência no qual eu me encontrava. Essa comunicação aguda será, para nós dois, uma ajuda preciosa durante toda a viagem.

Há outra coisa que constatei, em muitas ocasiões, nesse momento. As pessoas se tornavam muito mais bonitas do que eram ao chegar. Seus rostos, além de calmos e distensos, são como que iluminados por uma nova luz. Vejo isso como o reflexo dessa luz interior que queima no fundo de nós sem que dela, muitas vezes, tenhamos consciência. Acresce que a pessoa quando está estendida no divã, nada mais tem a provar, nem um papel a representar ou uma imagem a projetar. A máscara social e o invólucro das convenções desaparecem. Ela se mostra, então, tal qual é, com a sua parte iluminada e pronta a revelar o seu lado sombrio, do qual nos fala Jung, que será necessário incorporar ao seu Eu. É um verdadeiro trabalho de alquimia espiritual a reconciliação das duas partes de si mesmo. A abertura da consciência e a viagem no mundo espiritual permitem essa alquimia onde o ser encontra sua unidade.

Acontece-me, com muita freqüência, utilizar, para a relaxação, uma outra técnica conhecida pelo nome de "visualização do corpo cavo". Ela procede do segundo ciclo de meditação sobre o fogo interior dos tibetanos e os médicos lamas a utilizam como instrumento terapêutico. Eu a adaptei ao trabalho que faço. Após a fase de respiração, com a pessoa sempre estendida, digo:

"Lá, atrás dos seus olhos fechados, imagine, perceba, sinta a luz que penetra pelos dedos dos seus pés e depois pelos pés. Tudo o que se encontra sob a pele dos pés, a carne, os músculos, o sangue, os ossos, desaparece pouco a pouco e é substituído pela luz branca. Essa luz branca, então, sobe lentamente ao longo de suas pernas até os joelhos. E tudo o que se encontra sob a pele das pernas até os joelhos, a carne, os músculos, o sangue, os ossos, é substituído pela luz branca."

Prossigo assim com as diferentes partes do corpo, até que todo ele fique constituído, apenas, de luz branca sob o revestimento de pele. Em seguida, peço à pessoa que imagine que a sua pele, por sua vez, tornou-se clara e transparente como um arco-íris e que

ela também torne-se imaterial. Não resta agora mais do que luz branca, tendo a forma de um corpo, cujo espírito se libera.

Tenha eu usado uma ou outra técnica, a relaxação está terminada. O corpo da pessoa está calmo e distenso; sua mente em vigília (permanece mais ou menos ativa dependendo de cada um). Para arrematar o processo, antes de entrar na fase seguinte, conto regressivamente de vinte a um:

"A cada número você irá permitir que a parte física de seu corpo penetre mais profundamente nesse universo de calma e paz."

Essa contagem é importante, pois quanto mais o corpo se aprofunda na relaxação, mais o espírito se libera e penetra, pouco a pouco, num campo de consciência cada vez mais vasto.

Peço, então, à pessoa que visualize uma bola de luz azul pairando sobre sua cabeça. Ela desce lentamente em sua direção e, quando a toca, estende os raios protetores ao redor dela, até envolvê-la inteiramente. Essa luz vai lhe servir de proteção espiritual durante toda a viagem. Expliquei no livro *Noussommes tous immortels* que essa proteção espiritual é necessária, quer se empreenda uma viagem para fora do universo dos nossos cinco sentidos quer se trate de um exercício de meditação, de uma viagem às vidas passadas ou de uma saída para fora do corpo. Perguntaram-me, muitas vezes, por que eu utilizava a luz azul e não a branca, por exemplo, ou de qualquer outra cor. Sem maiores detalhes, eu diria que a razão é dupla.

Antes de tudo, quando da minha viagem no tempo que me levou a Govenka em 1984, recebi de Veda o conselho de utilizar uma bola de luz azul-noite como proteção espiritual e — como vamos ver em seguida — quando do mergulho no túnel temporal. Assim, utilizei-a no início sem saber o porquê, porém constatando que as pessoas munidas dessa proteção "ingressavam" com mais facilidade nos estados especiais de vigília.

Um ano mais tarde, em Chicago, ouvindo os ensinamentos de Kriyananda, ouvi referências aos Tattvas pela primeira vez. Todos os que estão engajados no campo da abertura espiritual, sabem que existem no ser humano sete centros de energia vital, sete sóis chamados chakras, que significa "roda" em sânscrito. Esses chakras estão dispostos ao longo da coluna vertebral, da base até

o alto do crânio. Cada um deles tem o seu próprio papel, fundamental na estrutura energética do ser humano. Os yogues ensinam que esses sete chakras são ativados por cinco tattvas, o primeiro dos quais situado na base da coluna vertebral tal como o primeiro chakra; o segundo embaixo do umbigo, assim como o segundo chakra, o mesmo com o terceiro no plexo, o quarto no centro do peito e o quinto na garganta. Por que somente cinco tattvas, quando são sete os chakras? Porque, de acordo com as mesmas correntes yogues, somos a quinta "raça-mãe", a quinta raça humana desde a origem da humanidade. Com a chegada da era de Aquário o sexto tattva está a ponto de descer dos planos de consciência e, assim, ativar o sexto chakra que corresponde ao terceiro olho e a uma mudança de consciência para a humanidade.

Eis que, explica-nos Kriyananda, cada tattva tem seu símbolo bem preciso: o primeiro, um quadrado amarelo; o segundo, uma meia-lua branco-leitosa; o terceiro, um triângulo vermelho; o quarto, uma esfera incolor e, o quinto, o da garganta, um círculo de luz azul-noite.

Assim, finalmente, encontrei a explicação para a proteção espiritual dada por Veda, posto que ela corresponde ao nosso estado atual de evolução espiritual. Penso, entretanto, com o recuo dos anos, que não se trata somente de uma proteção espiritual. Esta bola de luz azul é, também, a meu ver, uma esfera temporal. Quero dizer que enquanto o espírito empreende a sua viagem no tempo, é ela que mantém, de certa maneira, o corpo e a estrutura energética da pessoa no presente.

É óbvio que não desenvolvo todas essas noções durante a sessão. Contento-me, em geral, em invocar uma "proteção espiritual". Como o termo assusta ou incomoda por antecipação ("se me protegem, é que é perigoso"), faço alusão a um véu protetor. Ele envolve delicadamente toda a pessoa e torna ainda mais profunda a calma e a paz que ela já usufrui.

Último detalhe: quando peço para "visualizar" a bola de luz azul, não significa que é necessário gerar uma imagem precisa. De início, muita gente se desencorajava porque, diziam, não

conseguiam vê-la. Visualizar não é forçosamente ver. Pode se sentir.

É o que tento fazer com que compreendam, logo que, durante a relaxação, por exemplo, não sugiro visualizar, mas, sim, "pensar", "imaginar", "sentir" e, sobretudo, "criar". Nossos olhos espirituais nada têm a ver com nossos olhos físicos. Nessa outra dimensão é que está o mundo do espírito, pensar alguma coisa é fazê-la existir.

Além da bola de luz, invoco, também, para a pessoa que se prepara para viajar ao encontro do seu passado, a proteção de um guia espiritual. Mais corretamente, do seu anjo da guarda. O termo pode fazer sorrir (eis por que, de acordo com o que sei ou pressinto das crenças de cada um, invoco essa proteção em voz alta ou apenas em pensamento), porém, creio, profundamente, que para além da iconografia cristã — que lhes deu asas! — todos nós, efetivamente, temos ao nosso lado um guia invisível, irmão do outro lado, ligado aos nossos passos que, no mundo luminoso onde se encontra, vela pela nossa evolução.

A pessoa agora está pronta para mergulhar no seu passado, mesmo o mais longínquo. Ela está inteiramente aberta. Pois, por mais inacreditável que possa parecer, nós nada esquecemos. O subconsciente lembra-se de tudo. Conforme afirma: "Nos redutos memóricos do seu subconsciente está registrado tudo o que lhe aconteceu desde o momento do seu nascimento e, ainda mais, na sua vida fetal e em todas suas vidas passadas. Cada pensamento, acontecimento e ação lá estão registrados."

Não se trata, portanto, de viajar às cegas em sua memória, resuscitando ao acaso seqüências do passado. Lembro que, durante o encontro preliminar, nós nos esforçamos em elucidar o profundo anseio da pessoa. Talvez alguém tenha confessado problemas insolúveis de comunicação com o próximo; outro, uma atração violenta e incompreensível por certa pessoa (ou um lugar, uma civilização, um animal etc.) ou, pelo contrário, uma aversão, *a priori*, injustificável. Ainda outro pode ter se queixado de fracassos sucessivos.

Seja qual for o caso, a pergunta é sempre a mesma: Por quê? Ora, a resposta dessa questão jaz no passado, num acontecimento preciso, mais ou menos escondido na memória profunda. É para ele que peço à consciência que se dirija. Ignoro do que se trata. O interessado não sabe mais do que eu. É do fundo da memória, como uma bolha de ar que lentamente sobe do fundo do oceano para irromper à superfície, que a lembrança surgirá a pouco e pouco. Iremos descobri-la juntos.

Nesse estágio, certo número de pessoas que aprenderam a deixar cair as barreiras do mental, já começam a sentir as impressões, as emoções e "partem" para uma seqüência do passado. Nesse caso, inicio imediatamente o trabalho e faço as perguntas rituais: "Onde está você? O que se passa? Você está só?" etc. Mas, na maioria dos casos, um veículo, por assim dizer, torna-se necessário para conduzir as pessoas ao seu passado. Trata-se, bem entendido, de técnicas. As mais utilizadas são os túneis temporais e as máquinas temporais. Alguns preferem se servir de guias. O Dr. Pecci, psiquiatra californiano, já citado, primeiro presidente da APRT, pede a seus pacientes que visualizem um guia aureolado de luz branca que os acompanhará ao seu passado.

Em geral, eu me restrinjo à técnica do túnel temporal, que consiste em visualizar um túnel ligando o presente ao passado. "Nele", digo, "atrás dos seus olhos fechados, desejo que você pense, imagine um círculo de luz azul-noite. Esse símbolo é o símbolo de sua Própria memória temporal. Atrás desse círculo há um túnel, um canal temporal. Em instantes contarei de cinco a um. No 'cinco', você vai entrar no túnel e no 'um' você vai sair. E simplesmente deixará as coisas acontecerem."

Note-se que mais uma vez recorro ao círculo de luz azul-noite, ligado ao quinto chakra. Assim, projetando a pessoa através desse círculo, é através de sua própria memória universal que a projeto simbolicamente.

Desde que a pessoa entra no túnel, estímulo-a a que se sinta girando: ela é tomada por um movimento que se acelera à medida da minha contagem regressiva. Falo rapidamente e eu vou

contando no mesmo ritmo acelerado. No número três, peço-lhe que perceba uma luz branca no fim do túnel. Ela se aproxima a toda velocidade. No dois, esta luz a envolve completamente. No um, a pessoa sai do túnel, no seu invólucro de luz. Retomo o ritmo normal de minha respiração e de minha voz. Faz-se calma subitamente. O viajante chegou. Num outro tempo. Num outro lugar. Numa vida anterior. Pode-se, também, com as mesmas técnicas, regredir à primeira infância ou mesmo à vida fetal, se se desejar. Voltarei a esse ponto. Seja qual for o acontecimento do passado que a pessoa veio a encontrar, e que não conhece ainda, ele está muito próximo, pronto para emergir à superfície de sua consciência. Mas, para saber do que se trata, em que lugar e em que tempo ele se situa, é necessário recompor a cena ponto por ponto, como se fabrica uma imagem no computador ou uma tapeçaria. Lembrem-se: visualizar não é ver. Conforme já disse anteriormente, apenas 5 a 20% da consciência liberam-se do presente e chegam a captar o passado. Donde a impressão que têm alguns, é o que eles mesmos dizem, de "não decolar", de estar "sempre aqui", de "não partir" etc, com a decepção que isso provoca, donde o hábito de pedir às pessoas o mínimo de três sessões. Não é menos verdade que se pode perfeitamente reviver os acontecimentos do passado permanecendo consciente do presente, pois o campo de consciência é ampliado.

Para começar a reconstituir a cena, desde a saída do túnel, peço à pessoa que descreva os seus pés. Estão nus? Calçados? Com quê? E seu corpo? Pode, mentalmente, tocar o seu braço e me dizer se ele é gordo ou magro? Se o busto é de homem ou de mulher? Pode deslizar a mão pelos cabelos e dizer se são encaracolados? Lisos? Curtos? Longos? Peço-lhe também para apertar mentalmente as palmas das mãos, uma contra a outra, tão fortemente quanto possível. Constatei que isso permite à consciência penetrar mais nesse seu corpo, essa outra realidade do passado.

Depois do rosto e do corpo, passamos ao vestuário e aos ornamentos (colar, anéis, pulseiras etc.) que são com frequência preciosos indicadores para determinar a época na qual nos situamos, tanto quanto o exame das mãos permite avaliar a idade

aproximada da pessoa. Mas a idade é um dado que, em geral, surge com certa facilidade.

As respostas se tornam mais e mais precisas, como se em cada detalhe um pouco mais da consciência deixasse o presente pelo passado.

Da própria pessoa passamos, então, ao meio ambiente. Está dentro? Fora? Em pé? Deitada? Sentada? Sobre o quê? e assim por diante. Está só? Não? Como sente as pessoas que a cercam? Eis que, agora, as respostas se carregam de emoção. É o sinal de que penetramos realmente na memória do inconsciente. Com frequência, é nessa ocasião que o acontecimento que viemos procurar começa a emergir.

Pode acontecer, todavia, que a cena descrita pela pessoa não apresente maior interesse. Nada acontece ou, pelo menos, nada fundamental ou que pareça ligado ao problema procurado. Com efeito, o elo existe: seja porque o acontecimento pesquisado se situa na mesma encarnação e se localiza com facilidade solicitando à consciência superior do indivíduo para se deslocar no tempo e ir ao fato "mais importante dessa encarnação"; seja porque o evento deu-se numa outra encarnação. Utilizo, então, uma técnica a fim de induzir o inconsciente àquela outra vida, no momento propício. É o que vai ser exposto no exemplo seguinte, que também permite absorver melhor, "na prática", como se produz a revocação à consciência das lembranças do passado.

Na primavera de 1987, Jacques, homem de negócios com atuação internacional, veio me ver. Era um homem bem-realizado, pragmático. Explicou-me que as vidas passadas lhe interessavam, mas que desejava, sobretudo, realizar a experiência da abertura de consciência, pois lhe parecia ser um instrumento de desenvolvimento pessoal capaz de ampliar a sua visão do mundo e aguçar a sua sensibilidade na esfera dos negócios. Incidentalmente, durante a conversação, ele também abordou um problema que o incomodava consideravelmente: há quatro anos, contraía, de seis a oito vezes por ano, torcicolos extremamente dolorosos. Tinha recorrido a tratamentos médicos sem grande efeito. Tentara também massagistas, terapeutas e

acupuntura que tampouco não lograram aliviá-lo. Ele viajava muito e as dores o afetavam, infelizmente, nos seus deslocamentos profissionais. Imaginei que chegar a Tóquio, para um congresso, com o pescoço bloqueado, não deveria ser muito engraçado.

Eu lhe propus, então, verificar logo na primeira sessão se a causa do seu problema físico jazia em seu passado. "Por que não?" respondeu Jacques com um leve sorriso. Procedi às diferentes etapas da relaxação. Jacques, que praticava a meditação zen, demonstrou facilidade e partiu rapidamente para se encontrar ao fim do túnel temporal... alguns anos antes.

— São minhas férias — disse-me ele.

— Não tem importância. Diga-me onde se encontra — respondi.

— Estou num pequeno burgo na Alemanha. Numa grande praça calçada de pedras.

— Você está só?

— Estou com minha mulher, Beatriz, e as duas crianças... Mas, insisto, são as minhas férias na Alemanha — gritou ele.

— Não tem importância. Continue — insisti, pressentindo que aquelas supostas férias bem podiam esconder alguma coisa. — Descreva-me a praça.

— Há arcadas... é um burgo que manteve o seu caráter medieval, com o prédio da prefeitura no estilo gótico alemão e lojas... Não, isto não serve para nada — insistiu ele —, são as minhas férias na Alemanha. Lembro-me muito bem, foi no mês de julho. Nós pegamos o carro...

Uma vez mais, eu o levei à sua descrição dos lugares. Pedi que me dissesse como estava vestido, assim como a mulher e os filhos. Enquanto ele respondia, lentamente comecei a sentir um angústia no nível do plexo. Convidei-o, então, a agir como se realmente lá estivesse nesse momento, na praça da aldeia.

— Em que hora do dia você está? — disse-lhe. — Que está fazendo? Como sente esse lugar?

Sem transição, dirigi-me à sua consciência superior:

Agora, vou contar até cinco e, então, você verá a causa, a causa, a causa do problema na nuca que afeta o corpo do presente, nada mais do que a causa, a causa.

Contei rapidamente até cinco, estalei os dedos e lhe disse: — Agora deixe as coisas acontecerem. O que se passa? A paisagem havia mudado. Jacques ainda estava na mesma praça, porém três séculos antes. Vestia roupas de camponês. Tinha as mãos amarradas às costas e era conduzido para a forca. Eu o fiz reviver toda a cena, incluindo o enforcamento final. Em seguida, fi-lo passar para o outro lado, depois da morte, no período entre as vidas. Ao fim de um trabalho, que explicarei depois, Jacques tomou consciência de que seus problemas na nuca provinham diretamente desse enforcamento no passado. Depois dessa sessão, nunca mais apareceu.

O restabelecimento de Jacques foi real, tão real como foi, para ele, a história do enforcamento no século XVII num burgo alemão. Assim, portanto, é necessário abordar um aspecto que, com maior ou menor intensidade, a todos interessa: Jacques elaborou o cenário com todos seus componentes, mesmo que inconscientemente, ou reencontrou de fato a lembrança de um acontecimento que não pertencia a esta vida? As vidas anteriores são mito ou realidade?

Um pesquisador cheio de dúvidas iria esquadrinhar os arquivos da época. Vasculharia os registros de nascimento e os autos de processos dos burgomestres. Exigiria datas, nomes, detalhes. Quanto a mim, o que interessa é que cada um se abra para si mesmo e encontre o caminho da sua própria reunificação.

Não resta dúvida que a pergunta merece ser feita. Mas, como toda questão simples referente a um fenômeno complexo, não se pode respondê-la de maneira definitiva.

Procedamos por ordem. Poderia tratar-se de uma simples fantasia mental, de um cenário pleno de imaginação e de invenção montado com todas as peças? Parece difícil. Se pedirmos a cem pessoas para que improvisem uma história situada, digamos na Idade Média, mesmo os mais dotados nesse gênero de exercício vão hesitar, elaborar suas palavras e realmente terão dificuldade em construir algo coerente em cinco ou dez minutos. Ora, no caso de Jacques como em outros, é uma narração construída, inteira, que flui espontaneamente e sem esforço. Por vezes, quase sem a intervenção do operador, o que já me aconteceu. Aliás, quanto às

centenas de milhares de pessoas que viajaram num passado anterior a esta vida, a grande maioria declara que não pode se tratar de uma simples elaboração imaginativa. Esses viajantes afirmam ter tido muito mais a sensação de experimentar, reviver literalmente uma situação, um acontecimento do que relatar uma história.

Tenho, com freqüência, constatado que, naquele instante, a voz da pessoa muda, assim como algumas das suas expressões faciais. É como se, ao contar a sua outra vida, as pessoas reencontrem os traços de sua antiga identidade.

Essa característica levou alguns a dizer — especialmente os médiuns que se dedicam às vidas passadas — que se tratava de um fenômeno de leve possessão, isto é, a personalidade se encontrando temporariamente "parasitada" por outra personalidade. Não tenho grande experiência nesses fenômenos chamados de possessão ou, mais pudicamente, de "parasitagem" por uma entidade, mas sei que as pessoas que deles são vítimas têm ao mesmo tempo a consciência e a penosa impressão de estarem habitadas por qualquer coisa estranha a elas mesmas. Em geral, seu comportamento muda radicalmente e essa mudança é acompanhada de medos irracionais, de suores frios e de perturbações diversas que jamais constatei nas pessoas que viajam no passado. Por outro lado, longe de ter um sentimento de estranheza, todas testemunharam, ao contrário, uma impressão de familiaridade, um sentimento profundo de conexão com a personalidade reencontrada na vida anterior.

É justamente essa familiaridade, esta intimidade mesmo, que levou um certo número de psicólogos e psicanalistas clássicos, sob a influência de Freud e mesmo de Jung, a dizer que as pretendidas lembranças das vidas passadas são, de fato, construções do inconsciente, histórias que ele inventa e põe em cena para contar seus conflitos internos; "metáforas", conforme me afirmaram algumas vezes.

Eis uma hipótese que merece ser levada em consideração, ainda que não seja realmente possível, atualmente, explicar como simples metáforas, pela só razão de serem expressas, possam induzir ao restabelecimento das doenças que elas representavam.

Dito isto, não se pode a meu ver confundir os cenários das vidas passadas com simples construções do inconsciente. Para bem compreender isto, é melhor, sem dúvida, aproximar os dois pontos de vista através de duas técnicas: aquela que utilizo para as vidas passadas e a técnica chamada de "imaginação ativa" desenvolvida por Jung.

No método da imaginação ativa, os participantes, em regra, permanecem sentados como que para uma meditação. Se lhes pedem que se deixem sobrelevar numa "bolha" do inconsciente. Pode ser uma imagem, um fragmento de sonho, pouco importa. O essencial é não procurar, de maneira alguma, interpretar, guiar ou controlar. Com um pouco de prática chega-se a isso muito bem e essa imagem, moldada pela lógica interna, sua própria energia psíquica, começa a se animar, isto é, a contar uma história para a qual o participante é convidado a entrar. Não na qualidade de narrador, pois que ele nada deve dirigir, mas como ator dessa espécie de sonho acordado. Pede-se mesmo, em certos casos, que ele dialogue com as personagens da história. É expressamente recomendado que se sintam bem todas as emoções (de medo, cólera, tristeza, agressividade etc.) que vão atingi-lo.

Esclarecendo o acima dito, eis o relato que fez Claude de uma dessas sessões de imaginação ativa:

"Estou correndo. Tenho um forçado à mão. Pessoas lutam à minha volta. Há soldados a cavalo. Creio que são camponeses que se batem contra soldados. São muito numerosos ao meu redor. Eles se aproximam de mim. Um cavaleiro se destaca e dirige-se diretamente para mim. Seu rosto se contorce de furor. Ele ergue a espada. Eu salto no ar, nas nuvens. Desapareço e eis que me encontro com a idade de seis anos. Estou chorando, caí e fiz um grande galo na cabeça."

Eis, agora, o que daria a mesma história numa sessão de regressão nas vidas anteriores:

Patrick: — O que você está fazendo?

Claude: — Estou correndo num campo.

— Você está só?

— Não. Há muita gente.
— Como são essas pessoas? Como você as sente?
— Todo mundo corre. Creio que se trata de uma batalha.
— Como está você vestido?
— Tenho roupas bastante pobres, andrajos. Meus pés estão calçados com pedaços de panos; o tecido é grosso.
— Em que isso faz você pensar?
— Creio que somos camponeses.
— Contra quem vocês estão combatendo?
— Há soldados a cavalo. É contra eles que nos batemos.
— Quem parece estar levando vantagem?
— Os soldados. Creio que é uma revolta de camponeses. Estão nos dizimando.
— Qual é seu aspecto físico? Como você se sente?
— Sinto-me bem pequeno, rechonchudo, musculoso. Devo ter uns vinte anos.
— O que está fazendo? Está armado?
— Tenho um longo forcado na mão. Os outros têm armas improvisadas.
— O que acontece agora?
— Os soldados vêm em minha direção. Um deles ergue a espada.
— E agora?
— A espada acerta a minha cabeça. Estou coberto de sangue. Caio. Creio que estou morrendo. Eu parto. Eu flutuo.
— E, agora, de que você tem consciência?
— Eu flutuo sobre o meu corpo. Minha cabeça está arrebitada. Sinto-me desligado. Acabou. Eu parto.
— Para onde você vai?
— Deixo meu corpo onde está. Vou para um lugar acima da terra. Sinto presenças benignas em torno de mim.
— Você sabe quem são esses seres?
— Talvez sejam guias. Sinto que me comunico com eles sem falar. Agora, não tenho mais corpo.

Pondo lado a lado as duas narrativas, salta aos olhos que há um certo número de pontos em comum. Toda a diferença reside na maneira pela qual a história é desenvolvida. Na primeira, é concedido livre curso à imaginação e ao inconsciente. No momento fatídico em que a espada vai despedaçar o crânio do jovem, este vacila e inventa uma interrupção evitando enfrentar o sofrimento e a morte.

Nesse caso, como se pode ver na segunda narrativa, ocorreu verdadeiro traumatismo, o qual não possibilitou nenhuma chance de se elevar à consciência. Assim dizendo sem intenção de crítica à técnica de Jung, que tem o imenso mérito de saber estimular as percepções internas e abrir caminho, como pioneira, para outras técnicas, sublinhando a diferença. Na técnica da imaginação ativa inexistiu preocupação em saber se a história sai efetivamente do inconsciente ou se provém da memória. Não se procura estabelecer ligação entre a criança de seis anos que fez um galo na testa e o camponês que morre com o crânio esfacelado por uma lança.

Entretanto, quando em sessão, teria podido, perfeitamente, levar Claude à sua infância e ao momento em que fez o galo na cabeça e pedir à sua consciência superior que fosse na direção de um acontecimento similar em um outro passado. Teríamos recolhido, então, sem dúvida, a mesma narração. Destaco, por outro lado, para registro, que realizei esta sessão com Claude, que era sujeito a raras mas violentas dores de cabeça, desaparecidas após a regressão.

Assim, pela sua própria técnica, a regressão às vidas passadas parece impedir o inconsciente de desfiar simplesmente as suas fantasias. Mas será que as fantasias do inconsciente não participam, de alguma maneira, na memória das vidas passadas? "Lembrar-se, recordar-se", não são coisas simples.

Quando nos lembramos de um acontecimento específico da nossa infância, um fato marcante: feliz (um casamento, uma viagem, as férias...) ou, pelo contrário, um drama familiar, podemos assegurar que a recordação não foi embelezada ao correr dos anos ou se houve traumatismo, dramatizado?

Se formos honestos com nós mesmos, seremos obrigados a admitir que em toda lembrança, sobretudo quando empreendemos contá-la, entra uma parte da fabulação, muitas vezes, aliás, involuntária. Trata-se, sobretudo, de uma deformação subjetiva dos fatos, bem evidente quando são comparadas as diferentes versões de uma mesma cena, dadas por todos os que assistiram a ela. Não há objetividade nas lembranças. A associação dessas duas palavras equivale ao absurdo, pois toda lembrança está ligada a uma emoção e toda emoção age como um filtro: a afetividade desfigura. Sabemos disso, mas não acorrerá a inteligência de ninguém negar a realidade de sua infância, sob o pretexto de que as lembranças que são guardadas, após o fato, apresentam-se relativamente recheadas de erros históricos (datas, nomes, lugares), de anacronismos e inexatidões de todo gênero. Entretanto, é em nome dessas inconsistências históricas que muitos rejeitam a hipótese das vidas anteriores (eis o que nos distancia do inconsciente), "pois — dizem eles — a memória não é autêntica".

Ora, a meu ver, a garantia da autenticidade da recordação das vidas anteriores não está no grau de veracidade das informações objetivas que fornece, mas, ao contrário, na carga emocional que comporta (o que nos leva ao inconsciente), pois toda lembrança surgida do inconsciente comporta enorme carga emocional. É nesse ponto que se distingue da lembrança consciente. Guardamos certo número de lembranças e quando acontece ressuscitá-las interiormente ou contá-las, dizemos que as revivemos. E efetivamente temos a sensação de reviver, ao mesmo tempo, as emoções (de entusiasmo, de cólera, de alegria, de medo...) que então sentimos. Mas, ainda aqui, não fazemos senão lembrar nossa antiga emoção. Não a revivemos realmente. Em contrapartida, quando a emoção antiga se "sobreleva" com a lembrança — em geral, aliás, antes dela —, quando remonta intata, como se a cena se desenvolvesse pela primeira vez, aí está, infalivelmente, o sinal de que o inconsciente destrancou a sua porta. Os psicanalistas conhecem bem o processo que é, também, a base da chamada à consciência das lembranças das vidas passadas, posto que a consciência superior, já vimos, tem

acesso ao inconsciente. A comparação termina aqui. Não há processo de catarse com as vidas anteriores, pois a consciência superior permite restringi-lo.

Persistem, entretanto, digo de passagem, as objeções de que as lembranças das vidas passadas não são senão recordações bem atuais de filmes, cenas lidas ou vistas na infância. É um debate que vai ainda se prolongar por um certo número de anos.

Posso, apenas, contrapor a minha experiência e a de dezenas de outros pesquisadores que continuam convencidos, após anos de prática cotidiana, que lidam com lembranças de fatos vividos.

Assim mesmo, ao longo de dez anos de trabalho, de reflexão e de pesquisa, minha posição modificou-se. Creio — bem entendido! — na existência de vidas anteriores, mas penso que as lembranças que se exprimem em estado de expansão de consciência são, com efeito, uma espécie de colcha de retalhos de diferentes materiais: de uma parte, traços imemoriais de acontecimentos que efetivamente ocorreram; de outra, tentativas do inconsciente para resolver seus conflitos internos em nível simbólico, arquetípico, como o faz nos sonhos.

A esse respeito, é interessante notar que os sonhos contêm, às vezes, traços de vidas anteriores, sobretudo os sonhos recorrentes. Cheguei a me servir dos sonhos para fazer algumas pessoas se debruçarem em suas vidas passadas.

Foi assim com Anne:

Anne tinha uns cinqüenta anos e sofria de uma ligeira claustrofobia. Em grandes lojas, ou em outros lugares repletos de gente, como o metrô nas horas de movimento, ela era tomada de mal-estar e de sensações difusas de sufocação. Todos os sintomas só se manifestavam quando a multidão era densa, mas não a impediam de viver nem de sair à rua. A par disso, ela repetia o mesmo sonho há uma dezena de anos: o de uma mulher que fugia no campo perseguida por sombras. O sonho era bastante intenso. Todas as vezes Anne acordava com o coração batendo aceleradamente, com suores frios e forte angústia. Após dez (ou quinze minutos), ela se acalmava e tornava a dormir. O sonho podia espaçar quinze dias, um mês, dois meses no máximo, mas repetia-se sempre. Anne tinha assistido a uma de minhas

conferências em Paris, em 1986, e telefonou-me para fazer um trabalho sobre esse sonho. Ela não estava particularmente atraída pelo fenômeno das vidas passadas. Queria apenas compreender o que o sonho tentava lhe comunicar. Quando veio ver-me, pela primeira vez, não havia estabelecido nenhum elo consciente entre esse sonho e as sensações na multidão.

Em nosso encontro preliminar, falou-me do seu sonho e, incidentalmente, no curso da nossa conversação, tomei conhecimento da sua claustrofobia.

Decidi, então, não levá-la à sua infância, nem à sua vida fetal, nem a uma de suas vidas passadas, mas especular diretamente o seu sonho pedindo a ele, como se me dirigisse a uma pessoa, que me contasse a sua história e a sua origem.

Após a fase de relaxação, solicitei a Anne que imaginasse estar adormecendo, que dormia, sempre permanecendo, é claro, consciente para reencontrar o "sabor", o "odor" do sonho. Ela, que se lembrava muito bem de seu sonho, falou logo no início de maneira consciente:

— É uma mulher de branco que foge. Há sombras atrás dela. A fim de fazê-la mergulhar mais profundamente em seu sonho, eu lhe pedi:

— Ligue-se às sombras. Como você as sente?

— Sinto uma ameaça.

— Gostaria que me dissesse o que se passa em seu corpo do Presente.

— Sinto uma angústia crescente.

— E a mesma angústia que você sente ao despertar do sonho?

— Sim, é isso.

Nesse ponto, mais ou menos um quarto de hora já era passado e decidi acelerar o movimento. Disse a Anne:

— Você está agora fugindo no campo. É perseguida pelas sombras. Vou contar até três e vamos reencontrar o acontecimento que se esconde atrás desse sonho. Um, dois, três. O que se passa agora?

Mais uma vez, a cena havia mudado. O campo aberto desaparecera, cedendo lugar à entrada de uma aldeia. Uma mulher

corria em direção ao campo, tentando escapar de uma multidão enraivecida que a perseguia. Queriam matá-la por feitiçaria. A infeliz foi apanhada, moída de pancadas e deixada, supostamente morta, no lugar onde se encontrava.

A cena era difusa, as circunstâncias imprecisas. Parecia que estávamos num país do sul da Europa, Itália ou Espanha, na Idade Média. Não procurei saber mais, mas sim ajudar Anne a reviver as diferentes fases da sua morte, pedindo que ela procurasse uma ligação entre essa história e o seu problema presente. Respondeu-me que sentia medo da multidão devido à lembrança da multidão em cólera que a havia massacrado no passado. O sonho não era senão uma revocação a esse episódio sob uma forma disfarçada.

Houve apenas mais uma sessão e os fenômenos desapareceram totalmente.

Resta uma questão que, neste ponto, sem dúvida o leitor se faz. Mesmo que as viagens nas vidas passadas permitam, aparentemente, resolver um certo número de problemas, não serão elas perigosas, em todo caso, se julgarmos por certas cenas revividas traumatizantes?

Antes de tudo, precisemos isto: conforme já disse, todas as viagens no tempo não desembocam em vidas dolorosas.

A Dra. Hélène Wambach, que procedeu à regressão de milhares de voluntários com sua técnica particular (ela os leva à relaxação profunda e os conduz, de século em século, à "verificação" de suas diferentes vidas), estima pelas suas estatísticas e pesquisas que 70% das pessoas, ao longo da história da humanidade, morreram na cama tendo como causa mais comum a pneumonia.

Por outro lado, no que me concerne, constatei, no decorrer de todos esses anos, que a maior parte das pessoas que regressa ao passado, não vê, senão muito raramente, coisas horríveis ou violentas. Parece que o inconsciente libera apenas as memórias anteriores (mesmo da pequena infância ou da vida fetal) que somos capazes de suportar e integrar à nossa estrutura pessoal consciente. Tudo se passa como se ele destilasse suas

informações, gota a gota, através de um filtro, a fim de que elas possam ser assimiladas pouco a pouco.

Todavia, é claro que, como todo caminho efetuado às camadas profundas do inconsciente, a exploração das vidas passadas é delicada. Abre-se a caixa de Pandora. Dela podem sair poderosas forças inconscientes, mais ou menos controláveis, de fortes emoções, um sentimento provisório de desestabilização. É por isso que faço questão, uma vez mais, de alertar, como costume fazer em cada uma das minhas conferências ou seminários: as viagens temporais só devem ser empreendidas com pessoas que já tenham feito essa experiência ou, diria eu, esse trabalho: os que mergulharam nas profundezas de sua própria psique, tanto no nível das suas vidas passadas quanto de sua infância, da sua vida fetal ou do seu nascimento. Inversamente, parece-me claro que falar de um fenômeno como a viagem nas vidas passadas, ou desejar estudá-lo, sem ter feito a própria experiência, não apresenta valor experimental. Seríamos, então, expostos às armadilhas que o inconsciente estende: a projeção (de seus próprios traços psicológicos sobre o outro), a transferência (de seus próprios desejos e esperanças), a ilusão e o enlevo partilhados. É necessário o contrário, que o operador tenha ido o mais longe possível na exploração de si mesmo, que ele se tenha pesquisado a fundo e se apresente integrado.

Tudo é, em suma, questão de ética e método. Tive em mãos um livro escrito sobre as vidas passadas por Arnold Bloxham que, durante certo tempo, foi presidente da sociedade dos hipnotizadores ingleses e que faleceu no fim dos anos setenta. Conta como ele e os demais operadores da mesma sociedade procediam.

Eles utilizavam a hipnose, evidentemente. Mas não reside nisso o problema. Ele salienta que estavam muito mais preocupados em coletar o máximo de detalhes históricos suscetíveis de serem verificados, do que a maneira pela qual a pessoa revivia as cenas do passado e do impacto que podiam ter sobre elas. Como prova, a historietta referente a um certo Graham Huxtable, que estava a ponto de reviver a vida de um marinheiro no século XVIII. Acontece que uma batalha estava se desenrolando no mar e o marinheiro teve ^a perna arrancada por uma bala de canhão. Sobre

o divã Huxtable pôs-se a gemer de modo incontrollável. Bloxham, então, nada encontrou de melhor do que esbofeteá-lo vigorosamente para trazê-lo à realidade, a fim de que se certificasse de que a sua perna estava no lugar e intata. Ora, a última coisa a fazer é precisamente usar de violência para reconduzir à consciência as pessoas que viajam. Pelo contrário, é preciso recuperar lentamente a pessoa para a sua consciência habitual, fazê-la lembrar-se das sensações de calma e de paz, pedir-lhe que sinta a vida que corre em seu corpo adormecido e, quando voltar a si, evitar acender as luzes bruscamente etc. Sobretudo, o mais importante é não deixá-la "ancorada" em suas emoções, trazendo-a ao presente nos momentos cruciais. Quando a pessoa se agita, como é o caso, é justamente o sinal de que foi tocado o ponto sensível que será necessário desenvolver. A finalidade da exploração das vidas anteriores é, na minha opinião, permitir a todos os que desejarem, através de um trabalho particular, esclarecer problemas psíquicos, emocionais e mentais que os sufocam. É o despertar pessoal que conta, não a verificação de fatos históricos que dependem de estudo parapsicológico!

É das pessoas condicionadas a uma direção espiritual, o ponto de vista de que não se deve conhecer o passado. É uma opção. Os orientais afirmam o contrário: "Abra a sua consciência. Compreenda quem você é. Reunifique-se. Faça-o em todos os níveis: no da sua vida presente assim como no das vidas passadas. Pois você é a soma de tudo o que você tem sido."

Capítulo 3

O KARMA

Quando a primeira cena encontrada numa regressão ao passado se situa na infância, há fortes presunções de que ela tenha uma equivalente, uma irmã gêmea, ao menos simbolicamente, numa vida anterior. Esses esquemas repetitivos, esses "*patterns*", como dizem os americanos, que nos fazem reviver os mesmos acontecimentos de uma vida para outra, são ligados à lei do karma, da qual vou falar longamente. Eles são muito úteis, também, quando numa regressão, porque permitem passar de uma vida a outra, conforme veremos no exemplo que se segue.

Robert é gago desde a idade de quatro anos, a partir do dia em que andava pela rua e um grande cachorro preto saltou sobre ele. O cachorro tinha os beiços arreganhados e latia violentamente contra seu rosto. Isso não durou mais do que dez segundos; a mãe se precipitou para protegê-lo. Ele não foi mordido, mas sentiu tal pavor que ficou em estado de choque, totalmente mudo durante dois dias. Quando recomeçou a falar, gaguejava.

Naturalmente, os pais de Robert tudo fizeram para tratá-lo. Durante anos ele passou pelas mãos dos especialistas em ortofonia. Não mudou grande coisa. Logo que atingiu a idade adulta, Robert fez dois anos de análise tentando resolver seu problema de expressão oral, trabalhando o episódio da infância. Todos, especialistas em ortofonia, analistas, os pais de Robert e ele próprio estavam de acordo: a gagueira provinha do episódio do cão. (Todavia, o analista supunha que talvez existisse outra coisa por trás.)

Robert falou-me de tudo isso em nosso primeiro encontro. Eu lhe propus, na primeira sessão, retornar à idade de quatro anos e rever o que se tinha passado. Ele retrucou que conhecia o episódio em detalhes, pois não só tinha lembranças muito precisas como já o repetira inúmeras vezes. Entretanto, concordou em reviver, uma vez mais, o que havia acontecido em sua primeira infância.

Eu o instalei no divã e, ao fim do processo que já foi explicado, Robert se reencontrou na idade de quatro anos andando pela rua. É de manhã. Ele anda ao lado de sua mãe. Vão às compras. Subitamente, como que surgido do espaço, um grande cão preto

saltou sobre ele. Robert vê seus beijos arreganhados muito perto de seu rosto. O cão solta latidos furiosos.

Nesse instante, usei uma técnica que permite alongar o tempo, de maneira a que a cena não dure apenas uma dezena de segundos mas dois ou três minutos. No divã, o Robert do presente revivia com intensidade o terror de quando criança. Eu lhe pedi, então, que deixasse ressurgir aquele pavor e, no momento em que senti que a carga emocional era a mais forte, contei de um a três. Ao final, eu lhe disse que a sua consciência superior iria encontrar um outro acontecimento ligado a este, num outro passado.

Imediatamente, Robert encontrou-se num dia de inverno, no campo, na caída da noite, perseguido por cães selvagens. A cena se passava na Idade Média, num período de fome. Os cães viviam em bandos, atacando tudo o que viam para se alimentarem. Robert descreveu com precisão como o homem do passado foi atacado. Ele viu um cão saltando em seu punho, outro na garganta e, um terceiro, em sua perna. Foi um momento penoso, pois se viu morrer lentamente. Como sempre, quando alguém revive o momento de sua morte durante a regressão, o que acontece com freqüência e é um momento difícil, pedi à consciência superior de Robert, que flutuava acima de seu corpo devorado pelos cães, que estabelecesse o elo entre os dois acontecimentos dessas duas vidas: isso permite liberar os obstáculos do presente. "No momento em que o cão latiu em meu rosto, quando eu era pequeno, o traumatismo da minha morte, devorado pelos cães numa vida anterior, se reativou", explicou Robert. O que era correto. Estava-se em presença de um esquema repetitivo, de um desses modelos de que falamos.

Outro exemplo do mesmo tipo é o de uma jovem que sofria de contínuos problemas nos tornozelos, sobretudo o direito. Ela o machucara em várias ocasiões e o havia quebrado duas vezes. Pareceu-me interessante fazê-la reviver um dos episódios de fratura. Viu-se adolescente caindo de uma escada e quebrando o tornozelo. No exato momento em que seu tornozelo se quebrava, usando o processo do alongamento do tempo (cada segundo pode se transformar num minuto), pedi à sua consciência superior para encontrar um fato similar em seu passado. Imediatamente,

ela se encontrou numa carroça, com ferros nos pés, sendo conduzida para Roma, onde seria vendida como escrava. Ainda uma vez o mesmo esquema repetitivo. Eis o que nos leva diretamente à noção do karma. O que é o karma? Percebi que muita gente fala sobre o assunto, sem realmente compreender de que se trata. O karma é uma lei ensinada nas religiões budista e hinduísta e que foi abundantemente comentada pelos tibetanos e pelas escolas yogues em geral. Karma significa "ação" em sânscrito. A lei do karma pretende que toda ação humana — e, ação, entenda-se, também, um pensamento ou um sentimento — traz em si uma carga, seja ela positiva, negativa ou neutra, e que essa carga liberada com a ação retorna sempre àquele que a emitiu.

Assim, aquele que — peguemos um exemplo simples — armazenou ódio ou agressividade será, por sua vez, objeto de ódio e vítima da agressividade de outrem; aquele que deu muito amor receberá muito amor. Não forçosamente na vida presente. A lei do karma é inseparável da doutrina da reencarnação e uma não tem sentido sem a outra.

Aliás, parece difícil acreditar na lei do karma, se ao mesmo tempo não se aceita que uma só alma participa de várias encarnações sucessivas. Gomo explicar, então, as inúmeras injustiças sociais e individuais das quais somos testemunhas permanentes? Como admitir que uns nasçam nas favelas quando outros prosperam no luxo? Como aceitar que nem a inteligência, nem a beleza, nem o talento sejam equitativamente repartidos neste planeta? E como é que tudo parece (saúde, dinheiro, beleza, fama, que sei eu?) sorrir a um homem que teve uma só preocupação na vida: sua insignificante pessoa, enquanto que uma mulher, que deu a sua vida pelos outros, colhe em retorno uma existência semeada de lutos, doenças, plena de solidão e problemas financeiros? Como explicar todas essas injustiças flagrantes, inaceitáveis, se não acreditarmos que vivemos várias existências sucessivas e que, tal ocorrendo, o "incorrigível egoísta" e a "santa mulher" estão, sem dúvida, recolhendo os frutos de vidas anteriores bem diversas da presente?

Certamente, esses dois exemplos são bastante grosseiros. Eu os escolhi de propósito, para que a lei básica do karma seja bem compreendida. Entretanto, ele não se manifesta de maneira tão maniqueísta. O karma age com maior sutileza sob a forma de uma programação, tomando um termo informático, geral do indivíduo; poder-se-ia também falar em "código genético da alma", anterior ao nascimento. Os tibetanos e os yogues nos ensinam que o karma determina as circunstâncias do nascimento, a personalidade dos pais, o meio social etc. Os resíduos kármicos — é assim que são chamados os traços deixados em nós pelas vidas passadas — vão, igualmente, determinar nossos dotes e talentos (ou, pelo contrário, nossas insuficiências neste ou naquele domínio) mas também os elementos maiores da nossa existência. E, neles, vamos reencontrar os famosos "*patterns*" ! Portanto, de uma vida a outra, vê-se a personalidade se "desembaraçar" para recair sempiternamente nas mesmas situações: ser, por exemplo, atraída pelos amigos ou cônjuges que contribuam para a sua elevação (ou, pelo contrário, ao lado dos quais a vida é insustentável) ou, ainda, encontrar-se invariavelmente sob a dependência de personalidades tirânicas, pais ou superiores hierárquicos. Ou então contrair sempre a mesma doença, infligir-se os mesmos ferimentos físicos ou morais. Está implícito que, longe de se "desembaraçar" para criá-los, conforme disse algo ironicamente, a personalidade é prisioneira desses estados repetitivos. Quer isso dizer que ela é condenada para sempre a suportar passivamente o peso do seu karma? É evidente que não. A grandeza do ser humano, e sua qualidade específica em relação a todas as espécies vivas sobre a terra, é justamente a de poder ela mesma se criar. Ele não é apenas a soma dos seus condicionamentos. É também o que ele faz. Existe um meio de se liberar do seu karma, que é tornar-se consciente. Apenas isso, do qual não temos consciência, nos retira de nossa ignorância, apesar de nós mesmos. Quando nos tornamos conscientes de alguma coisa, passamos a dominá-la. Compreendendo seu karma o indivíduo se libera. Dizem os yogues: "A sabedoria apaga o karma." O ser aprende, compreende e evolui. Assim, a alma que transmigra de corpo em

corpo consegue em sucessivas encarnações se depurar de todo seu karma para, finalmente, ver-se livre do "samsara": poder escapar ao círculo de mortes e renascimentos contínuos e atingir o ponto indicado por todos os sábios e santos, que com precisão denominamos seres "realizados" — a efetivação da natureza divina em si mesmo.

Você deseja conhecer o seu karma? Observe-se. Olhe a sua vida, os sucessos e os fracassos, as relações com os outros, a maneira pela qual você se comunica com eles (ou a sua falta de comunicação). Considere também o seu corpo e o seu modo habitual de pensar a respeito do mundo e de você mesmo, seus comportamentos e atitudes, o papel do amor, da alegria, da compaixão e, também, da negatividade que existe em você. São os seus pensamentos, as atitudes de ontem que fizeram o seu hoje. E os de hoje farão o seu futuro. É hoje que você o está criando. Pois não há um meio-termo: ou o karma existe ou não existe. Ou nossa existência não tem uma finalidade e surgimos do nada, e para o nada retornaremos, após a morte, como pensam os niilistas, e nosso destino é o de deslizar ao longo do rio da vida tal como uma canoa sem remos levada, independentemente dela, pela correnteza; ou a vida tem um sentido, uma finalidade e uma inteligência que pode ser designada conforme se desejar: Deus, a Fonte de Tudo o que existe, a Energia cósmica... desenvolveu esse projeto de justiça total. Somos, portanto, responsáveis por nós mesmos.

Tomemos o exemplo de Gérard:

Gérard, homem com cerca de trinta anos, veio procurar-me, em 1986, a fim de trabalhar o seu desenvolvimento espiritual. Queria compreender quem era e, ao mesmo tempo, o motivo dos problemas que tinha em suas relações sociais, bem como no trabalho. Ele trabalhava para diferentes empresas de eletrônica. Por outro lado, estava engajado num caminho de abertura espiritual e se interessava por todas as correntes de pensamento que louvassem o amor e a realização de si mesmo. Ele assistia a conferências, participava de seminários a torto e a direito, freqüentava diferentes grupos de meditação, mas não se sentia bem nem consigo nem com os outros. Já mudara várias vezes de

emprego e considerava-se sempre desvalorizado pelos superiores hierárquicos. As coisas não iam melhor em sua vida pessoal, apesar do seu desejo de estabelecer relações e de ajudar os outros. Ele gostaria de encontrar alguém que participe tivera com mulheres jovens acabavam penosamente, o que em geral o deixava muito abatido.

Tudo isto havia contribuído para dar-lhe uma auto-imagem lastimável, resultando uma espécie de depressão permanente que o isolava ainda mais. Escutando a sua história, fiquei tocado pela maneira como descrevia o universo dos grupos de meditação que freqüentava, assim como pela sua linguagem: havia uma certa inveja oculta em tudo aquilo. Tive a mesma impressão quando ele repetia: "Eu quero me encontrar na luz. Quero ajudar os outros." Sobretudo porque, naquele estágio de vida, ele sentia-se amargo a respeito da sociedade que, como dizia, não tinha mais nada a lhe oferecer, nem um trabalho onde pudesse se afirmar tal como era, nem uma parceira com a qual pudesse partilhar seu ponto de vista espiritual. Sugeri alguns caminhos de reflexão. A cada sugestão, ele retrucava: "Sim, mas isso eu já sei." Pedi-lhe, então, para se deitar, coloquei o capacete, induzi-o a fechar os olhos, respirar profundamente e se deixar ir, simplesmente ir.

— Afaste toda essa amargura e tristeza de você — eu lhe disse.

— Veja para onde você será levado.

Ele obedeceu. Seu corpo participou: cerrava os punhos, sacudia a cabeça em sinal de recusa.

— Não é justo — disse ele após alguns segundos —, não é justo. Por que você me abandona?

Perguntei a quem ele se dirigia.

— A Colette — respondeu-me —, minha última companheira.

— E prosseguiu: — Não, Colette, não é justo. Por que você me abandona? Fui o mais gentil dos homens com você. Fiz tudo por você. Por que me abandona? Por que faz isso?

— Repita essas questões — pedi, para ver onde aquilo iria nos levar.

— Por que me abandona? Por que me deixa? — perguntou Gerard. — Por que me deixam? Por que não fazem nada? Ajudem-me.

— O que está se passando? — indaguei, alertado por essa brusca mudança de interlocutor.

— São os outros. Eles me abandonam. Nada fazem. Deixam-me.

— Mas o que se passa?

— Os soldados vieram me procurar.

— Não é mais Colette. São as pessoas da minha aldeia. Os soldados vieram me procurar e ninguém me defende.

— Os soldados são ameaçadores?

— Não. Vêm simplesmente me procurar para me prender. Gérard, no seu presente, começou a chorar.

— Ninguém fez nada. Todos me abandonaram.

Gérard havia trazido à sua memória a lembrança de uma vida no século XV, numa aldeia. Ele era herborista, vagamente curandeiro e ia com freqüência à floresta, colher suas plantas e ervas. Vivia só, nos arredores da aldeia, pois não havia sido totalmente aceito como um deles, embora em boas relações com todos. Um dia, homens armados e um padre se apresentaram diante de sua porta. Vinham prendê-lo: acusações formais de magia e bruxaria haviam sido feitas contra ele. Foi interrogado e, por falta de provas, não o executaram, mas foi mantido na prisão. Morreu, só na sua cela, após vários anos, exaurido pela má nutrição, maus-tratos e doença.

Essa primeira sessão, além de ajudar Gérard a exprimir emoções poderosas, sobretudo de sofrimento, permitiu também compreender por que, no seu presente, havia tido o desejo de ajudar os outros e, ao mesmo tempo, não conseguira estabelecer ligações sólidas com as pessoas. Decidimos então voltar àquela vida numa segunda sessão, a fim de tentar saber mais e definir melhor seu efeito sobre o presente.

— Eles me abandonaram — repetia Gérard, revivendo o mesmo episódio. — Entretanto, eu estava lá para ajudá-los. Vocês se divertiram comigo etc.

O ferimento do karma não estava perfeitamente curado. Não havíamos, até então, encontrado a causa original. O que se esconderia atrás do herborista-curandeiro da Idade Média com um fim trágico? Descobrimos, juntos, que em várias outras vidas

o mesmo cenário se repetira. Por volta do ano 1000, Gérard havia sido mulher numa pequena aldeia próxima ao rio Sena, aldeia essa que foi totalmente arrasada pelos bárbaros vindos do norte. Numa vida mais antiga ainda, no século VI, onde hoje é a Alemanha, fora um dos primeiros padres cristãos a evangelizar os bárbaros. Ele tentou educá-los, cuidar deles, mas certa manhã foi apunhalado pelos saxões irredutíveis. O cenário era sempre o mesmo: "Eu os ajudo e vocês me abandonam."

Fizemos uma última sessão para encontrar o momento em que esse abandono ocorreu pela primeira vez, procurando saber, de alguma maneira, quando essa dificuldade surgiu no passado de suas vidas. Considerando todos os elementos que já tínhamos, pedi à consciência superior de Gérard que fosse diretamente à origem de tudo aquilo. Eis o resumo do que aprendemos daquela vez.

Gérard havia sido médico especialista em acupuntura no século II, na China, sob a dinastia Han. Era discípulo de Lao-tsé, fundador do taoísmo, e trabalhava conforme as normas da já milenar medicina chinesa. Era um médico integrado aos princípios chineses, esforçando-se mais em conservar as pessoas com boa saúde do que tratá-las uma vez doentes. Gérard descreveu a casa em que habitava, sua família, os que o cercavam, e a maneira pela qual trabalhava os meridianos da acupuntura, permitindo ao Chi, a energia vital, circular livremente pelo corpo. Um dia, foi chamado à corte imperial para tratar um dignitário atingido por uma doença que Gérard não pôde descrever, mas que parecia ser um problema de degenerescência cancerosa. Apesar de todos os seus esforços, foi incapaz de curar o dignitário que veio a falecer. Imediatamente, por decreto imperial, foi despojado de tudo o que possuía, de todos os seus direitos, inclusive o de praticar sua arte, e jogado na prisão. Lá morreu, amargurado por não ter encontrado uma só voz que intercedesse a seu favor, por ter sido totalmente abandonado pelos mesmos que havia ajudado durante toda a sua vida.

Aqui estavam as raízes kármicas de Gérard: sua necessidade em ajudar os outros assim como a incapacidade em fazê-lo devido ao medo de enganar-se.

Isso, porém, Gérard não havia compreendido em suas vidas passadas. Eis por que ele repassou, sem cessar, de uma existência a outra, pelos mesmos esquemas, revivendo incansavelmente os mesmos dramas. Na vida presente, o peso do seu karma o levou à iniciativa espiritual que lhe permitiu compreender a si mesmo e superar o seu karma.

A última sessão foi definitivamente salutar para Gérard. As conexões entre a vida atual e a original do médico chinês tornaram-se evidentes. Uma carga penosa e antiga saiu de suas costas. A partir desse momento, ele começou a se abrir tanto para si mesmo quanto para os outros. Ele, que era como um cego tentando guiar outros cegos, tornou-se um vidente procurando conduzir os outros para a luz que percebia ao longe. Começou, então, a fazer amigos e, em seguida, a comunicar-se melhor com os demais e a comungar de verdade com aqueles que o cercavam e seguiam o mesmo caminho.

Não o vi durante dois meses. Quando o reencontrei, havia mudado consideravelmente. Fizemos ainda algumas sessões. Numa das últimas, ele se encontrou cavaleiro na Terra Santa, encarregado de proteger os peregrinos que visitavam Jerusalém dos sarracenos. Reviveu a sua morte sob flechas sarracenas: dera sua vida para proteger e defender a vida dos outros. Olhando seu corpo lá embaixo, sentiu-se orgulhoso. Esta vida, manifestamente, trazia compensação à amargura e ao desespero das outras. O fato de ela ressurgir concluiu o processo de reequilíbrio e reunificação que tínhamos empreendido com Gérard.

Assim a sabedoria fez desaparecer o karma. Gérard podia, a partir daquele momento, viver diferentemente. Não era mais obrigado a repetir o mesmo cenário.

Note-se que Gérard reviveu, primeiro, todas as experiências anteriores, negativas, para só depois encontrar algo de positivo. Assim acontece com frequência nesse tipo de trabalho: as vidas que têm qualquer coisa a nos ensinar surgem antes na memória. As

outras se apresentam em seguida. É, portanto, mais compreensível que a busca nas vidas anteriores seja feita com a finalidade de resolver um "problema".

Este é um ponto que eu gostaria de fixar, pois não é evidente para a nossa mentalidade judaico-cristã: não se pode confundir karma e moral. O karma não castiga. Também não recompensa. Ele restitui. É uma lei de total justiça. Para os hindus e os tibetanos, não existe pecado. Deus, amor e fonte da vida, não pune suas criaturas. São elas que se punem por ignorância. Todo o nosso trabalho consiste, então, em cessar de ignorar, tornar-se consciente.

Os orientais também não têm a mesma concepção nossa do bem e do mal. Não há para eles o bem no qual Deus se encontra, nem o mal em que Ele é ausente, mas duas forças contraditórias — o Yin e o Yang, diria o tao — em que Deus habita assim como Ele habita em todas as coisas, posto que Ele é tudo.

Assim sendo, pode-se perguntar o que permite determinar uma boa ação (sempre no sentido amplo, pensamento e sentimento incluídos) e uma ação má; a natureza — boa ou má — de um karma. Os yogues nos respondem que má é toda ação que fere o indivíduo, trate-se de si mesmo ou de outrem. Todavia, não existe verdadeiramente ferimento senão quando o consciente (ou inconsciente) do indivíduo quis ferir, conforme se poderá verificar no exemplo de Marianne.

Marianne é professora num liceu e faz parte, há quinze anos, de uma fraternidade iniciática. Ela tem um belo proceder espiritual. Trata-se de uma pessoa muito dedicada aos outros. Dedicava várias horas por semana para visitar doentes e assistir os terminais. Ao reviver algumas das suas vidas anteriores viu-se, numa delas, sacerdotisa do deus Tlaloc, o deus asteca da lua. Os sacerdotes de Tlaloc realizavam sacrifícios de crianças e Marianne viu-se numa cena na qual ela sacrificava, com as suas próprias mãos, uma criança num altar de pedra. Ficou horrorizada. É preciso compreender que, à época, era um ato normal. Sacrificar uma de suas crianças ao deus era então imensa honra para a família e também para a própria criança. Ela não sofria, pois lhe davam algo para beber que a deixava

inconsciente. Entretanto, de acordo com os nossos valores atuais, é um ato horrível.

Numa vida ulterior, esclarecida em sessão seguinte, Marianne era uma freira no fim do século XIX. Ela havia partido para a África a fim de se ocupar de crianças leprosas. Regressa à França, quarenta anos depois, para morrer no seio de sua congregação de origem, em 1925, desgastada por tantos anos de apostolado e de selva.

Hoje em dia Marianne vive feliz. Casada, tem dois filhos e a vida que sabemos. Haveria um karma negativo ligado ao sacerdócio do deus Tlaloc? Do nosso ponto de vista, que é o da nossa cultura, sim. Mas no daquele que realizou o ato de sacrifício, evidentemente que não.

Pergunta-se por que o ocidente, que admite totalmente a herança genética dos traços físicos e de caráter, persiste em recusar a herança kármica, este ADN espiritual, como nos ensinam os orientais. Talvez porque seria necessário admitir que o karma coletivo também existe e é responsável pelo estado do mundo tão "malfeito" e do qual nos queixamos sem cessar...

Mencionarei uma última coisa a propósito do karma. Tenho cruzado com certas pessoas que, pregando a doutrina do karma, pregam também o que chamarei de uma forma de desmobilização geral de ajuda ao próximo. O raciocínio é mais ou menos assim: por que ajudar os outros se ainda não compreendemos a natureza ilusória das nossas emoções, dos nossos apegos, dos nossos sentimentos etc., porquanto somos apenas cegos guiando outros cegos?

Sinto vontade de responder que, sem dúvida, todo o mundo material é somente ilusão — "maya" — como dizem os hindus. Mas que, ao mesmo tempo, nenhum sacrifício na ajuda ou no amor ao próximo é em vão. Ainda que seja irreconhecido ou mal aproveitado pelo beneficiário, pois todo ato de renúncia de si mesmo é um ato de liberação que nos aproxima do objetivo. Quanto mais derrubamos as muralhas da prisão do nosso ego, maiores serão a luz e o brilho do nosso ser. Nossa força de convicção passa a ser a nossa vida, mais persuasiva do que todas as palavras piedosas,

os sermões ou os argumentos especiosos: seja magnífico e despertará nos outros a necessidade de ser também.

Um dos grandes pensadores do começo do século, Gurjieff, dizia que o ser humano era conjugável no plural. Quando falamos de nós mesmos na vida cotidiana, dizemos "eu": "eu faço isto, eu penso aquilo, eu amo isso, eu não quero isto", mas somos vítimas de uma ilusão. O "eu" do qual falamos não existe. Há centenas de milhares de pequenos "eu" em cada um de nós. Somos múltiplos, divididos em nós mesmos. Nos anos 60, Roberto Assagioli, o pai da psicossíntese, pôs isso em evidência e demonstrou que cada pessoa é constituída de diversas subpersonalidades formadas por todas as espécies de acontecimentos marcantes ou, sobretudo, de influências da infância. Mas o que é verdade nesta vida o é igualmente na perspectiva das vidas anteriores. Roberto Assagioli propõe que cada um realize a sua psicossíntese, isto é, reunifique as suas personalidades conscientizando-se; da mesma forma, graças à abertura de consciência, podemos realizar a nossa psicossíntese de todas as subpersonalidades herdadas das vidas anteriores. Há, por exemplo, traços de nosso caráter que nos surpreendem, pois contradizem o conjunto de nossa personalidade; outros nos incomodam porque não se enquadram em nosso sistema de valores ou nosso ideal humano; outros, ainda, que nos intrigam. Freqüentemente, as pessoas vêm me procurar para compreender melhor — isto é, se desimpedir — um aspecto psicológico que as perturba. Muitas vezes encontrei pessoas que sentiam cólera, agressividade, até mesmo ódio. Ora, a maior parte já estava engajada num caminho espiritual e se dava perfeitamente conta de suas tendências. Sofriam certa vergonha e se esforçavam em combater tais reações. Mas combater só serve para esconder nas sombras o que ressurgue sempre. O necessário é tentar compreender a origem dessas cóleras e em quais acontecimentos do passado estão as suas raízes. A experiência me ensinou que elas estão, muitas vezes, ligadas à morte: a pessoa morre encolerizada e a leva consigo para o outro lado.

Pierre é um desses indivíduos que se perguntam sobre o sentido da existência, que procura se abrir para melhor se compreender e

se aperfeiçoar, assim como um número crescente de pessoas, hoje em dia, filiadas a movimentos de despertar espiritual. Pierre sente cólera, agressividade, inveja mesmo, tudo o que desejaria superar. No decorrer de uma de nossas sessões ele trouxe, à consciência, a seguinte história:

— Sou um camponês. Estamos na Europa central. Exatamente na Romênia.

— Como você se sente nessa existência?

— Bem. É uma vida um pouco difícil; não temos muitos recursos, mas somos felizes. Estamos numa aldeia tranqüila.

— Mas de onde vem a cólera? Persiga a causa. Tente sentir sua essência. Qual é a sua origem?

A imagem oscila e eis que o camponês romeno se encontra diante da sua aldeia destruída pelos turcos, quando das invasões otomanas na Europa central. Ele vê os seus, os amigos, os vizinhos, todos degolados, massacrados; a aldeia em chamas. Ele mesmo agoniza e um poderoso sentimento de ódio enche seu peito:

— Eu os odeio — repete ele —, eu os amaldiçoó.

Ele morre com essa enorme cólera que, a partir daí, vai transmigrar de vida em vida.

Outro exemplo de cóleras do passado, transmitidas ao presente, é o de Eliane. Eliane é uma jovem enfermeira. Faz também uma busca espiritual e segue curso de meditação. Há alguns anos ela é sujeita a crises de cólera terríveis — às vezes provocadas por quase nada —, crises que não pode dominar, embora seja uma personalidade doce e atraente. É também muito suscetível. Fizemos uma sessão a fim de descobrir a origem das crises. Eliane encontrou-se no século XVII, quando se chamava Marie-France. Tinha o hábito de freqüentar missas negras. Descreve, aliás, de maneira extremamente precisa, as diferentes reuniões onde são invocadas as forças negras da humanidade. Ela assume o papel de oficiante e relata que os participantes estão deitados sobre as lajes e como ela mesma se concentra para chamar as forças do mal. Enquanto fala, sua voz, cujo timbre é normalmente claro, torna-se grave e rouca. Chegamos ao fim daquela vida. Marie-France é presa com todo o seu grupo e

queimada como feiticeira em praça pública. Retardo deliberadamente a cena da fogueira e lhe pergunto:

— O que se passa agora?

— Estou amarrada num poste. O fogo começa a subir.

— Que sente você?

— Uma enorme cólera.

— Há muita gente assistindo à execução?

— Sim. Há uma multidão. Para essas pessoas é um espetáculo.

— Como reagem elas?

— Elas se divertem! — grita.

— Há pessoas perto de você, ao lado da fogueira?

— Um padre que eleva uma cruz e que diz preces.

— Que sente você por esse padre?

— Ódio.

Assim Eliane/Marie-France abandonou seu corpo, levando consigo imensa cólera. No dia seguinte a essa sessão, Eliane sentiu-se melhor, embora um pouco cansada. Após mais um dia, telefonou-me dizendo nunca ter se sentido tão leve. Decidimos, assim mesmo, ver se havia algo mais por trás dessa vida de feiticeira à época de Luís XIV e buscar a causa original do karma. Fizemos então uma outra sessão para cair, desta feita, na existência que precedeu à de Marie-France. Eliane era um monge inquisidor. Encarregava-se do controle nas cadeias, a fim de averiguar se as pessoas suspeitas de feitiçaria estavam sendo questionadas conforme os ritos estabelecidos, à época, pela Igreja e a ordem de São Domingos. Ela descreveu os maus-tratos infligidos àqueles homens e mulheres, por vezes muito jovens. Perguntei ao monge o que ele sentia. Com a sua consciência do presente, Eliane respondeu-me:

— É horrível o que fazem, porém mais horrível ainda é que não sinto nada. É como se eu fosse um contramestre verificando se tudo acontece de acordo com as regras. Minha impressão é a de ter a consciência em paz.

Aos sessenta anos, o monge inquisidor retirou-se da vida ativa, a fim de levar, numa habitação familiar, uma vida mais meditativa. E lá, enquanto meditava, ele se pôs a questão que Eliane formulou em voz alta:

— Temos o direito de torturar esses infelizes em nome de Jesus Cristo?

Imediatamente apurei os ouvidos: sem dúvida, a chave das vidas futuras estava ali, na culpabilidade sofrida pelo monge. Ele morreu aos 72 anos, idade avançada para a época. Durante os últimos doze anos de vida, entrou, pouco a pouco, numa depressão latente, causada pela sua culpabilidade. Antes de morrer, gritou: "Cometemos um grave erro. Jesus nos ensinou o amor entre os homens e nós torturamos esses infelizes para trazê-los, à força, ao caminho certo. Não tínhamos o direito de fazer isso." Morreu com sua culpa e a levou consigo no período entre as vidas. Essa foi a razão que o levou a escolher a reencarnação naquela existência marcada pela feitiçaria. Outras vidas, entre a de Marie-France feiticeira e a de Eliane do presente, contribuíram para suavizar a culpabilidade, o karma do passado. Restaram, entretanto, as violentas crises de cólera que deixavam Eliane ofegante após alguns segundos. Após essa última sessão, ela sentiu-se completamente liberada do peso do passado. Contou-me que, oito dias mais tarde, passeando no parque Monceau, em Paris, subitamente sentiu uma sensação de extraordinário bem-estar que durou vários minutos. Como se ela fosse, enfim, reunificada.

Mais uma vez, a lição do passado havia produzido seus frutos: "Aprender, compreender e evoluir."

Segunda Parte

OS CAMPOS

DE

BATALHA KÁRMICA

Capítulo 4

A MEMÓRIA DO CORPO

Nas escolas clássicas, os traumatismos físicos são considerados sem influência sobre o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Alguém teve, na infância, uma doença grave que pôs em perigo a sua vida? Psicólogos convencionais vão se concentrar nos traumatismos afetivos que sofre a criança, quando separada da mãe devido à hospitalização. A experiência da ameaça de morte e de desconforto físico extremo que acompanham uma doença grave não constitui aos seus olhos um traumatismo importante ou durável. As minhas observações — como as de numerosos pesquisadores — mostram, ao contrário, que os traumatismos físicos — sobretudo quando são acompanhados de ameaça de morte — deixam na pessoa traços indelévels. No estado de expansão de consciência, as reminiscências de doenças, ferimentos, intervenções cirúrgicas, acidentes e, geralmente, em todas as situações em que a vida é posta em perigo (ou, em menor grau, quando o indivíduo tem a atividade física diminuída) são muito freqüentes. Quando falo de traço indelével, não me refiro somente à lembrança: os traumatismos contribuem também para o desenvolvimento de desordens emocionais e afetivas.

Sabe-se, hoje em dia, que as desordens emocionais, a angústia, uma certa tendência à depressão, podem provocar, por sua vez, bloqueios de ordem física. Isto foi demonstrado pelas escolas osteopáticas e, notoriamente, pelos trabalhos de Ida Rolf, nos Estados Unidos. É o que explica um osteopata francês, Jean-Pierre Martinenghi em sua tese: "Parece que nossa vivência, nossas emoções ficam gravadas em nosso corpo (...). Assim o

tecido conjuntivo torna-se carregado de nossas emoções. Uma propensão surge, levando o corpo à esclerose e ao envelhecimento."

Melhor dizendo, averiguou-se que certas dores ou sintomas puramente "físicos" na aparência de fato estão diretamente ligados a acontecimentos do passado que tiveram sobre o indivíduo forte impacto emocional. Como se o corpo estocasse num ponto preciso a carga emocional. Por exemplo, dores ou desconfortos físicos que — como assinalei no capítulo precedente — começam a se manifestar durante a fase da respiração. "Tenho uma sensação de peso no peito" ou "sinto um incômodo na omoplata (na bacia, no joelho etc.);" são frases preciosas para mim. Pois, por pouco que a pessoa esteja relaxada e realmente disposta a deixar as coisas acontecerem, pode-se lhe pedir, sobretudo, que não rejeite a dor ou o incômodo, mas, ao contrário, permitir que se expressem. Dá-se o mesmo quando a pessoa, na conversa preliminar, manifestou o desejo de compreender a origem desta ou daquela doença ou mal-estar crônico. Com freqüência, os problemas físicos são o ponto de partida nas primeiras sessões. Trata-se, em geral, de pequenos problemas rebeldes que a medicina não consegue neutralizar: insónias, medos, angústias, tosse etc. Dou início à sessão pedindo à dor que se manifeste, que me conte a sua história e o que provocou a sua aparição. Aí está um fabuloso trabalho a realizar para um psicanalista ou um psicólogo. Efetivamente a dor se exprime. O corpo conta a sua história, fazendo retornar à consciência o acontecimento do passado ligado às penas do presente.

Também é possível que seja um fato ocorrido na infância da vida atual. Constata-se, com freqüência, que o traumatismo (da infância ou de outro momento da vida) está diretamente ligado a outro episódio traumático acontecido numa vida anterior. Também aí encontram-se os *patterns*. Nesse caso, é a dor que serve de ponte entre as duas vidas e nos permite passar de uma para outra. Por vezes, não há acontecimento traumático na história do presente e o sofrimento do corpo aparece como expressão direta de um problema não resolvido do passado, de um karma. Tal como no seguinte exemplo:

Ariane é cantora profissional e musicóloga. Canta Mozart, fjadn, mas, há alguns anos, sofre de um problema. Acontece — com relativa freqüência — que as suas cordas vocais ficam bloqueadas Sobretudo a esquerda que, ao mesmo tempo, é sujeita a hemorragias. Como se fosse de propósito, isso acontece antes de viagens importantes, o que já a impediu de realizá-las, com prejuízo profissional. Ariane é interessada na abertura de consciência e se pergunta da possibilidade de ser um problema kármico. Por isso, veio me ver.

Já deitada no divã, faço com que relaxe e peço à sua corda vocal esquerda que se exprima através da boca de Ariane e que nos diga a causa do seu problema. Rapidamente ela começa a ter algumas visões difusas atrás de seus olhos fechados. Depois diz que "escuta" realmente ruídos de multidão. Trata-se, aqui, do que chamamos fenômeno de clariaudiência. É bastante raro mas, no caso de Ariane, cujo trabalho privilegia o senso auditivo, é relativamente compreensível. Intrigado, pergunto-lhe:

— O que diz essa multidão? Ligue-se em suas vibrações. O que emite ela?

— É uma multidão irada — responde. — Gritam. Ao mesmo tempo, percebo uma alegria doentia em sua cólera.

— Ligue-se em você mesma.

— Estou no meio deles. Tenho a impressão de que me levam a algum lugar.

— É um espaço aberto? Estamos ao ar livre ou num interior?

— Não. Estamos ao ar livre. Tenho a impressão de que é uma grande praça. Levam-me. Sinto que vou morrer... Vão me matar!

— exclama subitamente e começa a chorar.

— Observe bem o que se passa no seu corpo. Como sente o que parece ser seu próximo fim?

— Sinto-me abatida. É qualquer coisa de inevitável. Nada mais posso fazer: sou como um carneiro sendo conduzido ao matadouro. Ao mesmo tempo, sinto um vago orgulho.

— Tentemos compreender o que se passa. Ligue-se nas pessoas. Como estão vestidas? O que isto a faz pensar?

— É... É a Revolução francesa. Sou uma nobre e, junto com outros, estou sendo conduzida à guilhotina.

— Avancemos alguns minutos no futuro, até o momento em que a guilhotina cai.

Faço-a reviver o momento da sua morte. Pergunto-lhe o que sente, agora que tudo está acabado.

— Flutuo acima do meu corpo — respondeu-me. — Isso não me interessa mais. Não sou mais eu.

— Você teve medo no momento da morte?

— Sim. Ainda sinto aquele medo. É difuso, mas ainda o sinto.

— Você quer dizer que vai levar o medo consigo?

— Sim, creio que sim. É ainda vago, mas ele me acompanha.

— Gostaria que fizesse, se possível, uma ligação entre esse passado e o presente desta vida.

— Cada vez que devo cantar em público, isso me lembra aquela multidão que me levou à guilhotina. As pessoas que me aplaudem nas salas de concerto me fazem pensar naquelas que gritavam de alegria enquanto eu marchava para o meu fim.

Esta sessão realizou-se em meados de 1986. A partir desta data, ao que eu saiba, Ariane não teve mais problemas nas cordas vocais. É interessante destacar que Ariane é de origem americana. O acaso (?) do seu destino a fez viver na França, trabalhar na França e trazer à consciência esse fato, do tempo em que era francesa durante a Revolução, com a ajuda de um operador francês. Facilmente ela poderia encontrar alguém nos Estados Unidos.

Outro exemplo semelhante me foi dado por uma pessoa sujeita a repetidas anginas. Ela nasceu com o cordão umbilical enrolado no pescoço. A experiência me mostrou (já disse) que, muitas vezes, estes nascimentos correspondem, nas vidas anteriores, a uma morte por enforcamento ou estrangulamento. Bem entendido, a pessoa em questão de nada sabia. Apenas a relaxação terminada, ela desembocou diretamente no fim de vida, bastante vago, de um homem. O único elemento claro que parecia se destacar do conjunto era o de que esse homem ia ser enforcado. Mas, no momento da execução, como num filme, surgiu um cúmplice que obrigou o carrasco, sob a ameaça de uma arma, a libertar a sua vítima. E os dois homens fugiram a cavalo. Suspeitei que um cenário tão ideal fosse uma magnífica esquiwa

do subconsciente, mas eu o deixei continuar e, então, ele deslizou imediatamente para uma outra vida. Desta vez nos encontrávamos no deserto, onde o nosso homem ensinava a cultivar a terra. Nada mais apareceu nessa vida. Na sessão seguinte, propus que regressássemos à primeira. Lá, então, a pessoa reviveu o que se havia efetivamente ocorrido: seu enforcamento.

Ao invés do exposto nos dois exemplos precedentes, ocorre que, ao reconduzir uma vida anterior à consciência, encontra-se a explicação de um problema físico do presente.

Testemunha disso é uma mulher de uns trinta anos que, numa sessão, reencontrou uma vida no século XII. Ela foi morta asfixiada, com o peito esmagado por uma rocha. Essa jovem sofria de asma há seis anos. Em seguida à sessão, não somente suas crises espaçaram e diminuíram de intensidade, como verificamos que ela tinha 27 anos quando foi esmagada pela rocha: idade exata na qual a asma se manifestou nesta vida.

Talvez seja bom fazer, aqui, algumas observações. Primeiro, nem todos os problemas físicos que temos originam-se fatalmente de influências anteriores à vida presente. Pode-se torcer o tornozelo num passo em falso sem pedir socorro ao passivo kármico. E, se é verdade que existe sempre uma razão encoberta para todo acontecimento, ela pode ser, simplesmente, atual. No caso do tornozelo, por exemplo, a imobilização passageira pode permitir o restabelecimento.

Em segundo lugar, pode-se perguntar como não sucumbimos sob o peso kármico, se tudo o que atravessamos nas numerosas vidas passadas é sentido no presente. Entretanto não é bem assim. Há karmas ativos e karmas neutros. Os ativos são aqueles cuja influência — boa ou má — se faz sentir na vida presente. Os neutros são aqueles dos quais não temos consciência e que existem apenas em estado latente. Podem ser reativados, despertados ou não, em certas circunstâncias da vida. Lembremos a história de Jacques, morto três séculos antes na pequena aldeia da Alemanha, onde foi passar suas férias na vida atual. Somente porque retornou ao lugar, seu karma reativou-se, fazendo-o sentir dores na nuca.

Evidentemente, os cétricos podem ainda perguntar se esses cenários, essas narrações ligadas a problemas físicos reais não são apenas elaborações do inconsciente, uma tradução imagética — uma "metáfora", novamente — de uma doença, de uma dor, de um mal-estar do que a lembrança de uma vida passada. Disseram-me isto com freqüência e confesso que essa reflexão não me surpreende. Pois é claro que hoje em dia — a despeito, como vamos ver, do avanço de certas pesquisas neste domínio — tem-se ainda a maior dificuldade em crer que o corpo e o espírito possam estar tão intimamente ligados e interagir a esse ponto um sobre o outro. Nosso pensamento ocidental (e, com ele, toda a filosofia clássica) considerou há muito tempo corpo e espírito como duas entidades separadas. É esse dualismo o fundamento do pensamento cartesiano. Tratei longamente deste assunto em meu primeiro livro e a ele não retornarei agora. Mas, nem por isso, deixa-se de ver por todo lado as conseqüências infelizes desse modo de pensar, especialmente na medicina, onde coexistem, sem nenhuma comunicação entre eles, de um lado os médicos do corpo e do outro os psicólogos e psiquiatras encarregados do espírito. As universidades, os colégios, os centros de pesquisa em medicina e em psiquiatria estão completamente separados ou divididos em departamentos estanques. Não há pesquisas em comum ou confrontação dos respectivos resultados. No conjunto, considera-se tudo isso perfeito. O dualismo corpo/espírito está, aliás, tão bem instalado — consolidado — nas cabeças que os psiquiatras, no espaço de um século, inclinam-se progressivamente para uma explicação puramente orgânica, bioquímica da psique humana, onde todo pensamento e todo sentimento se encontram reduzidos a um processo químico e, mais comumente, ser o espírito um produto do órgão a que chamamos cérebro.

Certamente, há alguns anos, existe uma tentativa de aproximação das duas metades da laranja que são o corpo e o espírito através de uma nova concepção: a psicossomática. Mas, em regra geral, a fenda permanece entre os mantenedores do tratamento das doenças pela linha farmacológica e os adeptos da tendência que leva em conta o aspecto psicológico.

O papel da mente e do subconsciente em certos problemas físicos é ainda largamente negado. Trabalhos, como os dos doutores Karl e Stéphanie Simonton, provaram, à sociedade, as estreitas conexões entre o corpo e o espírito e a recíproca influência que um exerce sobre o outro. Esses dois médicos — mundialmente conhecidos — obtêm, de fato, melhoras espetaculares de doenças como o câncer, graças a uma técnica que elaboraram: a visualização positiva. Consiste, especialmente, em o doente visualizar seu sistema imunológico lutando contra a proliferação de células malignas. Essa técnica foi desenvolvida sob o nome de psiconeuroimunologia.

Por outro lado, o que chamamos de movimento holístico tenta hoje em dia recuperar a ponte entre o corpo e o espírito, recorrendo ao pensamento oriental. Desde sempre, no oriente, se conhece e se aprende a utilizar o poder criador do pensamento e da imaginação.

Estamos, portanto, ainda longe de absorver todos os princípios da interação corpo e espírito. Precursor, Wilhelm Reich, médico e psicanalista, nos anos trinta, morreu numa prisão americana, por ter defendido até o fim as suas idéias sobre o funcionamento do ser humano. Para ele, toda desordem orgânica era o reflexo direto de um problema emocional. Em conseqüência, pensava ele, ao se conseguir a regulação do problema emocional, o corpo poderia restabelecer-se por si só.

Alguns terapeutas retomaram, posteriormente, os trabalhos de Reich e puderam verificar, com segurança, que os traumatismos emocionais deixam marcas como que "imprimindo-se" no corpo: nas estruturas musculares, nos órgãos, no conjunto complexo de seus diferentes sistemas (linfático, endócrino, nervoso etc). Há mesmo tanta "reserva" emocional estocada nas diferentes partes do nosso corpo que, inevitavelmente, quando recorremos a terapias corporais como a osteopatia, certas formas de massagens etc, ela surge à superfície. Admitindo-se abrir um pouco mais o espírito e aceitar a hipótese de vidas anteriores, percebe-se então — como o fizeram e o relataram alguns médicos americanos que exploram esse domínio com paixão — que trabalhando certas regiões musculares de um paciente,

provoca-se nele um fluxo de lembranças (freqüentemente fragmentárias) de suas vidas passadas.*

Leonard Orr, pesquisador californiano, fez nesse campo um trabalho considerável com o *rebirthing* (renascimento), um método fundado sobre a hiperventilação, a qual permite liberar as emoções residuais estocadas no corpo. Assim, no caso de uma dor nas costas, por exemplo, trabalhando a zona dolorosa (pressionando ou massageando o local) pode surgir a lembrança de uma morte motivada por um golpe de lança (ou punhal). A emoção pode ser revivida com grande intensidade; com um guia experimentado e que possua a abertura de consciência necessária, é possível realizar um trabalho fantástico.

Infelizmente, sempre devido a essa divisão cartesiana do ser humano, a maior parte dos especialistas em massagem e de trabalhos corporais em geral, não recebeu o ensinamento necessário para liberar o material emocional, logo que este aflore à consciência, após

*Isso começa a ser verificado por um certo número de osteopatas franceses e canadenses com os quais trabalhei e que iniciei no mergulho nas vidas passadas.

uma manipulação corporal. Ao contrário, muitos psicoterapeutas não têm experiência alguma nessas manipulações. Eles teriam, entretanto, a meu ver, muito a aprender uns dos outros nesse domínio que, talvez, virá revolucionar a nossa compreensão da natureza profunda da personalidade e de certas desordens psíquicas. Mas, por ter eu mesmo participado, com minha mulher, de pesquisas sobre o assunto com um osteopata, sei que esse trabalho já foi empreendido por alguns com notáveis resultados. Felizmente, vislumbram-se hoje sinais de mudança nas mentalidades.

Acontece, também, que o material anterior a esta vida "surge" espontaneamente no decorrer dos exercícios de meditação como a yoga e o zen. Um dos meus amigos, que praticava o zen, sentia freqüentes nós na garganta durante as suas meditações, o que o incomodava consideravelmente. Sendo conhecedor das práticas de meditação, tentava provocar o incômodo para dissipá-lo. Mas, a cada vez, era tomado por uma angústia que lhe comprimia o plexo solar no nível do terceiro chakra. Certo dia, veio pedir-me ajuda para encontrar a causa; supunha que um acontecimento de uma vida anterior lhe escapava.

Tinha razão, pois reconduziu à consciência uma vida à época da Primeira Cruzada, em que fazia parte de um grupo de peregrinos armados que foi cercado pelos sarracenos. Em pleno deserto, e com o sol a pino, estes obrigaram algumas centenas de peregrinos a formar um grande círculo. No centro colocaram um tonel de água e os proibiram de tocá-lo. Esperaram. Após várias horas, quase louco pelo sol e pela sede, um primeiro peregrino precipitou-se para o tonel e bebeu. Imediatamente teve a garganta cortada. Isso não impediu que um segundo se aproximasse e também um terceiro. Eles tiveram a mesma sorte, assim como todos os que escolheram entre beber e serem degolados e morrer de sede, pois não havia outra alternativa. Esse episódio particularmente sinistro da história das Cruzadas é conhecido pelo nome de "Aguer Sanguinis" (o Campo do Sangue).

Depois dessa sessão, o incômodo na garganta do meu amigo e sua angústia difusa jamais se manifestaram. Tratava-se mesmo do material de uma vida passada que não estava bem escondido na memória e que reapareceu durante as sessões de meditação. Aproveito para lembrar aos "iniciantes" em meditação que é freqüente o ressentimento de certos fatos do passado, os quais afloram do inconsciente. Muitos dentre eles, quando isso acontece, ficam extremamente perturbados e param de meditar, supondo estar a ponto de um abalo mental. É o que não deve ser feito, a fim de que esse material não se esconda ainda mais no inconsciente.

O Dr. Morris Netherton, de Los Angeles, que, durante muito tempo, praticou a terapia através das vidas passadas, diz que a maioria dos problemas físicos graves que encontrou em seus pacientes (úlceras, epilepsia, enxaquecas fortes e freqüentes etc. e mesmo certos tipos de câncer) estavam ligados às vidas anteriores. Todos os médicos e terapeutas que trabalham nesse campo confirmam as pesquisas pioneiras de Netherton. Concluem, como ele, que a reativação da lembrança de acontecimentos do passado, que estão na origem de mal-estares físicos ou doenças, em geral, tem o efeito de aliviá-las bastante ou mesmo de as curar completamente. O Dr. Roger Woolger, médico americano seguidor de Jung, apresenta em *Other Lives; other Selves* os casos seguintes como os mais interessantes que tratou. Na minha opinião, eles são amostras representativas dos problemas kármicos com os quais habitualmente nos defrontamos.

Uma moça sofria de colite e encontra uma existência passada de jovem holandesa, assassinada aos oito anos pelos soldados nazistas. A colite era uma expressão do terror residual da menina pouco antes da sua execução.

Um homem que padece de uma dor crônica nas costas revive uma morte na qual agoniza com a coluna vertebral quebrada, esmagada entre dois vagões de estrada de ferro (a cena se passa nos anos vinte). A dor diminui sensivelmente após a sessão.

Uma mulher asmática que, ao mesmo tempo, sofre de problemas nos olhos (conjuntivites freqüentes etc.) reconduz à consciência uma vida de um monge na Idade Média. Acusado de ter induzido toda a aldeia a crenças heréticas, o monge é condenado a olhar a queima da aldeia e de seus habitantes. Seus olhos choram e seus pulmões sufocam com a fumaça do holocausto.

Um homem que tem crises de epilepsia revê a sua morte, esquartejado num campo de batalha: é a sua agonia que revive nas crises.

Uma mulher vê as suas enxaquecas crônicas desaparecerem após reviver a sua agonia. Ela morreu em conseqüência de pancadas na cabeça, com uma barra de ferro, dadas pelo seu pai.

É evidente que todos esses exemplos não propiciam, no que se refere ao trabalho sobre as vidas anteriores, uma imagem agradável. Mas têm o mérito de demonstrar até que ponto podemos ser afetados por acontecimentos que não pertencem a esta vida. Desejo, ardentemente, que um número cada vez mais significativo de terapeutas, médicos, psicanalistas e psicólogos seja sensibilizado por esses fenômenos. Gostaria de citar aqui o caso de Edith Fioré, que foi uma das primeiras psicanalistas americanas a trabalhar intensamente sobre as vidas passadas. A Dra. Fioré dirigiu cerca de duas mil sessões de regressão às vidas anteriores, embora repetisse inúmeras vezes **NELAS NÃO ACREDITAR!** Um belo exemplo de curiosidade científica e de abertura de espírito. Ao fim de alguns anos, constatando que as pessoas que regrediram ao passado se transformaram e seus problemas físicos apresentavam tendência a desaparecer, decidiu tentar ela mesma uma abertura espiritual para compreender o que realmente havia nisso tudo.

Quanto a mim, lembro-me do homem que fez o caminho exatamente ao inverso. Ele interessava-se por diversas correntes espirituais e havia especialmente estudado yoga e zen. Sua iniciativa em vir ver-me era puramente espiritual. Entretanto, trouxe à consciência a vida de um jornalista político do começo do século, o que lhe permitiu contar o caso e o processo Dreyfus. Descreveu-me um duelo no qual se encontrou face a face com um amigo. Ele foi ferido no braço, mas lançou à distância a arma do espadachim. Depois me contou o final da sua vida. Morreria em 1915, durante a guerra, em consequência da explosão do avião onde se encontrava, atingido por um obus. Mas não morreu imediatamente; muito ferido, foi levado ao hospital, onde lhe é amputada uma perna e também sofre uma trepanação. Este homem, no seu presente, padecia de atrozes enxaquecas, bem como dores na perna direita, clinicamente incompreensíveis, que se manifestavam "quando o tempo mudava", conforme explicou-me mais tarde. Ele não planejava falar-me sobre isso, tão absorvido estava pelo seu envolvimento espiritual. Após essa sessão, suas dores desapareceram completamente.

A despeito de tudo o que pude ver sobre o assunto, nestes últimos anos, há ainda coisas que me surpreendem hoje em dia. Assim, há algum tempo, uma jovem que conheço bem procurou-me para fazermos um trabalho espiritual. Durante a nossa conversação, disse-me ter tido sempre problemas com a alimentação, principalmente com os laticínios. Desde criança não podia comer nada cuja base fosse o leite. Propus, então, trabalharmos sobre isso e ela reconduziu à consciência uma vida onde era um menino. A criança morrera aos quatro anos, nas montanhas, após ter-se empanturrado de leite e queijo. Assombroso, mas casos dessa espécie acontecem sem cessar.

O mesmo se deu com Georges, homem de negócios com 45 anos. Ele dirige uma empresa. Há uns vinte anos se interessa por diversas correntes espiritualistas. Assistiu a algumas de minhas conferências e sentiu vontade de fazer a viagem para reviver o ciclo de nascimentos e mortes. Disse-me que tinha um sério problema desde a infância: digeria muito mal. Não importava que a refeição fosse ligeira ou não, dietética ou não, bastava engolir qualquer coisa para sentir-se mal. Quando criança, já não suportava bem as mamadeiras nem os caldos, assim foi na adolescência e continua na vida adulta. Comia o mínimo possível, o que lhe criava problemas, pois tendo uma vida profissional muito ativa era obrigado, três quartos do tempo, a ter refeições de negócios.

Depois que seu corpo relaxou, pedi à consciência superior de Georges que fosse em busca da causa dessa perturbação. Começou a contar a vida de um corsário a bordo de um navio pirata no século XVIII. Durante uns vinte minutos descreveu como se organizava a vida a bordo, como os piratas perseguiram os navios que encontravam antes de passar à abordagem e como, uma vez feito o saque, regressavam ao ponto de partida, um ancoradouro conhecido somente por eles. Um dia ficaram imobilizados no mar de Sargaços: o vento parou e as velas ficaram desesperadamente imóveis. Assim, o navio permaneceu longos dias e os víveres começaram a faltar. Foi organizado um racionamento severo. A despensa foi fechada e a chave entregue à guarda de Georges, o pirata. Num determinado

momento, não suportando mais a fome que reinava a bordo, abriu a despensa e devorou tudo o que lá restava: pouco para uma tripulação, porém muito para um homem só. Foi surpreendido e imediatamente preso. Em seguida jogado ao mar como comida para os tubarões que estavam rondando e não se fizeram de rogados. A partir dessa sessão, Georges, que já havia tentado de tudo a fim de curar-se, inclusive regimes (macrobiótico, vegetariano etc), sentiu seus problemas digestivos se reduzirem consideravelmente e pôde, com serenidade, participar das suas refeições de negócios.

Também já contei a história que se segue, mas não resisto ao prazer de repeti-la. É o caso de um homem de cinqüenta anos, originário de Berry. Possuía magnetismo nas mãos mas sentia inexplicável receio à idéia de utilizá-las. Contou-me que, certa vez, um dos seus amigos deslocou o tornozelo e sofria muito. Ele imediatamente teve o impulso de colocar as mãos sobre a área dolorida. Um segundo impulso, porém, mais forte do que o primeiro, fez com que retirasse as mãos. Desejava compreender por que agira assim.

Após três sessões, soubemos que este homem vivera à época das Cruzadas. Era, então, um pequeno senhor da Bretanha, de poucos recursos que tinha o dom autêntico da imposição de mãos, do qual muito se servia para aliviar os feridos que retornavam. A Igreja, ouvindo falar em seu dom, considerou-o negativamente, pois, como se sabe, naquela época, esse gênero de poder era tido como presente do diabo. Ele foi julgado por um tribunal eclesiástico e a sua condição de nobre evitou que fosse queimado vivo na fogueira dos hereges, mas não impediu a condenação de ter as mãos queimadas numa placa incandescente. Revivendo a cena, o homem do presente gritou várias vezes: "Minhas mãos estão queimando!" A partir daí, foi superado o terror que o dominava diante da idéia de utilizar o seu dom e passou a servir-se das mãos para o bem dos necessitados. Fenômeno interessante: o nosso homem, antes de trazer à consciência a vida do pequeno senhor, reviveu a de um leproso nos arredores de uma aldeia, o qual só podia se aproximar buscando comida munido de uma sineta. Poucos dias

após essa sessão, o homem do presente foi tomado por uma erupção de enormes espinhas, que cedeu em 48 horas. Como vemos, certos acontecimentos do passado podem ser reativados rapidamente do presente.

Tenho observado que, em alguns casos, ao trabalhar sobre uma dor do presente, cuja causa é identificada no passado, a dor pode se reativar durante horas — meio-dia aproximadamente — para, em seguida, diminuir pouco a pouco. Parece que antes de sumir para sempre, o antigo problema se manifesta com violência, uma última vez.

Quando entendemos isto, nossas fraquezas tornam-se a nossa força. Tornamo-nos mais tolerantes a respeito do sofrimento ou das deficiências físicas dos outros, pois as deles, assim como as nossas, permanentemente lembram a efemeridade da nossa condição. Eis o que o oriente chama de as lições do karma.

François é um antiquário de uns quarenta anos. Em 1985, motivado pelo seu trabalho, vai à Síria para ver antigüidades locais.

O negócio desenrola-se mal. Ele é preso durante alguns dias pelas autoridades do país, acusado de tentar escamotear do território obras pertencentes ao patrimônio nacional. Assim que regressou à França (liberado graças aos bons ofícios da embaixada), François começou a sofrer de sensações bizarras quando andava pela rua: calcula mal as distâncias, tem a impressão de que vai cair da calçada, sente-se como um homem embriagado. Tem também dores de cabeça e zumbido nos ouvidos e, sobretudo, uma penosa impressão de alheamento. Hoje eu diagnosticaria imediatamente o fato como um deslocamento do campo energético que envolve nosso corpo, a que chamamos corpo etéreo. É um dos aspectos da estrutura energética do ser humano sobre a qual trabalho, desde 1985, com um grupo de médicos e terapeutas. Mas, naquela época, ainda não tinha consciência do assunto. François, por sua vez, é um homem pragmático que não acredita em reencarnação e nunca se questionou sobre o sentido da existência. Por causa das referências de uma de nossas amigas comuns, ele decide tentar um trabalho comigo. Além da situação de momento, ele tinha um outro problema que o atormentava desde a idade de dezenove

anos: sofria de insônia. De uma maneira bastante particular, pois suas insônias estão associadas ao medo do amanhã, provocando palpitações cardíacas e grande tensão. O que ele teme exatamente? Que o procurem para matar.

Alguns anos antes, François fizera análise durante meses, sem grande resultado e por isso decidiu parar. Toma soníferos e, mesmo assim, dorme pouco, acordando exausto pela manhã. Na entrevista preliminar, François disse-me que se lembrava muito bem quando seus problemas de insônia começaram. Aos dezenove anos, foi prestar serviço militar numa base naval. De início, tudo correu muito bem, mas, depois que foi lotado no subterrâneo da base, e ao fim de dois meses, passou a ter dores de cabeça e dificuldade para dormir. Foi enviado ao hospital militar, onde permaneceu por cerca de um mês, em tratamentos diversos. Suas dores de cabeça desapareceram. Entretanto, os verdadeiros problemas chegaram seis meses mais tarde.

Com seu consentimento, levei François à idade de dezenove anos na referida base, no momento em que vai dormir em sua cama.

— Você está, agora, em sua cama, na base subterrânea. Quantas pessoas estão no dormitório?

— Somos vinte, mais ou menos.

— Chegamos ao momento em que vai dormir. Você está em sua cama, nessa base... Quero que entre em si mesmo e diga como se sente.

— Não me sinto nada mal! Mas... há qualquer coisa que me incomoda... É o ventilador! Sinto o ar insuflado pelo ventilador muito perto de mim.

Havia, próximo à cama de François, um duto de ventilação que alimentava de ar fresco o dormitório dos marinheiros.

— Você está a ponto de pegar no sono. Sente o ar soprando por esse duto de ventilação. Como está você?

— Não consigo dormir. Creio que... sim, essa ventilação me incomoda realmente.

— Observe o que se passa no seu corpo do presente. Que diz ele? Que sente ele?

— Sinto uma angústia difusa, crescente. Conheço isso, mas é curioso: eu não tinha consciência na época, parece-me.

Tenho a impressão de que há um elo entre esse ventilador e um esquema do passado, traços memóricos de um acontecimento anterior a esta vida. Mas o quê? Pergunto à consciência superior de François:

— Concentre-se no sopro de ar. Ligue-se a esse duto de ventilação e libere a angústia. Vou contar até três. No três, você irá diretamente ao acontecimento que procura ressurgir. Não pense. Não reflita. Um. Dois. Três.

Estalei os dedos. Sua consciência voltou-se para um outro passado. Eu lhe pergunto:

— Onde está você agora? O que se passa? O que sente?

— Parece-me estar ao ar livre. É noite. Creio que estou deitado no chão.

— Concentre-se em seu corpo. Tente verificar se há pessoas em torno de você ou se está só.

— Eu me sinto só. E há esse vento...

— Que vento? Onde você se encontra? Descreva-me o lugar. É plano? Montanhoso? Há habitações próximas ou afastadas?

— Não. É o deserto. Não há nada. Sinto a areia. Estou deitado no chão. Tenho a impressão de estar morrendo.

— Concentre-se em seu corpo. Deixe-o falar. Que diz ele?

— Sinto uma espécie de armadura com perneiras. Creio que sou um soldado romano. É isto. Devo ter me perdido ou, então, fui ferido num combate. Enfim, tentei me salvar e lá estou morrendo, no deserto.

E, de repente, grita:

— Estou no deserto da Síria. Eu sei! Eu sinto!

O soldado romano morreu, naquela noite, no deserto. Assim, o duto de ventilação de uma base da marinha serviu de dispositivo ao inconsciente de um soldado de dezenove anos, chamado François, para reencontrar, com o vento das dunas, a lembrança da morte de um soldado romano no deserto. Eu achei extraordinário.

Faço o soldado romano passar ao período entre as vidas para que ele estabeleça a ligação entre os dois acontecimentos, e

ouço François dizer: "Se eu dormir, morro." Esta é a resposta que escutei diversas vezes dos que sofrem de insônia, e que também é familiar aos psicanalistas e psicoterapeutas.

Diante disso, avalia-se quanta ajuda pode trazer a exploração das vidas passadas para a compreensão de certas perturbações já inventariadas. Nesse caso, entende-se como François, inconscientemente, proibiu-se de dormir para não morrer a partir do momento em que soprou sobre ele o vento insistente.

Constata-se ainda que foi o fato de retornar à Síria que provocou em François os distúrbios que deram o alarme e que lhe permitiu tomar consciência do seu karma. Com frequência, é assim que se passa: o reencontro dos lugares, das pessoas ou situações ligadas às nossas vidas anteriores provoca a reativação de certos karmas.

Depois dessa sessão, François sentiu-se bem melhor. Nos dias que se seguiram, seu sono não mudou imediatamente, mas tornou-se de outra qualidade: períodos curtos — como ele mesmo precisou — mais profundos e mais repousantes. Confessou estar, também, impressionado pelo desaparecimento das perturbações que o assolavam desde o seu retorno da Síria, o que aconteceu após duas ou três semanas. Igualmente, nesse espaço de tempo, o sono tornou-se mais regenerador e François superou as angústias do momento de deitar-se.

François foi, para mim, um caso interessante por mais de uma razão. Antes de tudo, porque ele jamais se fez perguntas de ordem, digamos, metafísica em sentido amplo, e, quando essa amiga comum lhe falou da hipótese de vidas anteriores e de reencarnação, rejeitou suas explicações. Em seguida, porque apesar de não ter nenhuma experiência de abertura de consciência (nunca praticara meditação, por exemplo) sem embargo "partiu" imediatamente. A vida do soldado romano apareceu desde a primeira sessão. Isso reforçou a minha certeza, adquirida ao longo destes anos, de que não é necessário CRER na reencarnação para que a abertura de consciência se produza e as lembranças surjam. É suficiente deixar as coisas acontecerem tendo confiança em si, permitir que as borbulhas do inconsciente fluam da profundidade do ser e seguir seus passos.

Muito menos é necessário conhecer a doutrina oriental da morte e da reencarnação para integrar-se ao processo que ela descreve, em estado de expansão de consciência. É uma das constatações surpreendentes que muitas vezes fiz.

Em estado de expansão de consciência a maior parte das pessoas, em certos momentos, ficam tão presas — às cenas que revivem — que chegam a esquecer onde estão, quem são etc. Entretanto, todas permanecem conscientes de que a experiência que estão vivendo não pertence à vida presente. O fenômeno de participação, ao mesmo tempo total e distanciada, é talvez um dos mais difíceis a compreender por alguém que não tem familiaridade com esse tipo de trabalho. Pode-se dizer que é semelhante a quando assistimos a um jogo esportivo (futebol, tênis etc.) ou a um filme. Por um lado, ficamos tão absorvidos pelo ambiente que esquecemos estar sentados numa sala ou num estádio; do outro, participamos de todas as emoções do jogo ou do filme. O mesmo acontece com certos sonhos muito intensos, em que somos capazes de realmente ouvir, de tocar, de sentir e ressentir emoções, com tal força que, ao despertar, ficamos surpresos ao constatar que estávamos apenas sonhando. As experiências de participação completa são bem mais complexas do que os sonhos e só acontecem quando a pessoa está consciente; entretanto, podem ajudar a compreender melhor como revivem as cenas do passado.

Ao ler a descrição de cenas terríveis, que terminam com frequência em morte e sangue, tem-se o direito de perguntar se a chamada à consciência de acontecimentos do passado não é em si uma experiência traumatizante, ainda que, em seguida, induza a outros efeitos benéficos. Ao contrário. Quase sempre, as pessoas que viajam no seu passado retornam plenas de alegria e paz. Algumas relatam que se sentiram como crianças e que tiveram a impressão de estarem envolvidas por presenças benignas durante a viagem. Outras dizem ter tido a sensação de se aproximarem da "fonte de tudo o que é", de Deus ou de presenças espirituais. Muitas se sentiram ininterruptamente cercadas de amor. Impressões que não as impedem, porém, de igualmente ressentir as emoções negativas do passado, quando

certas cenas são revividas. Mas esse momento não é senão uma etapa no processo de abertura da consciência.

São João da Cruz, e com ele outros místicos, descreveu um estado de meditação profunda durante o qual ele atingiu as fronteiras do mundo físico, e as superou, até um mundo espiritual de puro conhecimento. Nesse mundo — nesse nível de consciência, se deveria dizer — tudo é conhecido. Não é necessário pensar, refletir, buscar respostas às indagações. Elas já estão no espírito de quem as faz, antes mesmo que tenha terminado de formulá-las. Este estado é absolutamente comparável ao que os tibetanos chamam de vacuidade ou, os mestres zen, de o não-ser. É precisamente o que pode ser experimentado durante certas fases da chamada à consciência de acontecimentos que não são desta vida. São muitas as pessoas que se encontram neste estado de conhecimento intuitivo e, como depois explicam, têm a convicção de ser um conhecimento exato. Parece-lhes que sempre souberam desses fatos e que eles sempre foram parte integrante delas, que os esqueceram, enterrados no mais recôndito delas mesmas, tal como as lembranças num lugar subterrâneo.

Em quase todos os casos, as pessoas regressam de sua viagem na consciência com melhor compreensão delas mesmas e do seu objetivo na vida. Algumas dizem que realmente sentiram-se eternas, que uma parte delas sempre existiu e sempre existirá. Outras tomam consciência de que têm alma e de que essa alma é quem as leva a realizar um certo número de experiências específicas, dando, assim, finalidade a cada uma de suas vidas. Essas tomadas de consciência acontecem de maneira global e rápida — como clarões —, mas, no parecer dos que as experimentam, modificam de maneira considerável a sua visão da vida, tornando-a mais aberta, mais generosa e mais bela.

Algumas semanas após o trabalho que fizemos juntos, Georges, o ex-pirata, disse-me que agora percebia que tinha uma alma. Certamente tinham lhe ensinado isso desde a sua mais tenra infância, mas essa alma subsistia nele como alguma coisa vaga e totalmente abstrata. Foi durante a viagem que o verdadeiro conhecimento de sua alma veio num clarão intuitivo.

Para encerrar este capítulo sobre a memória corporal, desejo apresentar um último exemplo, que é muito pessoal, pois refere-se à minha mulher, Marguerite.

Capítulo 5

A ÍNDIA

Certa noite de abril em 1986, estávamos reunidos em nossa casa, Marguerite, minha esposa; Elizabeth, uma amiga osteopata, e eu. Elizabeth é uma amiga de longa data, mas há bastante tempo que não nos víamos e estávamos muito felizes pelo reencontro. Ela viveu múltiplas experiências com os lamas tibetanos, os curandeiros no Havaí e os índios cherokees. Nessa noite, falava do seu percurso interior com tanta verdade e força como jamais demonstrara. Eu falei do meu e Marguerite do seu. Pela primeira vez, sentíamos a conversação se desenrolar inteiramente de coração aberto.

Elizabeth partiu. Era perto de meia-noite. Fiquei mais uns momentos conversando com Marguerite, quando subitamente eu a vi com uma expressão de dor. "Estou com dor no ombro direito", disse-me ela. A dor parecia ser muito forte. Era também inesperada, pois minha mulher nunca havia sofrido de reumatismo nem fragilidade das articulações. Ela não se lembrava de ter feito, durante o dia, algum movimento em falso. Sugeri que fosse deitar e relaxasse e, uma vez em estado de relaxação, projetar a sua consciência no ombro onde a dor se manifestava. Marguerite, então, concentrou-se no seu ombro. "Curioso", disse-me, "acabo de ter a visão de um *tomahawk*." (Trata-se, como sabem todas as crianças que brincam de índio, de um machado indígena.) "Bem, você deve ter sido morta por um *tomahawk* numa vida passada!",

respondi, rindo, sem querer aprofundar, pois o dia fora longo e eu estava cansado. Há muito se fora a hora de dormir.

Quando Marguerite acordou no dia seguinte, não somente sentia a dor no ombro como estava com dificuldades para movimentá-lo. Naquela época, estava com muito trabalho, em plena redação do manuscrito de *Nous sommes tous immortels*, com a minha agenda repleta de compromissos. Confesso que não tive tempo, nesse dia, para me ocupar de Marguerite, cujo ombro piorava, tornando-se mais doloroso à medida que o dia passava. Curioso fenômeno: quando tentei tomá-la nos braços para consolá-la, reagiu rejeitando-me. Seria compreensível se o mesmo não tivesse acontecido com o nosso filho de seis anos de idade — nem eu nem ele podíamos nos aproximar, o que não era absolutamente do seu temperamento! Só cheguei a casa depois do meu último compromisso, às nove horas da noite. Estávamos ambos cansados e decidimos ir dormir cedo.

No dia seguinte, Marguerite tinha o braço completamente paralisado. Ela o mantinha apertado contra o peito. O ombro apresentava todas as características de uma inflamação na articulação ou coisa similar. "Eu vou ver um médico", disse-me ela. Estava perplexo. Veio-me à mente, súbito, que a dor surgira logo após a visita de Elizabeth. E se houvesse alguma ligação com ela? E se fosse uma dor kármica, que a presença de Elizabeth havia reativado? O único meio de saber era buscar no passado de Marguerite, e foi o que lhe propus. Ela concordou: não seria sua primeira experiência. Diversas vezes, comigo, havia explorado as suas vidas anteriores. Simplesmente seria necessário aguardar a noite, pois teríamos mais tranquilidade quando nosso filho estivesse dormindo.

À noite, Marguerite estendeu-se no divã do meu escritório. Pedi à sua consciência que se dirigisse para a causa dessa dor que se manifestava há 48 horas na sua vida presente. Utilizei a técnica do túnel temporal. "Em alguns instantes, vou contar de 5 a 1", disse-lhe, e minha voz era muito rápida. "No cinco você vai atravessar o círculo de luz azul-noite. No um você sairá e estará em outro lugar, num outro tempo, lá onde se encontra a causa do

bloqueio de hoje, desta dor no ombro do presente. Número cinco: atravesse o círculo de luz azul-noite e se deixe partir..."

Estamos em 1870, num dia de inverno nos Estados Unidos. Uma coluna de índios caminha sobre a terra gelada ao longo de um rio, o rio Powder. Não são mais do que uma centena: homens (uns trinta guerreiros) e também mulheres, crianças e alguns velhos. A maior parte está a pé por falta de cavalos em número suficiente. As roupas e cobertas estão em farrapos. Todos exaustos e famintos. Há vários meses marcham para o norte, nervos e músculos tensos pela vontade quase sobrenatural de atingir, além fronteiras, "o país da Mãe de todos nós", o Canadá.

Alguns são sioux. A maior parte é de cheienes, aqueles outrora chamados de os "belos índios". A tribo era, então, muito poderosa, possuía mais cavalos do que todas as outras das pradarias. Eles se contavam aos milhares. Atualmente, após a invasão branca e vinte anos de guerra, são apenas um grupo faminto e sem terra, uma tribo em vias de extinção que o governo americano decidiu confinar numa reserva.

Ao saber dessa decisão, e para escapar à humilhação que isso representa para eles, que nasceram "na pradaria onde o vento sopra livremente, onde não há cercas e nada que possa impedir a luz do sol", os chefes deram ordem a seus irmãos cheienes para juntar algumas vestimentas e estar prontos para partir. Era o fim do verão. Partiram ao romper do dia, abandonando suas tendas. Todo o circuito de fortes militares foi alertado: eis que há meses a cavalaria americana estava em seu encaicho. Vinte vezes foram localizados. Vintes vezes, orientados pelos guias caçadores de bisões, os cheienes conseguiram fugir. A cada ataque suas fileiras diminuía. No momento não são mais do que uma centena em fuga através de florestas e bosques, evitando as cidades, as aldeias e até os ranchos. Pois os civis também, vaqueiros e colonos, todos os que são capazes de portar um fuzil, se lançaram em sua perseguição e não lhes dão trégua.

Esgotados, chorando de fadiga, minados pelo frio e pela fome, decidiram parar no fundo de um vale, próximo de um rio à beira da floresta, a fim de acampar e realizar um conselho: Devem continuar, custe o que custar, tentar ainda alcançar "o país da

Mãe de todos nós", apesar das crianças, dos velhos, dos ferimentos, das lesões provocadas pelo frio e pela fome? Não seria mais razoável se render aos soldados e, sob a proteção deles, chegar à reserva onde os últimos sobreviventes formarão, com seus filhos, a descendência dos "belos índios"?

Todos, homens, mulheres e crianças estão reunidos sob o grande **teepee** (tenda) para o conselho. Uns após outros, os guerreiros e os sábios tomam a palavra. Alguns sustentam que ainda é preciso fugir, marchar; outros, que é melhor a rendição; alguns, que é necessário lutar. "Estamos em nossa casa", dizem. "É nossa terra, a que o Grande Espírito nos deu. Os brancos nada amam. Matam tudo o que encontram: matam o bisão; derrubam as árvores; sujaram os rios. Não amam esta terra, mas querem nos despejar dela. Nós lutaremos para aqui ficar."

Uma jovem índia pede a palavra. Seu nome é Arco-Íris e fala com ardor: "Os brancos são mais fortes do que nós. Nós os combatemos há longo tempo, quando tínhamos força e armas para isso. Agora, porém, não podemos mais nada contra os seus fuzis: estamos cansados, não temos mais energia, nem mesmo o que comer. Os soldados nos perseguem com ódio no coração. Olhem o que fizeram sofrer aos nossos irmãos, os sioux, os arapahos. Não podemos permanecer aqui. É preciso continuar a fugir e parar o mínimo possível."

Mas essa não é a opinião de todos e a decisão deve ser tomada por unanimidade. A discussão continua enquanto a noite avança e já começa a se enfraquecer. Há muito tempo que as crianças dormem. Entre eles muitos cochilam.

Arco-Íris retira-se do **teepee**. Está furiosa: por que tanto tempo perdido? Os homens do clã não são capazes de tomar uma decisão? Lá fora uma aurora lívida se eleva sobre a terra gelada. O temível vento do norte, que leva a temperatura a trinta graus abaixo de zero, sopra rajadas glaciais. O dia será difícil. A jovem perpassa o olhar pela borda negra da floresta próxima. Algo se move entre as árvores: silhuetas, manchas de cor, camisas azuis, casquetes de pele: a cavalaria americana! "Os soldados!", grita a índia. Uma descarga de balas transpassa seu corpo. Ela tomba na neve, desfalecida, com o ombro direito estilhaçado.

Assim que escutam o grito de alarme de Arco-íris, os cheienes se precipitam para fora da tenda. Eles se armam com tudo o que encontram ao seu alcance: arcos, velhos fuzis, bastões. Mas os cavaleiros, por entre uma torrente de espuma, atravessam o vau e cercam o campo. Atiram sem trégua sobre os guerreiros cheienes bem menos numerosos, e que, a despeito dos seus esforços desesperados, são abatidos um a um; atiram também sobre as mulheres e as crianças que tentam fugir, cruzando o rio. No espaço de uma hora, mais da metade dos guerreiros havia sucumbido. Os soldados entram no acampamento e incendiam as tendas, algumas provisões e os poucos bens que restavam. Alguns cheienes, durante a batalha, conseguiram fugir através da planície gelada. Quando retornam ao campo, horas depois, e descobrem a carnificina, chorando e arranhando as faces, não são mais do que uns quarenta sobreviventes. Arco-íris permanece estendida na neve, inanimada. Três dias mais tarde deixa seu corpo, sem voltar a si, para entrar no mundo do Grande Espírito. Sobre o divã, Marguerite voltava ao presente, muito abalada pela história que acabara de reviver. Assim, teria sido ela, numa vida passada, a índia cheiene Arco-íris?

Ao fim da sessão, quando Arco-íris tomba na neve, ferida pelas balas, utilizei, como de costume, uma técnica de projeção de consciência fora do corpo. Ainda que a índia estivesse inanimada, sua consciência imortal estava desperta. Arco-íris pôde ver tudo o que se passou em seguida. Viu a cavalaria cercar o acampamento e atirar sobre os homens como se atira em coelhos. Assistiu ao pânico das mulheres e crianças procurando fugir. Enfim, testemunhou a carnificina, o que nela provocou imensa cólera. "Eu sabia! Eu sabia!", repetia no divã Arco-íris/Marguerite. "Não podíamos ter ficado lá. Devíamos ter continuado a fuga. Eu sabia! Eu sabia!" A jovem índia morreu tomada por essa cólera; cólera contra a injustiça feita aos seus irmãos de raça; cólera, sobretudo, contra seus próprios irmãos que não tomaram a decisão a tempo, entre os quais o seu marido. Só tomei conhecimento disso quando a fiz reviver a passagem de sua morte. Uma vez liberada de sua encarnação, pedi a Arco-íris estender sua consciência superior entre a vida que terminava e a

de Marguerite, a fim de estabelecer uma ponte entre elas e contar-me se certos acontecimentos de uma afetavam a outra. "Sim", respondeu-me ela, "as balas que vararam o ombro de Arco-íris à altura da clavícula. Ela trouxe o traumatismo para esta vida."

Encontramos então o que procurávamos: a causa do mal e o seu remédio, pois "o conhecimento extingue o karma". Antes de chamar a consciência superior de Marguerite para a sua encarnação presente, eu lhe pedi, como sempre faço quando alguém exuma um acontecimento kármico do seu passado, que se liberasse: "Deixe partir o passado. Desligue-se dele. Torne-se livre no seu presente. Não há mais necessidade de experimentar os efeitos do passado. Tornese livre, livre."

Meia hora após a sessão, a dor quase desaparecera. A articulação se recuperava e Marguerite sentia o braço se normalizando. No dia seguinte pela manhã tudo estava em ordem. E assim permaneceu!

A propósito dessa história desejo assinalar vários pontos fundamentais. Antes de tudo, o que se refere ao depoimento de Marguerite: eu o apresentei de maneira linear quando se tratava, sabemos agora, de um diálogo de Marguerite, comigo, e em comunicação com a sua consciência superior. Isso é para elucidar com qual sentimento de vida e com quais detalhes, também, a lembrança das vidas passadas retorna ao viajante, mas não juntei aí os elementos romanescos. Apenas alterei a forma do discurso dos índios. Todos os lugares e acontecimentos foram fielmente descritos por Marguerite. Foi ela, igualmente, quem forneceu a data e os nomes próprios. O que não consegui reproduzir foi o sofrimento dos índios suportando o frio e a fome, obrigados a raspar a neve em busca de brotos para comer e a cólera de Arco-íris, enquanto seu corpo permanecia inanimado e sua consciência imortal vagava sobre a carnificina. Em seguida a essa sessão, procedemos a algumas pesquisas históricas e reencontramos a descrição de Marguerite num dos episódios da história do Nebraska e do Wyoming nos anos 1870.

Partindo do Kansas, no fim do verão de 1870, para escapar ao destino que lhe reservara o governo americano, uma tribo cheiene

com aproximadamente 400 pessoas, com índios sioux e arapahos, foi apanhada na fronteira do Kansas e Nebraska pelos soldados americanos, primeiro perto do rio Republican e, depois, ao longo da antiga trilha do Platte. Os soldados começaram a atirar, a despeito das conversações estabelecidas, e uma perseguição sangüinária foi iniciada nos estados do Kansas e Nebraska aos índios dispersos em vários grupos após o combate com o exército americano, cuja ação era facilitada pelo telégrafo sem fio, que permitia alertar os fortes da cavalaria. No fim de setembro, a coluna de índios foi encurralada várias vezes, mas conseguiu fugir. No início do outono, os cheienes atravessaram a fronteira entre o Nebraska e o Wyoming, de onde alcançaram o rio Powder no inverno. Foi lá que sofreram a maior derrota. Os poucos sobreviventes foram levados para as reservas.

Isso é o que a história registra. Aliás, lembremos que Marguerite não queria a aproximação do nosso filho nem a minha, quando sofria a dor no ombro. Durante a sua viagem na vida de Arco-íris ela evocou, num certo momento, a presença do marido e de um filho, que teria uns dez anos. Sabe-se, também, que morreu com rancor do marido que não soube, com os demais, tomar a decisão que os salvaria do massacre e da morte. Pode-se dizer que estabeleci uma ligação entre mim e o marido de Arco-íris? Em outras palavras, poderia eu ter sido o marido dela naquela vida passada? Eu o creio e o ressinto profundamente. Desde a idade de vinte anos sinto inexplicável paixão pelos índios. Há alguns anos, em Los Angeles, quando participava de uma sessão de trabalho na APRT, revivi a vida de um índio. Estava a cavalo e galopava com meu filho. Perseguidos por soldados, os dois fomos abatidos. Essa sessão durou apenas meia hora e não tive tempo para extrair detalhes sobre a minha vida passada, nem de realizar um trabalho aprofundado. Mas, ajudando Marguerite a mergulhar nessa vida anterior, senti-me bastante emocionado: tudo isso me lembrava coisas vividas.

Será que as pessoas que, hoje em dia, se amam e vivem juntas, se conheceram e se amaram sob outras formas físicas, em outros tempos e em outros lugares? Estou convencido disso (assim como os que, especialmente nos Estados Unidos, trabalharam

sobre as vidas anteriores) e vou me explicar mais amplamente no capítulo seguinte.

Outro ponto fundamental: o encontro de certas pessoas, a descoberta de certos lugares, determinadas situações têm o poder de reativar nosso passado. No caso de Marguerite, foi a presença de Elizabeth que serviu de vetor. Elizabeth foi, aliás, identificada por Marguerite, durante a regressão, como uma das índias massacradas na carnificina. Por que a presença de Elizabeth só nesta vez provocou tal efeito sobre Marguerite, quando já se conheciam há algum tempo? Na verdade, porque naquela noite atingimos uma espécie de total estado de fusão, de coração a coração.

O certo é que a dor, ao manifestar-se no ombro, não fez senão tornar visível um problema kármico. Marguerite poderia ter tratado seu ombro pelos meios clássicos da medicina: pomadas, anti-inflamatórios, analgésicos etc. Com os medicamentos apropriados, sem dúvida teria se recuperado em poucos dias. Porém, o problema permaneceria em estado latente podendo ressurgir a qualquer momento. Em oito dias, seis meses, um ano, talvez dois anos. Ela poderia cair na cozinha e deslocar o ombro; ser atropelada e fraturar a cla-

9fi vícula. Pouco importam os meios de manifestação do karma. De qualquer maneira, ali estava alojado. Entretanto, a partir do momento que Marguerite reviveu o acontecimento e pôde compreender a causa real da sua dor presente, o karma diluiu-se e ela evoluiu.

Capítulo 6

AS LIGAÇÕES KÁRMICAS

Jean sai da floresta. O sol está se pondo no horizonte. Ele caçou o dia todo, como o faz habitualmente. É tempo de regressar à velha casa familiar, da qual percebe os contornos além das colinas. Ela foi construída no século XII pelos seus antepassados, meio barões e meio salteadores, que retornaram da Terra Santa. Seus descendentes, pouco a pouco, ampliaram o solar.

Jean esporeia seu cavalo. Ele tem pressa em chegar. Ao contornar uma colina tem a impressão de ouvir um rumor proveniente da casa. Ele se aproxima. Distingue, agora, uma multidão ao redor da morada. Uma multidão excitada. Camponeses armados de forcados, constata Jean, que galopa a rédea solta, com os olhos cravados no que ocorre. A metade do pátio está invadida. Há corpos caídos por terra. Arrasta-se uma mulher pelos cabelos... O coração de Jean bate mais forte: é sua mulher que os camponeses maltratam! Eles a estão matando! Que pode ele fazer? Ele está só. Os poucos homens armados, que lhe restavam ainda há pouco, foram mortos e os servidores que permanecem na casa são todos velhos. Pelo menos tentará salvar a sua pequena filha. Ele contorna a casa e deixa seu cavalo no meio da mata onde, escondida na vegetação, se abre uma passagem subterrânea que conduz ao castelo. Ele corre pela galeria, depois pelos aposentos do castelo, se apossa da menina em lágrimas e retorna pelo mesmo caminho. Lá fora ouve os gritos de sua mulher e da multidão enraivecida. Quando alcançam o ar livre, na mata, lá no pátio o drama terminara. A mulher de Jean jaz sobre a relva, ensangüentada. Assassina pelos camponeses em fúria, sem que ele nada tenha podido fazer. Dominado pelo ódio e pela tristeza, Jean vai a galope com sua filha até o refúgio num castelo vizinho e amigo. Organiza-se uma expedição, a fim de encontrar os culpados, que foram punidos. Jean, além de perder a esposa que amava, era criticado pela filha. Ao longo do caminho, durante a fuga dos dois, a filha gritava ser preciso procurar a mãe, que não deviam salvar-se sem ela. Instalada no castelo vizinho, continuava a nutrir rancor e ressentimento ao pai. Mais tarde, já crescida, acusava-o de ter sido covarde.

Jean sabia que não se acovardara. Entretanto, não encontrava mais prazer na vida. Partiu para combater. Havia muito o que fazer no século XVI, agitado por guerras incessantes. Morreu como queria, alguns anos mais tarde, no campo de batalha, sempre guardando no coração a dor de ter perdido sua mulher.

No princípio dos anos setenta, ele a reencontrou assim como a filha. Perto de quatrocentos anos mais tarde. Jean e a mulher se reencontraram em Paris. Eram, então, Robert e Jeanne, se amaram e se casaram rapidamente. Ignoravam, é claro — em todo o caso conscientemente —, que já se haviam conhecido, até que Robert/Jean o descobre numa viagem nas vidas anteriores.

Isso é comum. As pessoas que se amaram no passado quase sempre se reencontram em outras vidas. Este é um dos aspectos mais emocionantes das pesquisas sobre as vidas passadas.

As pessoas com as quais você sente um elo poderoso em sua existência estiveram próximas numa (ou numas) outra vida. Podem ter sido parentes, amigos, amantes, mas se você sente uma ligação profunda com outro ser, se essa pessoa é como um prolongamento de você mesmo, há grandes possibilidades de que se tenham amado, vivido, caminhado, sofrido e rido juntos, em outro tempo, em outro lugar, sob outra forma física. O amor é uma vibração fundamental, a mais poderosa do Universo. É ele que faz girar os astros, subir a seiva nas árvores e desenvolver as crianças. O amor é infinito e eterno. Da mesma forma é o amor que une dois seres humanos: assim foi e assim será. Nem o tempo, nem o espaço, nem a morte podem separar aqueles que se conheceram e continuam a genharia. Tínhamos um filho, mas não nos entendíamos muito bem. Brigávamos a propósito de tudo, não tínhamos os gostos comuns, tudo era problemático e tornava-se um drama: a escolha do local das férias, a hora de partir etc. Em resumo, os freqüentes deslocamentos à Borgonha eram convenientes para mim. Certa noite, estava lá, por acaso encontrei Louisa que saía do escritório. Era bastante tarde. Ela ficara para terminar um trabalho urgente. Sugerí que tomássemos um aperitivo. Hesitou um pouco, mas aceitou. No bar falamos de tudo e de nada. Quanto mais conversávamos, mais me sentia atraído por ela. Descobríamos vários pontos em comum. Gos-

távamos das mesmas coisas e ríamos ao mesmo tempo... Conteí que as relações com minha mulher não eram das melhores. Depois de alguns anos, minha vida de casado era frustrante porém nunca fora o que se chama de infiel. Naquela noite, depois de me separar de Louisa, não parei de pensar nela. No dia seguinte, regressei a Paris e, enquanto dirigia meu carro, via seu rosto flutuar diante de mim. Isto me fazia feliz e triste ao mesmo tempo.

Quinze dias mais tarde, volto à Borgonha para supervisionar os trabalhos que entravam numa fase crítica. Estávamos no fim da montagem das máquinas e fazíamos a verificação necessária que precede o funcionamento. O trabalho era intenso e não havia tempo para ver Louisa, com quem, de passagem, troquei poucas palavras. Assim mesmo, um dia convidei-a para almoçar rapidamente comigo, e ela aceitou. Durante a refeição senti, mais uma vez, profunda atração por ela, e fiquei consciente de que estava a caminho de me apaixonar. Minha estada deveria durar uns quinze dias. Por duas ou três ocasiões fomos tomar aperitivos, depois do trabalho. Uma noite, quando caminhávamos pela rua, eu a beijei, sendo correspondido. Em seguida, confessou-me: partilhava dos meus sentimentos e sofria por não podermos estar juntos, livremente, visto ser eu um homem casado.

Sábado pela manhã, retornei à empresa para ali passar parte do dia, pois a equipe de montagem trabalhava também nos fins de semana. À noite, como havíamos combinado, jantamos juntos e aconteceu o que devia acontecer. Eu não imaginava que uma relação física pudesse ser tão intensa e surpreendente. A partir desse momento, passávamos juntos cada segundo disponível. Precisei voltar a Paris. Muita coisa havia mudado para mim. Revi minha mulher com um sentimento que jamais experimentara: o da culpabilidade.

Passei a dissimular, pois meu desejo era gritar que amava Louisa. No decorrer das semanas que se seguiram, retornei várias vezes a Borgonha. Uma noite, chegando a Paris, confessei tudo à minha mulher. Atormentado pelo remorso, eu estava desorientado. Ela percebeu que as coisas iam mal. Houve um

drama. Eu já esperava. Ela partiu com nosso filho para a casa de seus pais. Após alguns dias, voltou e de novo deixou nossa casa. Durante esse tempo, não me afastei de Paris e telefonava diariamente para Louisa.

Um outro drama se desenrolava na Borgonha. Louisa contara a nossa história a seus pais, com quem ainda morava (como eu disse, ela era muito jovem). Nos meios extremamente católicos dos refugiados espanhóis, eles não brincam com os princípios. Os pais reagiram extremamente mal, assim como todos os que cercavam Louisa: os irmãos e algumas amigas. Um homem casado com um filho! Doze anos mais velho! A partir daí, Louisa passou a ser alvo de pressões cotidianas. Ela também estava desorientada. Minha vida de casado tornara-se um inferno, mas eu era muito ligado ao meu filho e, de certa maneira, nutria ainda certos sentimentos pela minha mulher. Sentia crescer nela uma angústia pelo amanhã. Não éramos ricos, mas percebia salário suficiente para ela não trabalhar e educar nosso filho. Se eu partisse, o que lhe aconteceria? Tudo isso estava longe de me deixar indiferente. Mas Louisa existia. Cada vez que a revia, era o mesmo calor, a mesma comunhão, porém nos sentíamos culpados e começamos a nos perguntar: estaremos juntos no futuro?

Era o fim da primavera. Meu trabalho terminava. As máquinas estavam funcionando. Propus a Louisa deixar tudo e partir comigo. Iríamos recomeçar. Era preciso que ela viesse. Mas partir, naquele momento, parecia-lhe moralmente impossível. Reencontrei minha vida em Paris. Depois de alguns meses, não suportando mais, abandonei tudo e fui me instalar no norte da França. Não fiz isso para acrescentar quilômetros entre Louisa e eu, o que de nada adiantaria, pois ela estava sempre comigo, mas porque esperava que viesse ao meu encontro. Eu a esperava. Falávamos pelo telefone quase todos os dias. Um ano se passou. Meu divórcio foi consumado. Eu estava só no apartamento, deprimido. Vivia uma verdadeira desordem. Foi então que encontrei aquela que hoje é a minha mulher. Uma jovem inteligente e generosa. Estivemos juntos algumas vezes. Ao mesmo tempo, consegui um trabalho interessante no norte. Já

não me sentia infeliz. Decidi, repentinamente, casar-me com a jovem. Apenas um mês após o nosso casamento, Louisa me telefonou para dizer que, agora, resolvera definitivamente deixar a família e que estava livre. Era tarde demais. Foi muito difícil admiti-lo. Durante algum tempo continuamos a nos falar pelo telefone. Pouco a pouco, os telefonemas foram se espaçando. Entretanto, continuava ligado nela. Sempre que discutia com a minha esposa, pensava em Louisa e no que poderíamos ter vivido juntos. Minha mulher estava grávida. Eu reconhecia que não era possível passar a vida em recuos. Algum tempo mais tarde, Louisa me comunicou que ia se casar. Não tive mais notícias. Minha mulher muito me ajudou. Nossa relação é sólida, mas dentro de mim sinto tristeza e amargura: por que eu e Louisa não conseguimos viver juntos?

Há alguns anos fui transferido pela empresa em que trabalho para a matriz parisiense. Eis-me de novo aqui! Fechou-se o círculo. Estou com quarenta anos e sinto que é tempo de viver diferentemente. De certa maneira, essa história me impede de estabelecer relações mais profundas com minha mulher."

Revi Pierre dias depois. Decidira "tentar", dizia ele, a viagem nas vidas passadas. Já estendido no divã e a relaxação terminada, dirigi-me à sua consciência superior:

"Na sua vida presente, você encontrou e amou Louisa. Se vocês se conheceram em outra vida, em outro tempo ou lugar, a esse ponto vamos retornar."

Fiz com que atravessasse o túnel temporal e, quando surgiu a luz branca, perguntei:

— O que percebe você? Está num interior? Ao ar livre?

— É um espaço fechado. Uma grande sala. Há muita luz.

— Está só?

— Não. Há muita gente. Creio que se trata de uma recepção. As pessoas vestem roupas luxuosas. Muitos candelabros. Ouço um música: uma espécie de cravo.

Pedi que se concentrasse em si mesmo e que, mentalmente, deslizasse as mãos pelo seu corpo para saber se era homem ou mulher.

— Sou homem. Sinto-me bastante grande. Visto um uniforme tendo galões aos ombros e botas pretas.

— O que isso lhe faz pensar?

— Tenho a impressão de ser um oficial do exército de Napoleão.

— Há outros oficiais presentes?

— Sim. Alguns.

— Gostaria que você se concentrasse nas pessoas que lá estão. Como são elas? Descreva-as para mim.

— Os homens usam traje de gola. As mulheres usam vestidos longos, bastante largos. Há uma... Ela está penteada com um pequeno coque na nuca. Os cabelos são negros e a pele é morena.

— O que sente você, agora, descrevendo essa mulher?

— É Louisa! Estou seguro de que é ela.

— O que essa recepção faz você pensar? Onde ela está acontecendo?

— Na Espanha. Estamos durante a guerra da Espanha. É uma recepção em casa de nobres espanhóis, onde se encontram alguns oficiais de Napoleão.

— Você é um desses oficiais franceses?

— Sim. É isso.

— Qual é a atitude dos espanhóis a respeito de vocês?

— São amáveis, no entanto um pouco distantes... Nós somos os invasores.

— Avancemos um pouco no tempo e vejamos o que se passa no decorrer dessa recepção.

— Estou conversando com a jovem mulher.

— Como se chama ela? Deixe o nome vir à sua consciência.

— Maria.

— Sobre o que falam vocês?

— De tudo e de nada. Conversamos.

— O que sente por essa pessoa?

— Atração. Ela é muito bela, mas adota uma atitude reservada. Não se fala com um homem dessa maneira.

— Como assim, "dessa maneira"?

— Não e costume, em se estando só, conversar com um homem. Maria recebeu uma educação muito rígida, assim com todas as jovens da nobreza espanhola.

— Mas vocês não estão a sós, pois há muita gente ao redor.

— Não importa. Ela não deve falar durante muito tempo comigo.

— Vamos ao final da recepção. O que está se passando?

— As pessoas estão partindo. Nós também. Vejo Maria sair com seus pais, e o irmão mais velho. Seguimos para o nosso alojamento, mas penso nela. Fiquei impressionado pela sua beleza. Ela tem qualquer coisa de especial.

— Avancemos no tempo. Você tornou a vê-la?

— Estou numa pequena rua sombria. Maria lá está e, a alguns metros, uma mulher de certa idade.

— Você quer dizer que ela veio às escondidas, acompanhada por alguém de sua confiança?

— Sim, é exatamente isso.

— Sobre o que falam vocês?

— Digo que a amo, e que desejaria revê-la.

— Como Maria reage?

— Está muito nervosa. Chora um pouco. Diz que nada é possível entre nós.

— O que vão fazer agora?

— Não sei. Não penso senão em revê-la. Fugir com ela.

— Vamos mais adiante no tempo, até o fim dessa história. Pierre agitou-se no divã, visivelmente muito emocionado.

— Maria não pode mais sair. Não conseguimos nos ver. Decidiram mandá-la para um convento.

— Vocês tiveram relações mais pessoais?

— Não. Mas nos amamos e ela confessou tudo à sua família. É por isso que vai para o convento.

— O que você pretende fazer?

— Desejo fugir com ela. Retornar à França ou ir para outro lugar.

— Mas você é um oficial de Napoleão e está em guerra!

— Sim. É por isso mesmo que não sei mais o que fazer. Estou como um louco. Penso nela todo o tempo, estou obcecado. Não

posso vê-la. Tento enviar-lhe algumas palavras. Ela está enclausurada.

— Vou contar até três e chegaremos à conclusão da história. Saberemos se você fugirá com Maria ou se ficarão definitivamente separados.

Assim o fiz.

— É noite — diz Pierre —, e rondo a casa de Maria. Venho aqui com frequência. Olho o lugar onde ela vive. Vejo, agora, três pessoas se aproximando.

— O que sente você?

— Sinto perigo. Mas é estranho, não são bandoleiros. Vêm em minha direção. Um deles desembainha longa espada. Não tenho tempo para defender-me. Sinto a lâmina queimar o meu peito. É o irmão de Maria! Eu o reconheço. Caio por terra. Os outros fogem. Pierre chorava no divã.

— O que sente agora?

— Vou morrer. Há sangue por todo lado. Estou muito mal. Sinto-me só. Maria está a poucos metros, e vou morrer sem revê-la.

— Vou contar até três, e você vai deixar esse corpo. Vai passar para o outro lado, depois que o corpo cessar suas funções. Vamos, passe agora. O que sente?

— Flutuo.

— E seu corpo?

— Eu o vejo. Está lá embaixo. Não se mexe mais. Vejo, também, pessoas que chegam e que se precipitam sobre ele. Eu me elevo, mais ainda.

— Muito bem. Pode você fazer uma ligação entre a história do oficial francês e Maria com a de Pierre e Louisa?

— Foi a Espanha, nos dois casos, que os separou: preconceitos sociais e culturais. Não eram livres para se amarem.

Pouco a pouco trouxe Pierre à sua consciência normal.

— Como se sente?

— Que viagem! Estou seguro de que era ela! E, no entanto, não era Louisa, não tinha o mesmo rosto. A única coisa que me incomoda é que, afinal, pouco nos vimos nessa vida também!

— Sem dúvida há uma razão kármica. Se você quiser, podemos tentar ir mais longe numa outra sessão.

Perguntei a Pierre se lhe parecia haver outras conexões entre a sua vida e a do oficial.

— Não, efetivamente não. A não ser que a época napoleônica sempre me atraiu. Fui visitar Waterloo, na Bélgica, e o campo de batalha. Senti profunda tristeza, olhando a "melancólica planície" da qual falava Victor Hugo!

— E pelo lado de Louisa?

— Maria e Louisa, ambas espanholas! Parece-me haver alguma coisa a mais. Louisa recebera uma educação religiosa muito severa e, como dizia, mal suportava as restrições que a religião fazia a sua liberdade. Maria foi encerrada num convento onde, talvez, tenha acabado os seus dias.

Revi Pierre quinze dias depois. Aceitou fazer uma segunda sessão. Fiquei contente, pois a intensidade daquela relação, apesar do curto tempo que os dois amantes tiveram juntos, me intrigava e permitia que eu pressagiasse algo mais.

— Mais uma vez, você vai recuar no tempo — disse-lhe. — Num passado distante, na época em que você e a mulher que conheceu nesta vida como Louisa se encontraram pela primeira vez. Vá ao encontro de um acontecimento importante que lhe ajude a se colocar nessa vida, naturalmente se essa vida existe. O que está percebendo? Onde está?

— Estou num barco.

— No mar?

— Sim. Mas vejo a costa muito próxima.

— Outras pessoas estão com você nesse barco?

— Sim. Somos quinze, mais ou menos.

— Você é um marinheiro ou um passageiro?

— Sou um soldado. É um pequeno barco que transporta soldados. Temos lanças. Na cabeça tenho um barrete com uma espécie de crista branca que desce pela nuca.

— Como está o mar? Como é o local?

— O tempo está lindo. O mar e o céu estão azuis. É agradável. Sinto-me muito bem.

— Você está em guerra?

— Não. Absolutamente. Tudo está calmo. Tenho a impressão de que se trata de uma inspeção de rotina, de vigilância no mar. Regressamos. Vejo uma cidade branca, colinas suaves e um porto.

— O que isso lhe recorda?

— O Oriente Médio, talvez, ou a Grécia.

— Passemos ao momento em que vocês atracam no porto.

— É muito animado. Gente por todo lado! Mercadores, barracas, crianças, cachorros. É muito colorido e alegre. Lembra um mercado oriental.

— O que faz você agora?

— Depois de atravessar a cidade, entramos no alojamento. Lá estão os hoplitas fazendo exercícios.

— Ora, você disse que estava no Oriente Médio e vê hoplitas?

— Bem, creio que estamos mesmo na Grécia. Penso em Alexandre. Acho que sou um soldado de Alexandre.

— Mas não estão em guerra?

— Não, entretanto há rumores de incursões a lugares afastados. Alexandre está reunindo o seu exército.

— Você é um simples soldado ou tem alguma patente?

— Não sou um simples soldado... Também não sou oficial. Talvez um suboficial. Sei que há pouco estive comandando uma espécie de barçaça com uns doze soldados.

— Como está se sentindo?

— Muito bem. Estou em harmonia comigo mesmo. Sinto-me bem nesta vida e nesta paisagem.

— Vá ao lugar onde vive.

— Vivo aqui, numa espécie de caserna. É a minha família, é a minha casa.

— Gostaria que se concentrasse em si mesmo para ver em que época de sua vida se encontra.

— Sou jovem, vinte ou vinte e cinco anos. Estou em plena forma. Tudo vai bem. Aqui é alegre: as casas brancas, as pessoas...

Decidi deslocar o soldado de Alexandre um pouco mais para o futuro.

— Vá para o momento em que aconteça alguma coisa.

— Estou numa pequena cidade, abaixo da colina. Pode-se ver o mar. É muito belo. Há oliveiras. Vejo pessoas que sobem para um templo.

— O que faz você?

— Estou com dois outros soldados e também vamos para o templo. Creio que vamos render graças aos deuses. Não sei bem.

— Passemos ao templo.

— Estou ao pé da escadaria com um grupo de pessoas. Lá no alto está um sacerdote, vestido com uma longa túnica, e se dirige à multidão. É o grande sacerdote a inspirar muito respeito. Fala dos deuses e da origem de todo nós. Fala também da Grande Passagem.

— Isto é, da morte?

— Sim.

— Há outras pessoas ao lado do sacerdote?

— Sim, há jovens sentadas. Elas também escutam o grande sacerdote.

— Você sabe quem são elas?

— São as vestais. São educadas no templo. Estão lá para honrar os deuses. Algumas desenvolveram o dom da clarividência.

— São muitas?

— Doze.

— Descreva-as para mim.

— Vestem-se todas da mesma maneira, uma túnica branca. Os cabelos soltos onde algumas prendem pequenas flores. É lindo.

— O que você sente por essas jovens?

— Respeito. São as vestais do templo. São as virgens consagradas aos deuses. Vejo uma muito próxima ao sacerdote, abstraída nos seus pensamentos. Nossos olhares se cruzam. É um choque. Tenho a impressão de que acabo de ver, por um instante, o mundo dos deuses.

— Avancemos um pouco no futuro e vejamos o que se passa.

— Resta pouca gente. O sol se põe no horizonte e começamos a descer a colina. O sacerdote permanece onde estava, com as vestais ao seu lado.

— Passarão elas a vida no templo?

— Umam ficam, outras partem para templos diversos. Algumas tornar-se-ão pitonisas: os deuses falarão através delas e interpretarão o oráculo. Gostaria que o meu olhar e o daquela jovem, mais uma vez, se cruzassem.

— É possível falar com elas?

— Sim, podemos falar, mas não nos aproximar, no sentido clássico do termo.

— Vejamos se acontece algo mais. Busque um fato que nos permita penetrar profundamente na vida grega ao tempo de Alexandre O

Grande.

(Tratava-se da época em que a conquista do vale do Indo foi iniciada por Alexandre.)

— Voltei ao templo. Reencontrei a jovem vestal. Conversamos.

— Do que falam vocês?

— De assuntos diversos. Ela é muito bela. É diferente das outras jovens que conheci até o presente. Emanava dela alguma coisa muito forte e muito suave ao mesmo tempo.

— Qual é a atitude dela a seu respeito?

— É divertida. Como se a isso não estivesse habituada. Falo de mim, da minha vida, das minhas campanhas. Conto que logo vamos todos partir para além do horizonte.

— Vamos prosseguir no futuro e tentar saber se você revê essa jovem?

— E noite. Estamos os dois sentados ao pé de uma oliveira, próximo ao templo.

— Há pessoas em volta?

— Não, tenho a impressão de que nos encontramos às escondidas. Somos muito atraídos um pelo outro. É mais forte do que nós.

— Como você se sente?

— Sinto-me culpado. É uma vestal, uma virgem sagrada, mas preciso revê-la. Tenho necessidade. Falamos dos deuses, das estrelas, do sentido da vida, coisas das quais pouco ouvira antes.

— E ela? Como está?

— Um pouco constrangida. Ao mesmo tempo, muito interessada pelo que relato sobre a vida comum, a vida de todos os dias. Sinto que é atraente para ela.

— O que você faz agora?

— Pego a sua mão e ela não reage. Há uma imensa vibração entre nós dois. Eu a tomo nos braços. Eu a beijo. Ela está com medo e eu também. Meu coração dispara. Penso que somos loucos. Se nos descobrem seremos executados. Mas sei que a amo. Ela também me ama. Estamos diante de uma muralha. Mas tenho-a nos meus braços e sou feliz.

— Enquanto ela está entre seus braços, diga-me se conhece essa pessoa no presente.

— Sim, é Louisa. É ainda ela.

— O que vão fazer?

— Não sei. Creio que vamos fugir. É uma loucura, mas vamos cometê-la.

— Avancemos no futuro.

— Estou com ela. Não sei onde. Faz mais calor do que antes. Vejo árvores.

— Quanto tempo se passou depois daquele acontecimento?

— Algumas semanas. Talvez um mês ou dois. Nós fugimos.

— O que estão fazendo agora?

— Entramos numa casa, um pouco distanciada de uma pequena aldeia. É lá que encontramos refúgio.

— Como é a casa?

— Muito simples, feita de palha e de pedra e cal.

— O que será de vocês?

— Não sei. Vamos tentar viver aqui.

— Avancemos mais no futuro.

— Estamos sempre na mesma casa. Arna tem uma filhinha e é feliz.

— Quem é Arna?

— Minha mulher. Eu a amo.

— O que fazem para viver?

— Corto madeira para esculpir. Colho plantas. É uma vida modesta, mas somos felizes. Faço também potes de barro, mas nada de muito importante.

— Vocês estão tranqüilos? Não correm perigo?

— Continuamos atentos, mas creio que o perigo está afastado.

— Vocês têm outros projetos?

— Esperamos que a criança cresça e, depois, tentaremos retornar a uma cidade mais importante, onde eu possa encontrar um verdadeiro trabalho.

— Estão longe da cidade à beira-mar?

— Sim, pois caminhamos muito e muito.

— Vamos ao futuro e vejamos o que se passa. Continuam na pequena aldeia ou em outra cidade?

No divã, Pierre se agita, terrivelmente emocionado.

— Os soldados estão lá! Vieram procurar Arna. São uns vinte. Não posso me defender. Arna grita. O bebê é arrancado dos seus braços. Tento lutar. Sou golpeado seguidamente. Amarraram Arna e a estão levando. Reajo e eles me seguram. São três. Um outro se aproxima. Ele ergue a espada e traspassa-me o peito. Caio. Grito. Tudo se embaralha. Vejo um soldado com o bebê gritando em seus braços e Arna sendo arrastada por eles. Sinto uma outra terrível queimadura nas costas. Acabou. Flutuo acima da cena. O que acontecerá a Arna? Permaneço lá ainda alguns instantes. Sinto que me elevo. Sinto-me dominado pela paz.

Assim o drama do amor impossível entre Pierre e Louisa estava ligado ao do soldado de Alexandre e Arna, a vestal prometida aos deuses. Foi estabelecido o elo kármico. Voltando à sua consciência normal, Pierre perguntava: "Você acredita que eu e Louisa nos reencontraremos em outras vidas além dessas duas?"

Eu lhe respondi que deveria ter havido outras, provavelmente, entre essas duas. De acordo com a minha experiência, parecia-me mais do que certo que tanto um como outro reencarnaram várias vezes nesse espaço de tempo. Havia também forte possibilidade de que tenham se reencontrado. Talvez não tenham tido, nessas vidas, idêntica relação. Podem ter sido parentes, amigos ou simples companheiros de estrada, e não amantes. O que parecia

certo é que Pierre fora chamado, no tempo presente, a se desligar definitivamente do seu karma com Louisa.

Eis aqui um exemplo de karma que corre o risco de parecer rude e que merece alguns comentários. Antes de tudo, no que se refere ao futuro: Pierre e Louisa, a partir da liberação do seu karma comum, poderão, enfim, se amar livremente numa vida futura ou nada mais têm a fazer juntos?

Penso eu que, a partir do momento em que o processo de compreensão se efetivou, existem todas as possibilidades de que se reencontrem para o melhor numa próxima encarnação. Afinal, é o que procuram há milênios.

Pode-se também perguntar que, sendo as situações de Pierre e Louisa e as do oficial francês e Maria tão semelhantes: ele francês e mais velho; ela espanhola, educada de maneira estrita e sofrendo pressão familiar, se Pierre não fantasiou, projetando-se inteiramente na história.

Por certo que a pergunta deve ser feita, mas neste caso não teria fundamento. Se alguém é apaixonado pelo Egito, sua civilização e sua história, relatando em estado de expansão de consciência uma vida no Egito, não significa que ele fantasiou baseado nos seus conhecimentos e gostos; é exatamente o inverso: é porque essa pessoa, tendo outrora vivido no Egito, é apaixonada por tudo o que se refere a esse país em sua vida presente.

Assim, como na dança de Shiva, deusa do tempo, os lugares, os acontecimentos e os seres humanos se cruzam e se entrecruzam indefinidamente, enquanto que os séculos e os milênios se escoam.

Tal como Pierre e Louisa, alguns seres que se amaram e se magoaram no passado continuam a se magoar hoje em dia. É que ainda precisam aprender e compreender, a fim de evoluir. Outros atingiram juntos o ponto do não retorno. Estes aprenderão alhures, ao lado de outros seres, o que é a vibração essencial do Amor. Outros, ainda se procuram. Mas todos, seja qual for o caminho particular e o estágio de evolução, são chamados a superar seus medos para aprender a amar. É esse o objetivo da nossa existência, e é a procura do amor incondicional que nos induz a renascer continuamente, revestindo-nos, sem cessar, de

corpo humano. A maior parte das pessoas não tem consciência disso. Entretanto, muitos procuram desesperadamente o sentido da sua existência. Acontece que — como nos mostra o estudo dos movimentos cíclicos da humanidade, segundo a tradição oriental — atravessamos, atualmente, a última etapa de um ciclo, a idade do ferro, idade sombria, na qual o homem não conhece e não quer conhecer senão a realidade terrestre, material, e não seu destino de amoroso eterno. Vivemos num mundo onde o amor não encontra seu lugar. Assim, há séculos, a mulher é relegada a um segundo plano, colocada no papel de espectadora. Quantas vezes, ouvindo meus "viajantes" relatarem a "origem dos tempos", ou eu mesmo, viajando ao passado, senti profunda tristeza por essas companheiras, essas mães, a quem os homens tanto fizeram sofrer, começando pelas guerras que dizimam os seres que puseram no mundo. Entretanto, nesta era negra em que vivemos, vislumbra-se um despertar gradual das consciências, um ascender à luz, de que as lendas nos falam, essas mesmas lendas que nos falam da impermeabilidade dos homens ao mundo espiritual ou do descartar da mulher e dos valores que ela encarna: a lenda de Avalon ou da pátria das mulheres e aquelas do rei pescador e do Graal. Todas nos dizem, simbolicamente, que o renascimento da humanidade passa pela reconquista de um estado de consciência diferente.

Parece que nas épocas de transição da humanidade um grande número de pessoas que se conheceram no passado escolha reencarnar junto. É verdade individualmente e é também verdade para grupos inteiros de seres, qualificados, por essa razão, de "grupos kármicos". Assim, como veremos no capítulo seguinte, todos aqueles que se "reconhecem" ou demonstram afinidades com civilizações hoje desaparecidas pertenceram, verdadeiramente, a elas.

Após cada uma de minhas conferências, há sempre um debate, que permite a todos apresentarem as suas perguntas. Mesmo depois que as pessoas partem, sempre resta um pequeno grupo em torno do estrado para fazer perguntas mais pessoais ou pelo desejo de estabelecer um contato direto com o conferencista. Na primavera de 1987, realizei um ciclo de conferências, com

Marguerite, apresentando meu primeiro livro, no sul da França. Durante uma das conferências, enquanto falava, meu olhar era atraído para o lado direito da sala. Lá estava um pequeno grupo de pessoas que pareciam ter vindo juntas, nada mais. No fim da noite, quando já não restava quase ninguém, vi o grupo se aproximar e, de repente, senti um bem-estar, uma alegria, uma emoção que não me era possível definir. Entre as pessoas, havia uma jovem mulher loura acompanhada por seu marido, homem de olhar franco, leal, que se mostrava curioso pelos temas que eu havia desenvolvido. Estabeleci uma conversa, principalmente com ele. Escutando-nos a jovem, ao me olhar, emitia uma aura de grande amizade. Subitamente, tive a certeza de que conhecia ambos, sobretudo a mulher de olhar envolvente. Mas não me era possível lembrar seus nomes, nem recordar as circunstâncias de um eventual encontro anterior. Eu estava a pensar nisso quando a jovem mulher, como se tivesse me escutado, disse suavemente: "É tão bom nos revermos depois de tanto e tanto tempo." Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Nesse instante, tive a impressão de que a minha memória se abria, literalmente, em duas e vi passar, mais uma vez, a grande migração celta conduzida por Rama, da qual não falei aqui, mas que fazia parte da vida de Govenka, a grande sacerdotisa. Numa sala no sul da França, vi passar a interminável coluna de guerreiros, de homens, de mulheres, de crianças e de cavalos, na marcha para o leste, na marcha para o seu destino solar! Ao mesmo tempo em que ressentia em mim a presença infinita de Govenka, tive a certeza de que os dois seres, ali diante de mim, também faziam parte daquela multidão em marcha. Depois, tudo desapareceu. Passaram-se apenas alguns segundos. Eu nada disse. Nunca soube quem eram aquelas pessoas. Sequer sei o nome delas. Companheiros do passado, talvez vocês se reconheçam através destas linhas. Saibam que amei revê-los e que penso com frequência em vocês.

Amigos ou parentes que seguem o mesmo caminho que o meu perguntam-me: "Nós nos conhecemos numa vida anterior?" É uma pergunta que raramente respondo. Cada um deve encontrar a sua própria resposta. Mas é bem verdade que encontrei

peças do passado na minha vida presente. Lembro-me daquela jovem que, num seminário de verão, descrevia em Atlântida uma casa muito clara e luminosa e que, chorando, dizia: "É linda. É a minha casa. Eu sei, regressarei à minha casa." Aquilo que ela detalhava, eu tinha descrito, ponto por ponto, muitos anos antes, em Chicago, a Gregory Paxson, quando fez uma viagem ao passado. Lembro-me também daquele homem que encontrara uma vida no século XI, na ocasião em que Inglaterra foi dominada por Guilherme, o Conquistador. Ele tinha um amigo, um "irmão" a quem reencontrou, mais tarde, numa outra vida, no século XV, em Praga. Amigo, tu te lembras?

Não são apenas os amantes do passado que se encontram além das barreiras do tempo. Amigos, irmãos, pais, companheiros de então também se reencontram, sombras luminosas do passado que surgem no presente. *Foram soldados no mesmo campo de batalha, moradores da mesma aldeia; morreram como cruzados na Terra Santa, ou viajantes saqueados e assassinados ao acaso numa estrada; foram mercadores, camponeses, guerreiros, padres ou bandidos (raramente reis, césores ou vizires). Eles se cruzam neste século XX e através deles ressuscitam as sociedades do passado. Eis uma história a esse respeito. Em janeiro de 1986, no Hotel Intercontinental de Paris, dois jovens estilistas apresentaram uma coleção de verão muito comentada: toda de sedas, drapeados, cores brilhantes, bordados que lembravam muito o fausto da antiga China Imperial. Quem a desenhou, Didier Lecoanet (e seu sócio Hémant Sagar), fizera uma viagem comigo, no ano precedente, nas suas vidas anteriores, da qual trouxe a lembrança de uma vida na corte imperial da China no último século, na qual ele era um conhecedor de tecidos e adereços. Foram as visões que teve que

* Acontece com relativa freqüência, que os membros de uma mesma família reencarnem juntos, com as relações de parentesco muitas vezes alteradas, o pai tomando o lugar do filho etc.

inspiraram a coleção. Eu me permito mencionar isso, pois ele mesmo contou esse fato na rádio France-Inter. Esta digressão foi pa-ra assinalar que é comum encontrar, nas vidas passadas, explicação de certos dons e talentos atuais. Talentos ignorados podem ser reativados, após uma viagem no passado.

A história que se segue é um pouco antiga, pois data de 1982, na época em que eu morava nos Estados Unidos. Paddy, um jovem americano, veio ver-me para saber quais eram as ligações entre ele e sua esposa do presente, chamada Mary. Ao mesmo tempo, desejava compreender por que sentia-se atraído a uma outra dimensão, mais espiritual, da existência. Paddy e Mary estavam casados há vários anos. Tinham um filho pequeno e eram felizes. Dadas as instruções e realizado o ritual preparatório, solicitei à consciência de Paddy sentir o seu corpo do passado. Com voz lenta e hesitante, ele respondeu-me vagarosamente.

— Tenho sandálias nos pés. Meu tronco é de homem. Sou magro. Meus cabelos são compridos, até os ombros, grisalhos. Sinto também barba e bigode longos.

— Passando as mãos sobre o seu corpo, como percebe a textura das roupas?

— Visto uma túnica longa, branca, suave e confortável.

— Descreva o lugar onde se encontra.

— Estou ao ar livre. É outono. As folhas estão amareladas. Encontro-me numa clareira em plena floresta, sentado sob uma árvore. É um carvalho magnífico. Sinto sua vibração, assim como a de uma pequena fonte que corre muito próxima. Há também um pássaro. Tento compreender o seu canto. Amo a sua forma de vida, como todas as outras que me cercam, e que tem consciência própria. Somos da mesma origem.

— Como seu corpo reage enquanto experimenta esse amor pelo pássaro e essa comunicação com tudo o que o cerca?

— Sinto no meu peito uma energia interior que se estende à garganta; sinto também lassidão. Tenho vontade de chorar.

— O que se passa agora?

— Estou a poucos metros da fonte. Por instantes, poder-se-ia dizer que a água parece ser de fogo e de ouro.

— Será um reflexo do sol?

— Não. É a fonte mesmo. Não a vejo com os meus olhos físicos. Tenho a impressão de ter outros olhos que percebem outras coisas. Desenho arabescos no céu com as minhas mãos. São como sinais. Não sei por que faço isso. Tenho as mãos finas. Creio que sou um sábio. Tento compreender e transmitir um ensinamento. Sei que muita gente é infeliz. Sinto a desgraça deles. Tento explicar-lhes que há outros valores além daqueles do plano físico, mas eles estão confinados em seus próprios corpos.

"Vejo surgir a imagem de uma mulher. Continuo na clareira, porém a mulher permanece em minha mente. Seu rosto é suave e os olhos castanhos. Não sei se é minha mulher ou minha filha, mas sinto-a muito próxima. Ela está comigo, no meu coração. Creio que é minha esposa.

— Tente explorar um pouco essa vida — eu lhe pedi. — Onde mora e o que faz você?

A imagem mudou.

— Estou em casa. É de madeira. Estou sentado em um banco. Minha mulher me serve pão preto. Ela tem longos cabelos pretos e é mais jovem do que eu.

Paddy, no divã, mostra sinais de viva emoção:

— É ela. É Mary. O amor que tenho por ela existe há milênios. Eu o sei, conscientemente, naquela vida: nossas almas se cruzam e se recruzam através dos tempos, sem cessar.

— Há outras pessoas nessa casa de madeira?

— Sim, há parentes e amigos. Creio que é a refeição da noite. As pessoas parecem sólidas. Elas são grandes. Sei onde estamos!

— exclamou, subitamente, Paddy. — É na Bretanha!

Ele começou a chorar.

— Estamos na Gália. Os invasores romanos chegam. Querem a tudo destruir: nossa cultura e as crenças dos nossos antepassados. Desejam nos impor seus deuses. Nós cremos na consciência da árvore e no amor do céu. Sou um sacerdote celta, um druida.

"Eu me chamo Per-An', acrescentou ele, sem que eu tivesse perguntado o que quer que fosse, claramente, sem ter feito esforço para que esse nome surgisse em sua memória.

Novamente, sem minha intervenção, a imagem mudou:

— Vejo uma aldeia em chamas. Os homens lutam. Estou no meio deles, como sempre fazem os druidas no combate. Oro, como nós oramos, para levar o fogo do céu ao coração dos guerreiros. Por isso mesmo que os romanos receberam ordem de nos matar. Os guerreiros nos escutam. Mas os outros são numerosos e brutais. Os homens morrem em torno de mim e sofro por eles. Tantos homens foram mortos nas outras aldeias em chamas. Tantas mulheres foram levadas como escravas para Roma. Vercingétorix, nosso chefe, foi arrastado para Roma...

"Compreendi agora, quando minha consciência penetrou naquela vida, na qual eu me encontrava meditando sob o carvalho, tudo já estava consumado. Ainda sou um ser livre, mas o velho mundo estremeceu. Os romanos estão por todo os lados. Fugimos para as entranhas da floresta.

Paddy regressou à clareira. Viu Per-An sair debaixo do carvalho, penetrar na floresta e chegar a uma pequena aldeia.

— É uma aldeia pobre, feita de madeira e palha e, entretanto, é confortável. Está acontecendo uma festa. É o Ano-Novo. Explico às crianças que me rodeiam que festejamos um renascimento: os anos morrem e renascem assim como as flores, como os homens...

Ele parou subitamente. Mais uma vez, a agradável visão transfigurava-se em drama. Os soldados romanos acabavam de entrar na aldeia. Paddy viu Per-An cair com uma lança cravada nas costas. Viu também a mulher tombar ao seu lado, ferida por uma espada.

— Transmiti a mensagem — disse ele morrendo —, fiz o que devia fazer. Sinto a alma da minha amada flutuando perto de mim e, com ela, outras. Subimos todos juntos, como se não pudéssemos jamais nos separar. Sei que um dia voltaremos num corpo físico para aprender e evoluir...

Assim acabava a história de Per-An, o druida, na qual estavam também inscritas, como outras regressões mostraram, as lembranças de um caçador da idade da pedra, de um "mestre em cristalografia" e outros mais. Mil e seiscentos anos mais tarde, a energia não encarnada de Per-An inspirou Ulrich de Mayence,

uma das personagens mais enigmáticas da Idade Média, que encontrou um jovem estudante de medicina, Michel de Nostre Dame, o futuro Nostradamus, do qual se tornará mestre e iniciador.

Ulrich, falando dessa energia não encarnada, percebida por ele em estado visionário, chamá-la-á Inumerável.

Eis o que nos leva a falar, agora, dessas vidas peculiares a que denominamos vidas espirituais.

Capítulo 7

AS VIDAS ESPIRITUAIS _ A ATLÂNTIDA

Sucede que as viagens temporais trazem à luz elementos desaparecidos de certas civilizações. É especialmente verdade que a pessoa que regressa ao seu passado o faz a partir de uma indagação espiritual. Sendo assim, numerosas regressões desobstruem vidas marcadas pela busca espiritual ou consagradas ao exercício de um poder espiritual: vidas de sacerdotes ou sacerdotisas, de monges ou de yogues... Atra vés delas, com freqüência, alas inteiras da grande tradição esotéric se revelam oriundas das grandes correntes orientais ou ocidentais.

Assim me foi dado ao longo destes anos — como a outros pe" quisadores — reencontrar um número de vidas de druidas, de cáta-ros, de templários, da tradição ocidental; de tibetanos e de yogues, principalmente, da tradição oriental, mas também de discípulos do taoísmo e de outras correntes japonesas. Se voltarmos ainda no tempo, é o Egito milenar que surge e, ainda antes, o continente perdido e considerado mítico, a Atlântida.

As viagens nas vidas espirituais têm por efeito — constatei muitas vezes — permitir à pessoa do presente uma abertura de consciência bastante importante. Isso foi verdade para mim com Govenka. Conforme já disse, minha pesquisa mudou consideravelmente após eu ter revivido a vida dessa sacerdotisa celta.

Após a publicação de *Nous sommes tous immortels* várias pessoas, maliciosamente, me perguntavam, com subentendidos, como eu me sentia em relação a Govenka e às imensas possibilidades: "Você não tem a impressão de ter regredido um pouco, depois?" A esse respeito, Govenka se expressou através de mim, dizendo: "Eu sou ele e ele sou eu. A partir do momento em que ele encontrar o caminho de si mesmo, de seu corpo astral, reencontrará o conhecimento do seu passado que lá está inscrito." Era verdade, pois quando me deixo partir profundamente em meditação ou em outras ocasiões semelhantes, sinto vibrar em mim essa mulher e suas possibilidades tornam-se as minhas. Com frequência constatei que o mesmo acontece com outras pessoas. Os yogues ensinam que um ser humano, ao abrir sua consciência, encontra o que chamam de "siddhis" e, a parapsicologia, de dons paranormais: fenômenos de clariaudição, de clarividência, de visão etérica etc. Todos os ensinamentos orientais insistem num ponto: o despertar de consciência de um ser encarnado é uma etapa normal, na qual não se deve parar. O erro que muitos cometem é o de se deslumbrarem pelo que se ativa neles e assim permanecerem. Outras etapas os esperam, até atingirem a última, que é a fusão da consciência humana na consciência divina, objetivada pela yoga e que a chama de "Samadhi".

As viagens temporais nas vidas espirituais são fontes de conhecimento das tradições esotéricas, mais preciosas ainda porque essas tradições foram perdidas. É o caso dos ritos e a iniciação druídica, em geral. Infelizmente, é ínfimo o que se sabe, hoje em dia, em relação ao imenso conhecimento que veicularam. O ensinamento era transmitido exclusivamente pela tradição oral e, bem entendido, pelos druidas. Durante a invasão romana foram postos à margem da lei e executados: os romanos chegaram com

os seus próprios deuses. (Lembremo-nos da história de Paddy e Mary.) A seguir, foi instaurada o que denominamos de civilização galo-romana. Por volta do século III, começo do século IV, quando o cristianismo se implanta na Gália, os druidas que ainda restavam se refugiaram nas florestas mais afastadas e o ensinamento clássico se abastardou à medida que era transmitido, até desaparecer. Entretanto, ainda foram encontrados traços no século X, em certas regiões da França e da Inglaterra. Sabe-se também que os romances da Távola Redonda têm suas raízes numa longínqua tradição druídica perdida. Mas não se sabe nada mais. No entanto, algumas pessoas em estado de expansão de consciência (entre elas Paddy, numa sessão ulterior) descreveram a iniciação e os ritos druídicos.

Parece que a iniciação se estendia por um grande número de anos: trinta ou quarenta anos, segundo a maioria das testemunhas. Mas esse período referia-se apenas à parte "terrestre" do ensinamento. Em seguida, para concluir a iniciação, o aprendiz druida devia passar para um outro plano, isto é, adquirir o domínio da viagem fora do corpo — ou viagem astral. Esta necessidade de, num determinado momento, passar ao "outro lado" nada tem de surpreendente pois que a encontramos em muitas tradições conhecidas, a começar pela alquímica. À procura da Grande Obra, da Pedra Filosofal que vai lhe dar a chave da imortalidade, o discípulo deve passar pelo estudo dos livros e dos enigmas, antes de se lançar à experimentação e praticar, ele mesmo, suas misturas no grande alambique que se chama "athanor". Ainda que precise trabalhar dez, vinte ou trinta anos, chegará o dia em que atingirá o último elemento, aquele que precisamente lhe falta para rematar a Grande Obra. Diz a tradição que o último elemento deve ser procurado do outro lado, no mundo da luz, onde ele se encontra e trazê-lo para o mundo encarnado.

Assim, como no rito egípcio da morte iniciatória que compreende oito etapas, na quinta etapa o discípulo é convidado a deitar-se num sarcófago, em uma cripta. Ele se entrega, então, a exercícios de respiração, tendo o sacerdote a seu lado, até o momento em que mestre e discípulo saem de seus corpos e juntos se elevam

ao mundo dos deuses, um guiando o outro. Quando "retorna", o discípulo é um iniciado, um "maakherou", aquele que "nasceu duas vezes", que visitou o reino dos mortos e transcendeu os seus limites terrestres, porque completou, em si mesmo, a Grande Obra.

Freqüentemente, as pessoas que revivem uma vida de druida fazem alusão à existência de um escudo astral. O escudo — de energia pura absorvida no mundo invisível — parece que servia aos druidas como proteção contra agressões exteriores. Eles os envolviam como se fossem um casulo. Alguns podem pensar que isso lembra ficção científica. Para melhor compreender do que se trata, é preciso lembrar certos episódios da vida dos santos nos quais os vemos miraculosamente preservados (das chamas da fogueira, dos leões, das flechas etc.) por uma invisível proteção espiritual.

Bem entendido, pode-se perguntar por que esse escudo astral não funcionou durante a conquista da Gália por Júlio César! É muito provável que a história seja feita de ciclos e que aquela era a hora para os druidas ultrapassarem os atalhos ocultos do tempo e, a partir daí, transmitir seus conhecimentos aos homens de maneira diferente.

Também encontra-se a experiência da viagem astral em numerosas descrições sobre o Egito, relatadas em expansão de consciência. Ademais, ao lado das descrições clássicas das pirâmides e da vida ao tempo dos faraós, os viajantes egípcios fazem, às vezes, estranhas narrativas que não correspondem ao conhecido, mas parecem concordar com a tese de Albert Slosman: o Egito seria o herdeiro direto da Atlântida, e a palavra "Egito" proviria de uma deformação de "AHA-KA-PTAH" que significa o "segundo coração de Deus"; o "coração mais velho de Deus", AHA-MEN-PTAH, origem da palavra Atlântida.

O "primeiro coração de Deus", essa Atlântida de que tanto se fala e tantas polêmicas provocou, é, preciso dizê-lo, o centro de inúmeras lembranças descritas em estado de expansão de consciência. Estranho para um continente considerado "mítico"? Mas, como lembrou Jean-Yves Casgha, em uma obra na qual tentava esclarecer a questão, registram-se hoje em dia cerca de

vinte mil livros escritos sobre a Atlântida. Para um continente mítico, isto é muito!

Como não voltarei a tratar da Atlântida em outro livro, gostaria de fazer algumas observações. Se se acredita nos textos antigos — a começar pela Bíblia, os diálogos de Platão e as lendas da Caldeia — e também nos mais recentes estudos arqueológicos, históricos e geológicos, pode-se emitir as seguintes hipóteses:

— Há muito e muito tempo existia no oceano Atlântico uma grande ilha que era tudo o que restava de um vasto continente do mundo antigo (várias dezenas de milhares de anos) conhecido pelo nome de Atlântida.

— A descrição feita por Platão dessa ilha, e os comentários que fez sobre aquela civilização não se reportam a um mito, mas à história.

— Através dos tempos, desenvolveu-se uma civilização extremamente evoluída na Atlântida, a qual se estendia do golfo do México, do rio Mississipi, da Amazônia e de toda a costa atlântica sul-americana, ao Mediterrâneo e, também, ao mar Báltico, ao mar Negro e, mais além, ao mar Cáspio.

— A Atlântida foi o berço de todas as civilizações. Nela está a origem de todas as nossas artes, ciências e crenças fundamentais.

— A Atlântida era o verdadeiro mundo antediluviano de que falam todas as tradições: o jardim do Éden, o das Hespérides, os Campos Elísios, o Olimpo. Ela permanece na memória universal, o grande país onde a espécie humana evoluiu em paz.

— Os deuses e as deusas dos gregos antigos, dos fenícios, dos hindus e dos escandinavos eram simplesmente os reis, as rainhas e os heróis da Atlântida. Os atos que as diferentes mitologias lhes atribuem são, de fato, tecidos de lembranças confusas de acontecimentos históricos reais.

— As mitologias do Egito e do Peru são uma tradução da religião original atlante que era a adoração do sol.

— Uma das mais prósperas colônias formadas pelos atlantes foi provavelmente o Egito, cuja civilização reproduziu a da Atlântida.

— O alfabeto fenício, relacionado a todos os alfabetos europeus, originou-se do alfabeto atlante, transmitido através dos maias da América Central.

— A Atlântida foi o berço das raças arianas ou indo-européias, semitas e, talvez, também dos turanianos.

— A Atlântida pereceu numa tremenda convulsão da natureza: ela mergulhou no oceano há doze mil anos e toda a sua civilização, ou quase toda, foi tragada.

— Alguns sobreviventes, que conseguiram escapar em barcos e barcaças, por acaso, divulgaram em todas as nações ocidentais e orientais a descrição da catástrofe. Isso chegou até nós através da lenda do dilúvio.

É preciso notar, a propósito, que a Bíblia não é a única a mencionar o dilúvio. Encontra-se o fato em todas as tradições: na dos índios da América do Norte, particularmente os cherokees e os hopis; nos da América Central e do Sul, assim como nas longínquas ilhas do Pacífico.

Que a Atlântida seja, após milênios, considerada um continente mítico e que tudo o que se relatou a seu respeito ainda se mantenha como uma fábula, nada prova. Durante dois mil anos, foi contada a "lenda" das cidades desaparecidas de Pompeia e Herculano, sem se duvidar, um só instante, de que não se tratava de um mito, "de cidades de fábulas". Foram precisos dois mil anos para que o mundo civilizado, que não dava crédito às descrições de Heródoto sobre os esplendores das antigas civilizações do Nilo e da Caldeia, acabasse por reconhecer as suas existências, geógrafos à frente, no princípio do nosso século.

Duvidou-se, igualmente, durante longo tempo, que os egípcios tivessem realizado, na antiguidade, uma expedição marítima em torno da África. Os exploradores egípcios afirmavam que, após avançarem um certo tempo, haviam encontrado o sol ao norte em relação a eles. O ponto preciso, que levantou à época suspeitas sobre a veracidade da expedição, constitui hoje a prova de que os navegadores egípcios, galhardamente, atravessaram o Equador e, em conseqüência, anteciparam em dois mil anos Vasco da Gama e a sua descoberta do cabo da Boa Esperança.

Seja como for, essas hipóteses sobre a Atlântida, se parecem inverossímeis aos olhos de alguns, em contrapartida mostram-se inteiramente sensatas quando comparadas ao que relatam, de suas vidas na Atlântida, os viajantes do passado. Assim, a narrativa da jovem mulher que, desejando reencontrar uma vida onde o espiritual havia preponderado, reviveu esse aspecto da existência na Atlântida:

— Estou sentada num grande aposento. O teto tem um domo através do qual passa o sol.

— Você sabe onde está?

— Não, mas sei que estou aqui para aprender.

— Aprender o quê?

— O sentido da vida, nossa própria filosofia. É uma espécie de escola de pensamento.

— Que fará você quando acabar de aprender?

— Penso que irei ensinar.

— Essa doutrina filosófica?

— Não somente filosófica. Aprendemos também coisas da vida: energia do pensamento, energia do cristal e como utilizá-las. Somos uns cinqüenta, todos jovens, agrupados ao redor do velho mestre. Há um grande cristal ao seu lado... Mas não é um ensinamento rígido. Ao contrário, é mesmo divertido. Sinto-me bastante alegre.

— Como o velho mestre ensina?

— Ele não fala. É como se seus pensamentos se fundissem diretamente nos nossos e também penetrassem em nossos diferentes corpos sutis. Neste momento, ele está me observando, pois estou ao lado de um moço a quem muito amo. Ele sabe. Nada é segredo para ele. Diz que devemos decidir se trabalharemos juntos ou separadamente no futuro.

— O que respondem vocês?

— Dizemos que sim, queremos trabalhar juntos. É um trabalho espiritual e pensamos que a dois o faremos melhor e, amando-nos, ajudaremos as demais pessoas.

— Você vai se casar com esse jovem?

— Sim, mas não sei como explicar: acima de tudo é uma união no plano espiritual... Vamos nos reunir num local. Cada um terá um

cristal bastante grande (trinta ou quarenta centímetros de altura) e nos ligaremos, um e outro, na energia do nosso cristal. Nossos cristais emitirão, cada um, um som e uma cor. Em seguida, fundiremos essas duas energias em uma só: um só som e uma só cor, que será nossa, a energia do casal.

— É nisso que consiste a cerimônia do casamento?

— Sim.

— Quando acontecerá?

— Logo que estivermos prontos. É preciso que as nossas energias, nosso desejo de união sejam suficientemente fortes, do contrário não alcançaremos a cor única.

— Haverá outras pessoas durante a cerimônia?

— Não, estaremos sós. São as vibrações por nós emitidas; a presença de outras pessoas provocaria interferências.

— Uma vez realizada a união da energia dos cristais, estarão casados aos olhos da sociedade?

— Sim.

— Vá ao momento dessa cerimônia.

— Já aqui estamos. Tudo é muito luminoso. Os dois cristais vibram e sentimos a sua energia. É algo totalmente vivo. Sua vibração é cada vez mais fina e em torno deles se formam ondas coloridas como fumaça de incenso. O meu emite uma energia rosa-arroxeadada; o do meu eleito é muito mais rosada. As duas emanações de energia colorida se fundem numa só. Formam, agora, uma cor única. Não sei como a descrever: ela é inteiramente pastel, mas não é uma cor que possa ser vista pelos olhos físicos. Entretanto, nós a vemos e sabemos que esta é a tonalidade exata que traduz a fusão dos nossos seres. É muito difícil exprimi-lo em palavras. Sabemos que as nossas duas almas acabam de se unir e que somos exatamente um em todos os níveis dos nossos seres. É uma magnífica experiência.

Confesso que essa descrição de casamento na Atlântida da Era Superior me impressionou muito mais ainda por nela ter encontrado surpreendentes detalhes de uma narrativa feita por outro dos meus viajantes na Atlântida. Fiz alusão a esse fato no meu livro *Nous sommes tous immortels*. Eis aqui o seu relato, transcrito com a maior fidelidade possível:

— Vejo um templo branco com uma escadaria que leva a uma grande porta. Eu subo. Eu entro. Umhas vinte pessoas lá estão estiradas ao chão. Todas têm entre quinze e vinte anos. Venho lhes transmitir um ensinamento com a ajuda da energia do cristal. É muito difícil descrevê-lo, pois não há palavras para explicar esse processo. Estou agora sentado na posição de Buda, com a coluna vertebral bem ereta. O cristal está pousado no solo há uns trinta centímetros de mim. Minhas energias fundem-se com as dele. O conhecimento assim captado é transmitido diretamente aos alunos deitados à minha frente. Os estudantes mantêm-se silenciosos como que mergulhados num outro estado de consciência. Eles são muito bonitos. Sinto suas energias vitais. Estão em equilíbrio com eles mesmos. Aprendem a se pôr em contato com a sua consciência superior, assim como com outros planos da consciência, através de uma vibração de amor incondicional. A atmosfera que aqui reina é simplesmente maravilhosa. Não encontro outra palavra. Nesse tipo de ensinamento não somos senão uma só alma, um só ser. Entendemos que todos procedemos da mesma fonte, que nós mesmos somos, cada um, a fonte de onde tudo se origina.

"O ensinamento acabou agora. Os estudantes se sentam. Resentem as vibrações que os cercam e parecem profundamente felizes. Eu me aproximo deles e lhes falo, mas não utilizo a palavra: é um modo de comunicação muito pesado e limitado que atinge uma área de compreensão muito restrita. Nós nos comunicamos espírito a espírito, numa transferência de vibrações. Impossível não ser tocado pela semelhança das duas descrições sobre este ensinamento, que uma narra tê-lo recebido como aluna e, o outro, transmitindo-o como mestre. As duas pessoas que as fizeram residem a centenas de quilômetros uma da outra e jamais se encontraram.

Esses dois depoimentos não são os únicos a serem compatíveis. Muitas das viagens nas vidas anteriores, nos Estados Unidos e na França, desembocaram em vidas na Atlântida. Todas apresentam semelhanças pasmosas e coincidem no fato de que a civilização atlante atingira nível que nenhuma outra alcançou depois.

Parece que o esplendor e o poder dos atlantes repousavam, ao mesmo tempo, no seu elevado grau de evolução humana e espiritual e na ciência do cristal, este mesmo cristal em que certos pesquisadores estão redescobrimo, atualmente, estranhas propriedades energéticas. Os atlantes, aparentemente, sabiam utilizar todas as energias do cristal. Através de diferentes relatos, sabe-se que usavam os cristais para converter a luz solar em energia que estocavam, principalmente, sob a forma de cristal líquido. Presume-se também que tenham estruturado, a fim de efetuar vôos interestelares, um sistema de propulsão fundado na capacidade dos cristais a transferir a energia entre a matéria e a antimatéria. Finalmente, sabiam criar, pelo pensamento, cristais gigantes modificando a estrutura molecular da matéria. Os cristais também eram utilizados na medicina e na cirurgia, pois — conforme vimos — atuavam como condensadores das energias mentais, psíquicas e espirituais. Os cristais lhes permitiam, ainda, utilizar os sons e a luz em registros de frequências imperceptíveis ao nosso plano físico mas agindo no plano invisível.

Além do domínio dos cristais e dos incríveis poderes que estes lhes conferiam, os atlantes parecem ter tido, também, o domínio, da saída do corpo, como explicou o "mestre em cristal", na mesma sessão de regressão:

— Creio que temos a necessidade de sair, de vez em quando, do nosso corpo, a fim de reenergizar certas partes do nosso ser (...). É como um processo de limpeza, de purificação. Mais uma vez, é muito difícil expressá-lo em palavras. Entendo que o meu corpo é composto de várias partes: corpo físico, invólucro sutil, corpo não manifestado, essência espiritual, alma (...). Podemos fazer outras experiências, além das que fazemos na dimensão física, manifestada, que é a nossa. A experiência do mundo físico é indispensável e, se não cuidamos convenientemente desse invólucro carnal, corremos o risco de permanecer na dimensão manifestada além do tempo que nos é necessário. Para conseguir deixar o corpo físico no momento desejado, é preciso mantê-lo em boas condições; a energia do cristal pode, eventualmente, servir para isso. Houve uma época em que não precisávamos disso.

"Devemos, em especial, cuidar para que as diferentes partes do nosso ser interajam de maneira harmoniosa, sob pena de perdermos a comunicação com nós mesmos. E justamente na época em que vivi, determinados seres parecem ter perdido a faculdade de deixar seus corpos. É como uma forma de doença, uma epidemia que começa a se expandir e que muito nos preocupa. É o sinal de um recuo na nossa evolução pela perda de uma faculdade natural. Esses seres desenvolvem sentimentos estranhos, desconhecidos para nós, como a inveja e o ciúme. É como se uma parte deles mesmos mergulhasse na sombra. Não compreendemos o que se passa. Talvez seja uma transformação que não previmos.

A sessão terminou pouco depois. Não comportava mencionar um fato freqüentemente relatado em outras regressões na Atlântida: os atlantes guardavam, em sua consciência, a lembrança de suas vidas anteriores. Mas, por intermédio dessa sessão, vê-se delinear uma realidade na qual certas tradições existiam há séculos: a civilização atlante teria conhecido, pouco antes de sua submersão, isto é, talvez mil ou dois mil anos antes, uma forma de decadência manifestada pelo mergulho no materialismo. Os atlantes teriam, então, utilizado as energias do cristal de maneira cada vez mais anárquica, tão anárquica, dizem alguns, que manipulando energias vibratórias eles mesmos provocaram o desmoronamento do continente e seu desaparecimento no oceano. Uma catástrofe, digamos de passagem, que muitos temem que se reproduza hoje em dia. Entretanto, a história não se repete. Passado é passado e o melhor que podemos fazer é se apoiar nele para buscar outros rumos. Talvez, precisamente aí, esteja a mais importante lição dos atlantes. Atualmente, quando se dá um ressurgimento bastante importante do cristal, e por quase todo o mundo se redescobrem — ou se reestudam, pelo menos — os seus poderes, não é demais repetir que o cristal não deve ser utilizado de qualquer maneira. Caso contrário, sobretudo quando o estado de consciência da pessoa que o manipula não é suficiente elevado ou purificado, ele pode produzir efeitos nefastos. De qualquer maneira alguém que manipule com relativa profundidade as energias do cristal aprende com rapidez que, num

dado momento, ele não é mais necessário e que é o ser humano que age como cristal pensante, com os mesmos dons, se não ainda maiores, tendo como único instrumento seus dedos ou seus pensamentos.

Todavia, atrás desta energia do cristal que ressurge em nossos dias está a sombra da Atlântida a perpassar o coração de numerosos seres do presente. E, atrás da vibração da Atlântida, está a resplandecente luz invisível do reino de Shamballah, o reino do preste João, com o qual os atlantes da Era Superior tiveram contatos muito precisos.

É sempre interessante comparar as narrativas dos viajantes no tempo com as grandes tradições, o que me foi dado fazer com as lendas dos hopis, uma tribo da América do Norte. Um americano, Frank Waters, reuniu em *Book of the Hopis*, o conjunto de suas lendas e de suas misteriosas cerimônias que assombam, desde que as conheceram, etnólogos e antropólogos. O autor não pôde, aliás, realizar sua obra senão graças à colaboração de um hopi, Oswald "Urso Branco" Fredericks, que lhe permitiu encontrar e conversar com os sábios da sua tribo.

O estudo dessas crenças é muito fascinante. Aprende-se, por exemplo, que o homem é ligado ao seu criador por diferentes centros sutis que reenviam diretamente aos chakras e, mais geralmente, à estrutura energética do ser humano, tal como a professam milenarmente os hindus.

Quando eles evocam o primeiro mundo e a primeira raça humana, as descrições que os hopis fazem da primeira descida do espírito ao mundo físico assemelham-se estranhamente àquelas que fazem os viajantes ao reviver sua primeira encarnação terrestre, como veremos adiante. Em seguida, a lenda conta como os homens desse primeiro mundo se separaram do divino, "pois essa raça utilizou os centros vibratórios do corpo unicamente para fins egoístas, esquecendo seu Criador" e, também, como esse primeiro mundo foi destruído pelo fogo dos vulcões.

Alguns, diz-se, foram salvos porque estavam escondidos nas grutas e foram eles os construtores do segundo mundo. Este segundo mundo é descrito, nas lendas dos hopis, sob os traços de uma civilização evoluída, baseada em trocas comerciais. Mas,

à medida que o comércio foi crescendo, os homens "esqueceram as preces de agradecimento ao criador e passaram a cantar preces de agradecimentos pelos bens materiais que trocavam e estocavam". Começou, então, a disputa de bens e, conseqüentemente, vieram as guerras. A descrição do fim do segundo mundo é interessante, pois ela nos conta que a terra subitamente enlouquecida balançou sobre seu eixo de rotação. As montanhas mergulharam nos oceanos e os oceanos no interior da terra. O mundo terrestre mudou totalmente de aspecto e foi o início da era glacial que transformou o clima do planeta.

Há ainda um terceiro e um quarto mundos na lenda hopi. (Estaríamos agora no quarto.) Encontra-se também menção de que os hopis chegaram ao Arizona provenientes de um país perdido situado ao sul. Acontece que os hopis têm uma dança, dita da serpente, que apresenta semelhanças estranhas com a dos maias, que tem o mesmo nome. Não sabemos, entretanto, grande coisa da civilização maia, que permanece um enigma, mas conhecemos certos textos como o Popol-Vuh. Estes afirmam que os maias chegaram ao seu país através das portas chamada "*tulans*". Os textos mencionam quatro *tulans*: no leste, um em Xibalbay (o mundo subterrâneo), um outro no oeste e o último "no alto". Quatro *tulans*, quatro pontos de passagem que, mais do que designar pontos geográficos ou pontos cardeais, indicam as portas cósmicas entre mundos diferentes. Acontece que os hopis também fazem referência aos *tulans* em suas lendas. Chegaram, dizem eles, a este mundo, que é o quarto, passando por um *tulan*. Mas de que mundo se trata? De épocas sucessivas da vida neste planeta ou de mundos diferentes? E os *tulans* representam chaves cósmicas que teriam facilitado a passagem de um planeta para outro, ou chaves espaço-temporais que permitem passar de um plano vibratório a outro?

Os maias erigiram uma civilização fabulosa da qual restam algumas pirâmides em escadas e jardins em locais grandiosos. Em 830 d.C, quando a sua civilização estava no apogeu, sem nada que o justificasse, eles desapareceram abandonando suas cidades, seus templos e os locais de suas cerimônias na selva, nada deles deixando subsistir senão um calendário sagrado sob

forma de um módulo harmônico chamado "TZOLKIN". Nesse calendário está previsto todo o desenvolvimento do presente ciclo. Sua validade é de cinco mil anos e termina em 2012. Aliás, descobriu-se com estupefação que, nas pirâmides maias na América Central, foram mencionados acontecimentos cujas datas remontam a mais de quatrocentos milhões de anos. Os maias e os hopis também nos transportam ao continente perdido da Atlântida.

Se recuarmos ainda mais no tempo e sugerirmos às pessoas que regridem às suas vidas passadas que busquem a sua primeira encarnação (em geral, são as próprias que manifestam esse desejo) encontram-se vidas que remetem às noções clássicas sobre a pré-história ou a antiguidade ou então — já vimos — a civilizações das quais nada se sabe. Mas, às vezes, devido a estranho fenômeno, a pessoa se reencontra numa existência onde não se percebe encarnada num corpo, mas sob a forma de uma energia turbilhonante, de um "ser de luz", assim como ela mesma se descreve. Em *Noussommes tous immortels* aludi a esses seres de luz, "*light beings*", retomando o termo usado pelos norte-americanos para classificar o tipo de experiências vividas em regressão. Não é raro que os viajantes descrevam, em seguida, uma descida na matéria, no nosso mundo físico.

Eis aqui, a esse respeito, o estranho depoimento de Christian, a quem pedi para retornar à sua primeira encarnação terrestre:

— Pareço um gorila hirsuto, o homem das cavernas — disse-me, logo que saiu do túnel temporal. — Sinto-me estúpido neste corpo. Tenho piolhos nos pêlos, uma quantidade de insetos que correm. Eu me coço. Não há outras pessoas comigo. Estou numa gruta. Parecemo-nos todos a macacos... Mas sabemos traçar sinais nas paredes.

— Como é o local onde estão?

— Perto de um lago. Choupanas sobre pilotis. O clima é quente. Sabemos utilizar o fogo.

A imagem oscilou.

— Agora participo de uma espécie de cerimônia. É noite. Cozinho ervas. Somos muitos a vigiar o fogo. Ao mesmo tempo, olhamos o

céu. Há uma lua magnífica. Creio que adoramos a lua. Ela é para nós o país dos deuses.

— O que sabem vocês dos deuses?

— Somos filhos dos deuses, filhos da lua.

Ao dizer isto, o ser que se exprimia, naquele instante, através de Christian, parecia fascinado.

— Um ancião da tribo já viu os deuses. Eles são diferentes de nós — acrescentou.

— Como são eles? Com que se parecem?

— Não sei dizer. Não sei explicar.

— Você já os viu?

— Jamais. Somente o velho os viu. Foram eles que nos ensinaram a cozinhar as ervas. São mestres. Eles brilham como o sol.

— Como vieram?

— Não sei. Eles vêm e desaparecem. Cavalgam na luz. Ficamos muito tristes quando se vão e oramos por eles.

— O que pedem a eles?

— Que protejam nossas famílias da fome e da doença. Solicitei a Christian, o homem das cavernas, que avançasse até o momento em que lhe foi dado perceber um desses deuses. Sobre o divã, Christian começou a chorar suavemente.

— Choro, estou numa gruta. Estou só e um dos deuses está aqui.

— Como ele veio?

— Eu não sei. Ele está aqui. Ele flutua e é brilhante. Estou orando como posso, com a cabeça entre as mãos.

— Como ele está vestido?

— É qualquer coisa azul-céu... Não sei. Ele é maravilhoso. Ele me fala sem abrir a boca: eu o compreendo diretamente, como que por telepatia. Estou assustado. Entretanto, não faz gestos arrebatados. Ele me explica que devo fazer algo. Tenta me esclarecer... Faz um sinal e me dá pequenas bagas vermelhas. Não compreendo (...). Creio que devo esmagá-las e beber o suco. O deus desapareceu. Sinto-me embrutecido. Retorno à aldeia. Cozinho as bagas e bebo o líquido que elas dão. Em mim se passa algo de estranho. Sinto-me partir. Vejo a lua se aproximar, lua cheia. Vejo também uma águia e um cavalo branco. Jamais

vira um cavalo branco, é lindo. Escuto músicas maravilhosas. Creio que nossos deuses não vivem na lua. Vivem num plano superior, diferente.

"Agora vejo relva e um magnífico templo branco. Os deuses lá estão, mas não sinto medo: eles não brilham com a mesma luz de quando estão embaixo. Estão vestidos de cores claras. Estou muito perto deles.

— O que se passa agora?

— Estou no interior do templo com cinco ou seis deles. Explicam-me como vivem. É estranho, mas tenho a impressão de que isso desperta em minha memória lembranças longínquas.

— Como se comunicam eles?

— Não emitem sons. Não me explicam nada. Mostram somente a maneira certa de viver: devemos tratar-nos com respeito, tomar cuidado com nossas mulheres e nossos filhos. Tenho a sensação difusa de que eu sabia de tudo isso e depois esqueci, pois estou em outro mundo, lá embaixo... como é bonito aqui!...

"Acabou. Tudo desapareceu. Estou sobre a relva. Retornei à aldeia. Creio que sonhei. Falo com o ancião sobre o sonho e ele me diz que o mesmo lhe acontecera.

— Como você viveu depois desse sonho? Sua vida mudou?

— Creio que me tornei um sonhador na aldeia. Tento explicar como deveríamos viver, que devemos nos tratar com respeito e que esta vida nos foi dada por aqueles do alto. O ancião me ajuda. Experimento utilizar as plantas. Minha consciência é rudimentar, mas a dos outros é mais limitada ainda.

— Vamos ao último dia de sua vida de homem das cavernas, ou melhor, de homem do lago.

— Sinto uma violenta dor no ventre. Deve ser uma espécie de apendicite ou peritonite. Vou morrer.

— Os seres de luz voltaram a se manifestar durante sua vida?

— Não, jamais os revi e também não os esqueci.

— Passemos à morte. O que ressentiu você agora?

— Eu flutuo. É agradável. Vejo o lago e a aldeia lá embaixo. Agora tudo torna-se sombrio, mas me sinto atraído por uma luz. Vou em sua direção. É incrível! Retornei ao templo! Os deuses estão lá. Eles se divertem. Não tenho mais corpo, creio que

minha alma atingiu o mundo dos deuses. Pergunto-me o que vou fazer. Lembro-me da primeira vez em que os vi. Diante deles, tão luminosos, envergonhava-me da minha feiúra. Sentia-me estúpido perante a inteligência deles e grosseiro em comparação à sua suavidade. Aqui, compreendo que são pessoas como nós. São tão belos! Eles me vêem! Tenho um corpo?

— Como eles reagem?

— Dão-me bom-dia. Não é o mesmo corpo que eu tinha lá embaixo. Também não me pareço de todo com os deuses. Caminho suavemente pela relva, perto de um pequeno lago. Lá está uma mulher.

— Uma mulher ou uma deusa?

— Constrange-me ser tão feio diante de ti. Ela responde que minha alma não é feia. Tudo é inacreditável. Pergunto-me quanto tempo decorreu desde que deixei o outro mundo. Não tenho mais noção de tempo. Em certos momentos vejo objetos no céu. Diria balões, discos. Permanecem por instantes e somem. Serão meios de transporte? São feitos de luz, de greda e de sol. Sim, é isso. São mesmo meios de transporte. Eles tomam um pedaço do sol, o arredondam, nele entram e partem.

"Meu corpo se amolda pouco a pouco ao deles. Ainda não me pareço bem com eles, mas sinto que me transformo. Eu venho daqui. Sei-o agora. É como se minha consciência se abrisse. Fui um deles. Tenho a impressão de sair de um longo, muito longo sono. Sinto forte sentimento de amor pelos que ficaram lá embaixo. Parece-me que eu mesmo escolhi descer num corpo primitivo para mostrar a eles o que é a vida. Apesar da feiúra que sempre resenti, amei tomar um corpo de carne. Talvez outros, dentre nós, desçam de tempos a tempos num corpo humano? Creio que a consciência se fecha voluntariamente para que a prova não seja tão árdua. Entretanto, subsistem impressões fugidias do mundo dos deuses: alguns princípios, pensamentos fugazes, um sentimento de amor pelos seres e pelas coisas...

Assim terminava o estranho e incrível relato de Christian sobre a encarnação na Terra pré-histórica de uma entidade vinda de um mundo não-físico. Não foi o único testemunho deste tipo que recolhi e não fui também o único a tê-lo feito. Nessas narrativas

reencontram-se, parece, segredos veiculados ao longo dos tempos e que fazem alusão à vinda à terra de seres oriundos de outros planos vibratórios para dar alento à humanidade. Alguns, conscientes do que são, teriam sido grandes pensadores, filósofos, inventores geniais. Outros, menos conscientes, trabalhariam nas sombras de maneira mais discreta, mas sempre poderosa. Certas correntes atuais chegam mesmo a afirmar que os seres dessa espécie se encarnam em corpos físicos, neste período de transição que é o nosso, para fazer a humanidade cruzar a porta de entrada da era de Aquário. Essas coisas podem parecer desprovidas de bom senso mas delas sou apenas o eco. O que tem que acontecer que aconteça!

Terceira Parte

OS CICLOS DA ALMA

Capítulo 8

A VIDA FETAL

Após alguns anos de pesquisa e de experimentação sobre o fenômeno das vidas passadas, passei a me interessar pelo nascimento e pela vida fetal. No segundo capítulo, disse que com as mesmas técnicas de expansão de consciência, tanto se pode viajar no passado "remoto" como no passado próximo: infância, nascimento, vida fetal.

À época, ainda ignorava os trabalhos de Stanislas Grof sobre a vida fetal e o nascimento, mas conhecia os de um membro da APRT, Barbara Feinseinden, uma psicóloga clínica agregada à Universidade da Califórnia. No início dos anos oitenta, ela já havia

efetuado mais de cinco mil "regressões fetais" e demonstrava o que pude igualmente constatar, desde que passei a trabalhar em regressões desse tipo: a consciência não começa na infância. Voltando-se o tempo lentamente — o que se faz, em geral, partindo da infância para o nascimento — no nascimento encontra-se uma consciência. Retornando-se aos nove meses fetais, aos oito, aos sete, aos seis etc, encontra-se sempre uma consciência.

Entretanto, até há poucos anos, os psicólogos não se interessavam pela experiência do nascimento e, menos ainda, pela da vida fetal. Para a maior parte das escolas de psicologia, nada se passava no ventre da mãe além de uma gestação física e nada, também, na hora do nascimento, a não ser uma simples separação de corpos, se assim se pode falar.

Mas um número crescente e importante de psiquiatras e psicólogos — trabalhando, aliás, independentemente uns dos outros — tais como Stanislas Grof, Ronald Laing, Arthur Janov ou Leonard Orr, demonstraram que no ventre da mãe acontecem infinitas coisas em nível psicológico porque elas acontecem mais profundamente no inconsciente do filho durante a vida fetal e no momento crucial do nascimento.

O primeiro psicólogo a se dedicar seriamente à experiência do nascimento e a ter, ao mesmo tempo, pressentido a sua influência no desenvolvimento da personalidade foi Otto Rank, psiquiatra vienense, discípulo dissidente de Freud, nos anos vinte. Em seu livro *O Traumatismo do Nascimento* — hoje um clássico no qual descreveu o combate que representa para o bebê a progressão no canal uterino. Pois, conforme ratificado em todos os estudos realizados nos últimos quinze anos, o nascimento, mesmo em ótimas condições, é um acontecimento excepcionalmente traumatizante para o feto. É tão traumatizante que esse medo tenaz e incontrolado da morte, que certas pessoas experimentam, poderá bem ser um resíduo — "um medo residual", dizem os psiquiatras — do traumatismo do nascimento.

A idéia que Rank então desenvolveu era a de que, à lembrança dessa luta que é cada nascimento, através do combate no canal uterino, se agrega todo um "material inconsciente", toda uma

imagística. Assim, de acordo com ele, imagens de afogamento, queimaduras, choques, cortes e mesmo de desmembramento, são todas remetidas para o doloroso partejo do nascimento, testemunhando a violência que é infligida ao feto.

Também para Rank os sonhos em grutas, cavernas, torres e em todos os cenários de aprisionamento, de isolamento — que se exprimem em sonhos, em fantasmas ou em obras artísticas — traduzem a existência intra-uterina.

As conclusões de Rank, nos anos em que a psiquiatria acabava de nascer, devem tanto às suas observações quanto à sua intuição. Uma intuição confirmada trinta anos mais tarde pelos trabalhos de outro psiquiatra, Stanislas Grof. Grof estava, então, no começo de suas pesquisas e praticava, na Tchecoslováquia, psicoterapias sob a ação do LSD (assim fazia para estudar os estados modificados de consciência), a droga facilitando, como se sabe, a emergência de materiais inconscientes.

Ele ficou estupefato ao constatar que todos os seus pacientes pareciam ter, efetivamente, conservado "recordações" do seu nascimento e estas eram expressadas sob a forma de visões, uma imagística mental que era exatamente aquela que Rank, intuitivamente, havia associado ao nascimento. (Eis por que Grof chamou de "nível rankiano do inconsciente" as visões que se reportam ao nascimento.) Mas verificou-se rapidamente que, se as visões retornavam de maneira constante, elas seguiam cenários bem particulares conforme o que o bebê havia — mais ou menos — sofrido durante uma ou outra fase do parto: quando das primeiras contrações do útero ou quando da progressão no canal ou, ainda, quando da separação definitiva da mãe etc. Grof também demonstrou que havia uma conexão entre o período do parto no qual se fixava o inconsciente de alguém e o seu perfil psicológico — ou, mais exatamente, psicanalítico — como se fosse no nascimento, e em suas diferentes fases, que a personalidade determinasse as tendências gerais em torno das quais ela irá ser construída. A descoberta dessas "matrizes perinatais", como ele denominou os decisivos momentos do parto para o psiquismo, foi ainda mais interessante, pois Grof já havia traçado sua teoria dos "sistemas COEX". Um sistema COEX, sob

esse nome rústico, é uma coisa simples: trata-se de uma constelação de lembranças pertencente a determinados períodos da vida de alguém, com a característica de que só são armazenadas lembranças tendo fundamentalmente o mesmo tema ou envolvendo elementos semelhantes ou, ainda, possuindo a mesma carga emocional. Os sistemas COEX constituem a verdadeira dinâmica do inconsciente individual, seu motor, e seu conhecimento é essencial à compreensão de cada personalidade e, particularmente, dos seus "*patterns*" neuróticos. Ora, demonstrando a existência das matrizes perinatais, Grof demonstrou também que é no momento do nascimento que se enraízam esses "*patterns*" que os sistemas COEX enceleiram, se cabe dizer, as lembranças que vão lhe servir de tema básico.

Vê-se, então, todo o interesse que psicólogos como Barbara Feinseinden, encontraram nessa descoberta, por praticarem regressões no passado com fins terapêuticos. Assim, conforme diz ela, a exploração dos períodos da vida fetal e do nascimento constitui um dos elementos mais ricos de conhecimento sobre alguém e uma das melhores terapias possíveis.

Para dar um exemplo concreto, eu mesmo tenho constatado, com freqüência, que uma criança que combate além do normal no canal uterino torna-se um adulto combativo, isto é, guardará a sensação de que precisa lutar incessantemente para sobreviver. O combate inicial engendrou essa programação inconsciente: "Se não combato, morro." O único meio de que essa pessoa dispõe para se liberar da sua programação é dela se conscientizar, compreendendo de onde vem e qual é a sua origem.

Nos anos vinte, para Rank, e, a seguir, psicólogos jungianos, o papel atribuído à mãe durante o processo da vida fetal e no momento do nascimento era inteiramente impessoal. Fora estabelecido que *in utero* a criança sentia sua mãe não como uma pessoa em particular, mas como um indefinido oceano de felicidade, no qual se banhava: um arquétipo da mãe cósmica. Mesmo no nascimento, a extração desse oceano primordial era considerada como a experiência com E maiúsculo — universal — da morte/renascimento.

O certo é que a experiência do nascimento, e tudo que o cerca, supera largamente o quadro da personalidade, tanto da mãe como da criança e de história pessoal.

Através de conversas com minha mulher e outras amigas que tiveram filhos, constatei que, ao dar à luz, cada mulher participa de uma experiência transpessoal imensa. Algumas, durante o parto, vêm retornar à sua consciência imagens da tenra infância ou da própria vida fetal. Outras têm, por vezes, visões de luz ou sensações de saída do corpo. Todas essas coisas que se manifestam, assim como a reativação, são chamadas pelos psicólogos de "complexo arquetipal do nascimento".

Dando à luz e nascendo, mãe e filho descortinam a experiência universal da mulher, do ser feminino. Uma experiência que insere na grande memória da raça humana, a que Jung chama de inconsciente coletivo, todas as perdas, os sacrifícios, as mortes de filhos em que, por vezes, algumas mulheres, quando no parto, refazem uma forma de experiência interior.

Mas a dimensão transpessoal e coletiva da vida fetal e do nascimento não é mais, doravante, a única a ser considerada. Todas as pesquisas que foram feitas nos últimos vinte anos revelaram que a experiência da vida fetal é muito mais pessoal do que se imaginava. É o que explica o Dr. Verny em sua obra* que é, sem dúvida, uma das mais marcantes nesse campo de pesquisas:

"Sabemos hoje", escreve ele, "que a criança, antes do seu nascimento, é um ser humano consciente e capaz de reações, e que desde o sexto mês de gestação (mais cedo talvez) tem vida afetiva. Paralelamente a essa descoberta, no mínimo surpreendente, constatamos vários pontos:

**Op. cit.*

- O feto pode ver, entender, tocar, gostar e mesmo, em nível muito primitivo, aprender no útero antes de nascer.
- Mais importante ainda: ele é capaz de sentimentos menos elaborados do que os adultos, é claro, porém muito reais. Esta constatação é acompanhada do seu corolário:

- As percepções e os sentimentos da criança começam a modelar seu comportamento assim como as suas expectativas. A maneira pela qual se perceberá vai determinar um indivíduo feliz ou triste, agressivo ou tímido, seguro ou ansioso, dependendo em parte das mensagens que recebe, no útero, a seu respeito.

- A principal fonte dessas mensagens, a partir das quais se forma a personalidade, é a mãe. *O que não quer dizer que os menores aborrecimentos, dúvidas ou ansiedades da mãe repercutem no bebê.* O que conta são os esquemas afetivos profundos e duradouros. A ansiedade crônica ou uma ambivalência perturbadora dos pensamentos e dos sentimentos a respeito da maternidade podem deixar uma grande cicatriz na personalidade da criança. Em compensação, as emoções ricas e positivas, como a alegria, a satisfação e a esperança, podem contribuir de maneira importante para o desenvolvimento afetivo de uma criança sadia. A pesquisa atual começa também a se interessar, muito mais do que no passado, pelos sentimentos do pai. Até recentemente, não eram levadas em conta as suas emoções. Recentes estudos mostram o que essa atitude tem de perigosa e errônea. Constataram que os sentimentos experimentados pelo homem, a respeito da sua mulher e da criança que ela leva, são determinantes para o sucesso de uma gravidez."

Os trabalhos do Dr. Rottman, da Universidade de Salzburgo, na Áustria, destacaram a importância do estado de consciência da gestante durante a gravidez e a sua influência sobre a da criança. Rottman demonstrou que se podia classificar as mães em quatro

tipos, de acordo com sua atitude — consciente e inconsciente — a respeito da gravidez e do bebê. As mães ideais, acima de tudo, são aquelas que — conforme os testes psicológicos que Rottman lhes aplicou — manifestaram desejar um filho tanto consciente quanto inconscientemente. Essas mães têm, na maioria, gravidez feliz e tranqüila, sem problemas posteriores ao parto e seus bebês gozam de excelente saúde.

No outro extremo, encontram-se as mães que Rottman chamou de "catastróficas". São as que, de maneira alguma, desejavam um filho. Elas apresentam, em consequência, toda espécie de

problemas médicos durante a gravidez e têm por vezes partos prematuros e põem no mundo crianças com pouco peso e emocionalmente perturbadas.

Entre os dois extremos, situam-se as mães "ambivalentes", que exteriormente mostram-se radiantes pela gravidez, mas interiormente não estão seguras de o estar. Muitas vezes esse tipo de mãe apresenta perturbações de comportamento e é afetado por problemas intestinais.

Enfim, as "mães frias" que conscientemente não desejam ter um filho — devido à carreira profissional, problemas financeiros, condições de vida etc. — mas que, inconscientemente, muito o desejam. De acordo com Rottman, a criança registra as duas mensagens contraditórias *in utero* e a tendência é se mostrar apática.

Eu mesmo, levando centenas de pessoas à sua vida fetal, verifiquei que não existe nenhum sistema de filtragem entre a mãe e o filho. O que a mãe ressentir, o filho recebe e guarda por inteiro.

Quando explico tudo isso em conferências, há sempre um grupo de mães que se sentem imediatamente culpadas e vêm me confessar suas inquietações: elas se reconhecem nas mães frias, catastróficas etc. ou seu bebê nasceu por cesariana, a fórceps, prematuramente etc.

Faço questão de precisar os seguintes pontos:

A vida é um *continuum*. Não começa no momento da concepção para terminar no momento da morte física. É um ciclo. A exploração das vidas passadas no-lo demonstra com abundância: não somos seres "novos" ao nascer, posto que carregamos nosso karma. Esse karma, já vimos, nos leva a efetuar certas escolhas, a viver certas experiências. Em conseqüência, como esclarece Roger Woolger*, analista jungiano que muito trabalhou sobre os fenômenos das vidas anteriores, cada criança, vindo ao mundo com seus próprios dramas kármicos não terminados, a vida fetal e o nascimento são as primeiras oportunidades que se oferecem a ela para reativar certos "*patterns* kármicos" ainda não resolvidos. Por exemplo, já mencionei que numerosas pessoas nascidas com o cordão umbilical enrolado no pescoço descobriram ter sido mortas por enforcamento ou estrangulamento numa vida anterior.

Isso ocorre em grande proporção: vinte em cada vinte e cinco casos.

Também as crianças nascidas a fórceps reencontram, com frequência, no passado, mortes provocadas por choques na cabeça, como o esmagamento. Os recursos das tecnologias modernas, que hoje presidem os partos, oferecem inúmeras oportunidades para tornar a representar ou reativar o cenário das mortes do passado e os nós kármicos de cada um.

Mas também ressalta dos trabalhos de Woolger — e isso aporta uma dimensão suplementar aos do Rottman — que a criança escolhe a personalidade do pai e da mãe em função dos problemas kármicos que deve resolver. Assim sendo, o estado de consciência da mãe durante a gravidez é, em si, uma ocasião oferecida à criança — seria melhor dizer: uma ocasião que a criança se dá — para reativar certos esquemas kármicos no seu subconsciente. Uma alma dominada pelo esquema de morte violenta ou de abandono será, sem dúvida, atraída pela mãe catastrófica de Rottman. Quando ela pensar ou nela encerrar esse pensamento inconsciente: "Não quero este bebê", a criança o perceberá: "Eu não posso ficar aqui, nada tenho a fazer aqui, ninguém me ama, ninguém me quer." Esses pensamentos não serão propriamente emitidos pela mãe, mas somente despertados por ela no inconsciente do filho, onde dormita a remi-

**Op. cit.*

niscência de traumatismos anteriores. O inverso também é verdade: uma criança relativamente livre de karmas negativos vai ser atraída pela mãe ideal. Entre os dois extremos, mais uma vez, as mães ambivalentes ou frias vão atrair crianças cujas tendências kármicas reflitam seus próprios pensamentos. Ao regredir à vida fetal, as pessoas cujas mães eram desse tipo fazem declarações tais como: "Não é um lugar seguro. Acrescentei um peso aos ombros."

Se não é conveniente que as mães se recriminem além do limite, é preciso que elas saibam que o filho *in utero* registra absolutamente tudo que delas se origina. Entretanto, parece que no início da gestação a criança é incapaz de distinguir seus próprios

sentimentos dos da mãe. Por exemplo, se o pai partiu ou não se preocupa de nada e a mãe pensa: "Estou sempre só. Devo fazer tudo sozinha", o bebê registra inconscientemente esse pensamento que pode reativar nele um traço kármico que o faz crer que não pode confiar em ninguém, que deve fazer tudo só etc.

Eis dois exemplos de regressão fetal que ajudarão a melhor compreender o processo:

Simon é um homem de aproximadamente cinqüenta anos. Foi sempre sujeito a crises de angústia que, nos últimos anos, são acompanhadas de fortes ardências no estômago. Ele segue, bem entendido, um tratamento médico sem resultado apreciável. E tudo fez para compreender a natureza da sua angústia. Ele se questionou muito e leu bastante. Foi igualmente com essa finalidade que veio me ver.

Logo na primeira sessão ele se reencontra na idade de seis anos e, em seguida, na de quatro. Nos dois momentos, exterioriza o mesmo esquema: "Mãe não me ama."

Eu lhe pergunto:

— E você a ama?

— Não, não a amo.

— Mas você "sente" a sua mãe?

— Sinto-me mal. Não, eu não a sinto. É evidente que há uma ruptura entre mãe e filho. Não obtenho mais nada de Simon, o que me leva a decidir por uma segunda sessão para visualizar a sua vida fetal, antes de um trabalho nas vidas anteriores. Já no começo da segunda sessão, peço à consciência superior de Simon que vá aos seis meses fetais.

— Estamos nos seis meses de vida fetal. Gostaria que você deixasse as coisas acontecerem e que se concentre em sua mãe. Diga-me o que sente.

— Não muita coisa. Sinto uma vibração cinzenta.

— O que essa vibração provoca em você? O que provoca no seu corpo do presente, que, lembre, sente exatamente a mesma coisa que o bebê no ventre da mãe.

— Está frio. Estou angustiado. Tenho um peso no estômago e uma bola na garganta.

— Vamos aos quatro meses. O que sente?

Creio que é por minha causa: tenho a impressão de ser um incômodo, um fardo para ela.

— O que isso provoca em você?

— Eu me pergunto o que estou fazendo aqui. Parece-me que não deveria estar onde estou.

— Sua mãe quer o bebê?

— Sim e não. Exteriormente diz que sim, que está contente, pois uma mulher que espera um filho é tida como feliz, mas, no fundo, tem medo por si e pelo futuro. Pensa que será um peso suplementar e não se sente bem.

— E você? Tem vontade de estar aí ou em outro lugar?

— Não tenho vontade de estar aqui. Não sei se tenho vontade de estar em outro lugar.

— Você tem vontade de nascer?

— Não. Mas também não quero mais ficar aqui.

Preso nesta contradição, o inconsciente da criança é submetido a uma espécie de eletrochoque. Entretanto, a natureza fará seu trabalho.

— Chegamos ao momento do nascimento. Você está no canal uterino. Tem a impressão de participar de alguma coisa ou está inerte?

— Não, não participo. Deixo acontecer. De qualquer maneira, é inevitável.

— Estamos nos primeiros segundos do nascimento. O que se passa?

— Sinto frio e ardor ao mesmo tempo. Tenho a impressão de que me vestem. Sinto vertigem e meus olhos queimam.

— De onde vem esse ardor?

— Creio que são as luzes da sala. Não sei, mas me faz muito mal. Procuo mamãe, pois conheço apenas ela. Parece que vou entrar num mundo hostil. Receio que me façam morrer. Não quero morrer. Tenho medo.

Simon se agita no divã e expressa uma parte do terror que o recém-nascido ressentiu no momento de seu nascimento. Enquanto se ocupam dele fisicamente o "negligenciam" no plano

afetivo. Exausta, sua mãe repousa e é o pessoal médico que se ocupa dele no ambiente frio e rotineiro de hospital: ele é posto num leito sem calor, separado da mãe. A angústia que Simon sente nesse momento é armazenada no mais profundo do seu ser e lá permanecerá mesmo quando for menino, adolescente e mais tarde um adulto.

Tendo feito Simon reviver o seu nascimento, eu lhe pedi que partisse, abandonando o tempo e o espaço que o vira nascer e que saísse, fora do tempo, em um espaço que poderia estar em toda e em nenhuma parte. E lhe sugeri estabelecer uma ponte entre a consciência e a angústia do homem do presente e tudo o que se passara durante a sua vida fetal e no momento de seu nascimento.

É neste instante fundamental que o ser permite a si mesmo a elevação de consciência necessária e suficiente para se liberar dos medos e das angústias, de todas as cargas do passado — anterior ou não a esta vida — que pesem sobre a sua existência presente.

Simon e eu nos revimos, uns quinze dias depois. Para nossa estupefação e sua maior alegria, a angústia havia desaparecido totalmente. Após cinco anos! Simon não se continha. Pela primeira vez em sua vida ele se sentia leve.

De acordo com as correntes orientais de pensamento, a partir do momento em que a alma faz a escolha de reencarnar, ela passa através de um certo número de mundos sutis e, finalmente, "incorpora-se" num bebê não nascido. Isso acontece em geral nos primeiros meses de gravidez mas, em certos casos, a alma decide encarnar-se no momento do nascimento ou alguns minutos depois. Mas, atenção, não confundir a alma como fragmento divino, com essa consciência imortal que já existe no momento da concepção.

Para compreendermos melhor como se efetua a descida para a encarnação e, também, como se pratica uma regressão fetal, eis aqui o exemplo de Marie, no qual reproduzo fielmente e por extenso o diálogo entre nós.

Marie é uma jovem terapeuta profissional que também se interessa pelo trabalho espiritual. Ela sempre teve a sensação de,

realmente, não fazer parte deste mundo. Embora não se sinta mal em sua vida cotidiana vive como se seu verdadeiro mundo, sua verdadeira pátria estivessem noutra lugar. Já havíamos feito regressão nas vidas anteriores mas, nessa sessão, resolvi levá-la à sua infância aos sete ou oito anos, para bem fixá-la ao ambiente familiar, antes de a levar pouco a pouco à sua vida fetal.

Eis o que aconteceu:

— Simplesmente, como quando você deixa "vaguear" seus pensamentos, tendo sonhos incoerentes, procure visualizar o lugar onde morava quando tinha sete anos mais ou menos. Gostaria que você se "concentrasse" na porta desse mesmo lugar. A partir de agora, vou falar no presente como se você tivesse sete anos hoje. Pronto. Você é um menina de sete anos, ou talvez com seis ou oito anos. Nesse período, digamos. Você está diante da porta do lugar onde mora e quero que me diga qual é a cor dessa porta. É clara? Escura?

— Ela é de madeira, pintada de branco.

— É a porta de um apartamento ou de uma casa?

— Uma casa.

— Empurre a porta dessa casa, essa porta branca de madeira. O que há atrás dela? Um vestíbulo? Um corredor?

— É uma cozinha.

— Entra-se diretamente na cozinha? Como é ela?

— Grande.

— Muito bem. Vamos agora um pouco mais adiante, na direção do quarto onde você dorme, menina. Quero que o sinta, que capte as suas vibrações e me diga se dorme só ou se o divide com irmãos ou pais.

— Com minha irmã menor.

— Como se chama sua irmã?

— Françoise. Mas não é um quarto de verdade, é uma peça onde todos ali permanecem, o dia inteiro.

— Concentre-se na atmosfera dessa peça. O que emana? Sente-se bem?

— Não.

— Ligue-se nisso: você não se sente bem. Quero que o corpo do presente sinta o mesmo. O que se passa, menina? Está triste? Está sofrendo? Tem medo?

— Tenho desgosto. Não estou bem aqui. Há gente demais. Gostaria de ter um lugar meu para estar só, repousar.

— Você nunca está só?

— Não. Antes eu tinha uma pequena cama cor-de-rosa na peça ao lado, mas agora isso mudou.

— Chegamos a um momento em que seu pai está no aposento. Ele lá está. Talvez em pé, talvez sentado. Como está ele?

— Sentado.

— Sinta as suas vibrações: é seu pai. O que desperta em você? Alegria? Desgosto?

— Desgosto. Lembro-me de quando estive doente. Quase morreu.

— Sinta isso e diga-me se você o ama.

— Sim, eu o amo muito.

— E o papai, também ama a sua pequena filha?

— Sim.

— Agora concentre-se nesse intercâmbio de energia entre o pai e a filha, entre você e seu pai. Diga-me se, no seu corpo do presente, sente isso como uma fraqueza ou como uma força.

— Como uma força. Mas há, também, uma... distância. Porque não são boas as relações entre papai e mamãe: há tensões que criam distanciamento.

— Como isso repercute em você? Medo? Tristeza?

— Tenho medo de que me abandonem. Tenho medo que papai parta.

— Gostaria que você situasse essa sensação de abandono num ponto do corpo, num dos sete chakras que você conhece: alto do crânio, testa, garganta, peito, plexo, umbigo, baixo-ventre?

— No plexo e no meu coração.

— Agora quero que você se concentre em sua mãe e que me diga como sente a sua presença, força ou fraqueza?

— É uma força mas ao mesmo tempo é uma tensão.

— E a mamãe, ama sua pequena filha?

— Sim.

— Então não é o amor dos pais que está em causa; é de outra coisa que você ressenete as vibrações?

— Sim.

— Concentre-se ainda em sua mãe. Verá, então, que uma vibração estranha lhe envolverá. Essa vibração é formada de diferentes sentimentos mais ou menos difusos: de abandono, de pena, de fadiga, mas também de força e de algo mais... Pouco importa. Tudo isso cria uma espiral de energia, uma espiral que vai agora levá-la ao ventre da mãe, aos seis meses, aos seis meses de vida fetal. E você vai girar nessa espiral, nessa vibração que aos poucos se transformará em vibração maternal. Vou contar de cinco a um e, daí, você estará no ventre da mãe aos seis meses de vida fetal. No número cinco, você gira, gira, gira. No quatro, você gira mais e mais rapidamente. Número três, você gira, gira. Número dois. No próximo, você estará no sexto mês fetal. Número um, você está no sexto mês fetal e quero que me diga se experimenta uma sensação de abertura ou de aprisionamento. É evidente que você se encontra num espaço fechado, mas nele pode-se conhecer um sentimento de liberdade ou, ao contrário, de opressão. Qual é a sua sensação?

— Sinto-me livre.

— Tem a impressão de já estar encarnada?

— Não. Não estou encarnada.

— Ligue-se na vibração da mãe. O que ela gera em você?

— Eu não a sinto. Está distante.

— Você tem a impressão de descer pouco a pouco aos planos mais densos ou sente leveza?

— Leveza.

— É um universo aberto, infinito ou um espaço fechado?

— Eu me sinto no infinito. Há muito espaço. Ao mesmo tempo pressinto que deve haver noite em algum lugar.

— Agora queria que se ligasse na vibração do pai, aqui, aqui embaixo.

— Eu o amo muito.

— Sente bem essa vibração?

- Sim.
- Mais que a da mãe?
- Sim.
- Então sinta-a bem.
- Sinto uma cumplicidade com ele como se fosse um irmão.
- Vamos agora avançar de quinze em quinze dias (terrestres) para ver quando e como vai se realizar a encarnação da consciência, sua descida num corpo humano através dos diferentes planos de consciência. Estamos nos seis meses. Vamos aos seis meses e meio. Você tem sensação de descida ou continua naquela mesma leveza?
- Tenho a impressão de que se retrai um pouco.
- As vibrações são sempre sutis ou um pouco mais densas?
- Mais densas.
- Vamos aos sete meses. O que se passa?
- Sinto que está mais densa ainda.
- Ligue-se ao ser que vai criar seu veículo físico, sua "mãe".
- Eu a sinto tensa e angustiada, complicada. Há perturbações no seu coração e na sua cabeça: é muito sofrido. Creio que é por isso que sinto dificuldades em me harmonizar com a sua energia.
- Ligue-se ao pai novamente.
- Com ele é leve.
- Avancemos mais quinze dias terrestres. Vamos aos oito meses. Resssinta as energias em torno de você, bem como as vibrações. Como estão elas, mais densas?
- Sim, se condensam.
- Sente uma certa vontade de descer ou está submissa à atração do plano físico?
- Tenho vontade de descer, mas está difícil, pois mamãe é "indigesta".
- Tem a impressão de que uma parte de você já está encarnada ou nenhuma?
- Nada está encarnado.
- Ligue-se no bebê; lance-lhe uma "sonda vibratória" e diga-me como sente o corpo em formação.

— Amo este pequeno corpo mas, ao mesmo tempo, é tão opressivo nele entrar que não, não sinto que seja possível.

— Continuemos. Concentre-se de novo na "mãe", naquele ser que vai lhe dar à luz, corpo e espírito. É curioso, pois, se eu também me concentro, sinto ondas energéticas, como se fossem pesadas massas vibratórias ascendentes.

— Estou dividida: quero ir mas, ao mesmo tempo, é inviável.

— Avancemos mais oito dias. Você está agora com oito meses e uma semana. O que isto gera?

— Sinto-me oprimida. Está mais e mais compacto, condensado.

— Avancemos mais uma semana: o veículo embaixo está com oito meses e quinze dias. A densidade é ainda maior?

— Tenho a impressão de estar fechada. Nada sinto.

— Você quer dizer que está fechada à percepção das vibrações?

— Sim, é isso.

— Retornemos então a oito meses e uma semana. O que se passa?

— A pressão é cada vez mais forte. Quanto mais quero ir, mais horrível se torna.

— Avancemos de vinte quatro em vinte quatro horas. Estamos agora aos oito meses e nove dias.

— Que sofrimento... Não consigo ir.

— Oito meses e dez dias.

— Tento descer, mas tenho a impressão de que ondas vindas de baixo me repudiam.

— Oito meses e onze dias. Estamos no meio da segunda semana.

— Creio que acontece; eu me encarno mas, ao mesmo tempo, parece que me fecho.

— Você quer dizer que aos poucos fecha a sua consciência?

— Sim. Eu a anestésio, se não, é inviável.

— Chegemos a oito meses e doze dias.

— Não sinto mais nada. É anestesia total.

— Então você fechou a consciência entre oito meses e onze dias e oito meses e doze dias?

- Sim, porque quero encarnar totalmente, mas, paralelamente, estou asfisiada pelas densas energias.
- Avancemos ainda e vejamos o que se passa aos oito meses e quinze dias, três dias após a sua consciência se ter fechado. Que sente aqui?
- Tenho a impressão de nada mais sentir, em nenhum nível.
- Quero que sinta a sua mãe.
- Não a sinto. Sei que estou nela, mas também não estou.
- Sim, nela você está, porém fechou a sua consciência a toda percepção exterior. Entretanto, é através da mãe que se podem sentir as energias da vida. É certo que, se as energias da mãe estão perturbadas, o filtro está adulterado e é a vida em si mesma que apresenta alguma perturbação. Agora, compete a você descobri-la. Vou contar até três e vamos nos reencontrar duas horas antes do nascimento. Não reviveremos o processo completo do nascimento, simplesmente vamos ver o que se passa. Um. Dois. Três. Estamos a três horas do seu nascimento: três horas. É o mesmo entorpecimento vibratório?
- Sim. Ao mesmo tempo, sinto-me ainda fora do bebê. Estou em torno. Olho tudo. Decidi não pôr toda a minha energia nesse corpo. Não é importante que eu esteja inteiramente nele, neste momento. Sinto que tenho a intenção de me encarnar mais tarde e por etapas.
- Como se precisasse ir se acostumando aos poucos...
- Sim. De toda maneira, a infância que devo viver é de tal ordem que não posso investir energia demais. É como um estágio a superar. Depois envasarei mais energia, encarnando melhor. Mas agora não é necessário.
- Eu queria, então, que abandonássemos tudo isso, partindo para outro lugar, num tempo fora do tempo, num lugar que está em todas e em nenhuma parte. Vou contar até três. No número três você estará nesse lugar. Um. Dois. Três. Quero agora que você entenda muito bem tudo isto: Você teve dificuldades para se encarnar. Fê-la gradualmente, no curso dos primeiros meses, na verdade até os primeiros anos de sua vida: você não conseguia se habituar às vibrações baixas que mantêm o corpo na encarnação e, de certo modo, permaneceu sempre "ligada" às

vibrações elevadas da outra realidade da qual você vem. Você ainda é, de maneira muito sutil, vítima dessa dualidade. Vamos, então, simplesmente fundir, unir o que ainda não foi unido das energias do céu e das energias da terra. Pois estar ligado no alto é estar ligado embaixo.

"Vamos agora retornar ao presente, mas você permanecerá ainda alguns instantes nesse especial estado de vigília. Um. Dois. Três. Eis que você volta a Marie em 1988. Dentro em pouco você vai reencontrar a sua consciência normal e estará completamente unificada, pois estarão unidas em você as energias baixas e elevadas. Sentirá uma profunda sensação de calma, de paz, de equilíbrio, de harmonia, de união na sua vida de todos os dias. E isso você o sabe consciente e inconscientemente. Retorne à sua consciência normal em forma, pensando e agindo com calma e segurança, lembrando-se de tudo o que se passou. Número um, volte lentamente à superfície. Sinta a calma e o bem-estar inerentes a você. Número dois, retorne sempre mais. Número três, agora você está quase aqui. Número quatro, no próximo número você estará aqui, estará presente. Aqui, presente. Número cinco, esteja aqui, esteja presente. Abra os olhos, estire-se. Seja você mesma, você mesma.

Comecei a orientar os meus estudos para a vida fetal em 1984. Decorridos oito meses, já havia efetuado uma centena de regressões e me encontrei diante de um enigma: cerca de vinte entre cem pessoas não conseguiram absolutamente reviver a sua vida intra-uterina, fosse por que não logravam partir após a fase de relaxação ou por que, embora tivessem retornado ao ventre materno, declararam nada ter sentido, nem mal nem bem-estar, nem mesmo a presença da mãe. Tudo se passou como se tivessem vivido a vida intra-uterina em estado de perfeita neutralidade. Entretanto, essas mesmas pessoas se revelaram inteiramente capazes de encontrar lembranças vigorosas de um passado muito mais remoto. Vinte por cento constituem uma proporção bastante expressiva e eu me perdia em hipóteses: seria discutível o meu método ou se tratava de um particular bloqueio do subconsciente, o que indicaria que essas pessoas

viveram um período fetal marcado por uma carga emocional expressiva?

Encontrei à época tão poucas respostas satisfatórias que — expliquei no livro *Nous sommes tous immortels* — pedi aos meus sonhos que me dessem a solução. Assim faço nesses casos, assim como todos aqueles que aprenderam a utilizar o poder criador do sono e dos sonhos. Refleti noites seguidas no problema, exatamente antes de adormecer. Certa manhã, despertei com esta certeza íntima: eu tinha a solução. Mas não a encontrava. Levantei-me num salto, corri para pegar as fichas de todas as pessoas com as quais nada havia conseguido e comecei a relê-las sistematicamente. Um ponto, de súbito, se fez claro: todas, todas essas pessoas num dado momento da regressão haviam confessado o penoso sentimento de não fazer parte deste mundo, de não pertencer a ele. Na vida corrente, estas pessoas apresentavam problemas psicológicos (angústias, problemas de comunicação) e/ou físicos (enxaquecas, insónias etc).

Poderia existir alguma ligação entre a vida fetal e tudo isso? Pedi a algumas delas que viessem repetir uma sessão. Descobri então que todas haviam nascido de mãe ambivalente ou fria, que rejeitaram em parte a maternidade, ou de mãe com reações negativas.

Para evitar uma carga psíquica pesada demais para elas, essas crianças se isolaram voluntariamente da mãe por volta do terceiro ou quarto mês, às vezes mais tarde.

Uma solução de sobrevida de conseqüências sérias, pois a mãe representa para o feto todo o mundo exterior. Simbolicamente, ela é o mundo, a vida, os outros. Ao isolar-se dela, é do mundo que o feto se isola. Entendi, então: algumas crianças quando vêm ao mundo dele já estão isoladas.

Eis um destino que pode parecer particularmente pesado, mas não devemos esquecer que estamos na terra para resolver nossos karmas. Tudo o que nos acontece nesta vida nada mais é do que a reativação de karmas anteriores, uma reativação necessária às suas soluções. Voltarei a esse ponto no capítulo dedicado à visão tibetana das "rodas da existência".

Já me apresentaram a seguinte questão: é possível regredir crianças nas suas vidas anteriores (ou na sua vida fetal)? Admito que a perspectiva seja tentadora. Por que esperar, se existe a possibilidade de "apressar o resgate", resolvendo mais rapidamente certos karmas para viver uma vida plena mais cedo. Fiz essa pergunta em 1982 ao Dr. Ernie Pecci, o psiquiatra californiano ao qual já me referi. Sua resposta foi inequívoca: não. Não é conveniente fazer com que crianças regridam, pois elas têm necessidade de encarnar mais e não de tomar distância de sua encarnação presente. Por outro lado, certas experiências vividas em regressão arriscariam traumatizar ou semear confusão em seus espíritos. Uma criança de seis ou oito anos que regresse a uma vida em que a sua mãe era sua tia, e o seu pai, seu sobrinho, poderia ficar gravemente desorientada, o que é compreensível.

Em compensação, parece que as memórias de acontecimentos anteriores a esta vida estão ainda alojadas, de maneira relativamente superficial, no espírito de numerosas crianças.

Testemunho disso é a história do pequeno Frédéric, que me foi contada pelo seu pai, um dos meus amigos que se interessa pelas vidas anteriores (destaco-o preliminarmente, para que a história seja bem compreendida).

"Isso se passou há alguns anos. Frédéric tinha apenas seis anos. Apareceu uma verruga muito dolorosa na sola do seu pé. Sabemos o que é isso: tornou-se necessário que Véronique, minha mulher, friccionasse com álcool o seu pé, todas as noites, a fim de que a verruga se abrisse, o que era muito doloroso para o pobre garoto. Já durava quinze dias esse problema quando, certa noite, ele sentiu tanta dor que minha mulher veio me pedir para tentar algo a fim de acalmá-lo. Tenho um pouco de magnetismo nas mãos mas, em princípio, não gosto de me servir disso, mas para o meu filho... Fui ao quarto de Frédéric e lhe disse: — Relaxe. Papai vai somente pôr as mãos sobre o seu pé, que dói, para aliviar você. — Ele assim fez. Pousei as mãos e, quase instantaneamente, a dor se abrandou. Frédéric tinha os olhos fechados, conforme havia pedido, e de repente me disse: — Vejo um pequeno Buda de ouro. — Fiquei surpreso, pois um pequeno

Buda, para ele, não poderia significar grande coisa. Ele não sabia o que era. Perguntei-me se ele não estaria fazendo uma experiência particular, talvez uma regressão espontânea. Como sua irmã, que então tinha quatro anos, estava ao lado, levei Frédéric ao meu quarto, para que ela não se impressionasse. Lá, deitei-o novamente e repus minhas mãos sobre seu pé. Ele fechou os olhos e exclamou: — Vejo ainda o pequeno Buda! — e prosseguiu: — Sabe o que vejo? Vejo um pequeno quadro onde há um tambor e, ao lado, um soldado de Napoleão com um grande chapéu e um grande fuzil! — Então eu lhe disse:

— Escute Frédéric, entre nesse quadro. Imagine que você salta para dentro dele.

Ele, sorrindo, sem problemas, sempre com os olhos fechados, me disse:

— De acordo. Estou lá dentro. "Então, vi seu rosto mudar."

— Onde está agora? — perguntei.

— Estou a cavalo.

— Está vestido como?

— Uso, você sabe, grandes botas pretas, dragonas e um chapéu, um chapéu... (descrever na sua linguagem infantil lhe era difícil) um chapéu de guarda como no teatro de fantoches, mas, ao contrário, com plumas.

— O que é que você faz aqui?

— Sou um cavaleiro.

— Está só?

— Não. Tenho meus soldados atrás de mim.

— Você é o chefe?

"Ele disse 'sim', mas após instantes de hesitação corrigiu-se."

— Há um outro chefe ao meu lado.

— É um general?

— Eu não conheço as patentes. Um general, ou alguma coisa assim.

— O que faz você agora?

— Estou no alto da colina. É a batalha.

— O que está diante de você?

"Ele teve um pequeno ricto; senti que ele estava com medo."

— Há os vermelhos. Eles atacam. Estão com fuzis e sobem.

— Conhece as pessoas que estão atrás de você?

— Sim. São Cyrille e David.* São soldados à retaguarda.

— Mas o que se passa com seu pé?

— Nada.

"E, de repente, fez uma careta:"

— Acabo de ser baleado no pé.

— E agora?

— Caio do cavalo. Ajudam-me. Estão me levando.

— Para onde?

— Para um celeiro. Em ruínas.

"Subitamente teve uma expressão de efetivo desgosto."

— É horrível. Está cheio de soldados feridos e cortam-se braços e pernas!

— E com você, o que fazem?

— Carregam-me calçando a bota e me deitam sobre a palha. —

Então, ele começou a se agitar. Eu o acalmei e depois perguntei o que se passava.

— Os vermelhos entram.

"Começou então a me descrever um combate corpo-a-corpo. Ele estava lá, ferido, e assistia. Eu lhe disse para abandonar tudo isso. E tentei compreender: há apenas três quartas-feiras Frédéric freqüentava seu clube de futebol, onde fizera novos amigos. Eis que

*Dois amiguinhos de jogos de futebol.

ele os reconhecia como tendo sido seus soldados. Foi no futebol, que se joga com os pés, que ele pegara a verruga. Além de tudo, não se interessava por Napoleão, e sabia do assunto tanto quanto uma criança da sua idade. E revivia esse episódio napoleónico onde fora ferido no pé!

"O que muito me impressionou neste caso, acrescentou meu amigo, é que eu mesmo havia feito uma regressão — emocionalmente muito forte — numa vida anterior onde eu era soldado de Napoleão. Eu tinha, então, um meio-irmão bem mais

jovem do que eu (meu pai, viúvo, tornou a se casar muito mais tarde) e o tomei como ajudante-de-ordens. Esse meu irmão era meu filho Frédéric. Quando Frédéric disse que alguém estava ao seu lado, precisei controlar-me para fazer a pergunta seguinte: sentia meu coração disparar! Três dias após essa visão, a verruga desapareceu, quando perdurava há uns vinte dias. A dor cessou imediatamente. Sabe-se como são as crianças... Ele levantou-se num pulo. Estava contente. Foi dormir. Gostou muito daquela brincadeira..."

Capítulo 9

A MORTE

No decorrer destas linhas, vimos que reviver vidas passadas implica geralmente reviver também as mortes, e estas são muitas vezes mais penosas do que agradáveis. Em estado de expansão de consciência, encontram-se mais mortes por assassinato, execução, acidente e violência, bem como mortes de solitários, injustiçados e desesperados do que mortes suaves cercadas de afeição dos seus próximos.

A razão é que, na maioria das vezes, no momento da morte e conforme as suas circunstâncias, os karmas negativos se enodam e, para desfazê-los, é imperativo repetir a experiência da morte que os gerou.

É o que explica, mais uma vez, Roger Woolger: "A experiência da morte, seja ela traumatizante ou suave, é freqüentemente o ponto de acumulação de pensamentos negativos. Trabalhar as experiências da morte permite exprimir e liberar os resíduos psíquicos." E obter, como resultado, a remissão dos sintomas doentios,

psicológicos ou físicos, ligados a essa morte, como se pôde ver através de todos os exemplos dados nesta obra. Mostrei, também, como se efetuava essa liberação após uma tomada de consciência que se segue diretamente ao ato de reviver a morte física. Retornarei a tudo isto, evocando as rodas da existência, no capítulo seguinte, mas desejo, aqui, insistir num ponto: a experiência que consiste em reviver a própria morte, sobretudo em circunstâncias penosas, pode parecer *a priori* traumatizante. Ora, por ter visto "morrer", na sua vida passada, milhares de pessoas, posso afirmar que não o é. Primeiro, bem entendido, porque o fenômeno de catarse não existe nesse tipo de experiências, como já disse; em seguida, e sobretudo, porque todos os que transpuseram o limiar da morte em estado de expansão de consciência, retornaram com a mesma intensa e indiscutível certeza de que A MORTE NÃO EXISTE. Assim explica Laurence, num testemunho entre outros, após ter revivido uma vida e uma morte do passado: "Eu estava muito inquieto a respeito da morte. Pensar que um dia deixaria tudo o que amava, que cessaria de existir, fazia-me suar frio. Certamente, havia Deus e tudo o que nos dizia a religião, mas isso parecia abstrato. Entretanto, revivendo as vidas passadas, entendi que não posso morrer, que sou imortal. Senti, verdadeiramente, como dizer?, a existência, a pulsação da minha alma imortal no mais profundo do meu eu; compreendi que essa alma que viaja de vida em vida era eu."

Ilusões? Miragens? Se as testemunhas são numerosas, não lhes é nada fácil dividir suas experiências sem passar por "iluminadas" ou loucas. Entretanto, os viajantes no tempo não são os únicos, hoje em dia, a testemunhar uma existência além do mundo físico, além da morte. Há outros, como Marianne.

Neste fim de tarde, Marianne está sentada em sua sala. Ela tricota, esperando o marido e os dois filhos que logo devem chegar do colégio. Logo ela se sente presa de vaga sonolência, bamboleia a cabeça, reage um pouco e acaba adormecendo. Imediatamente tem uma sensação muito estranha: está escorregando para fora do seu corpo. Vê-se a ponto de flutuar no teto. Vê — ampliada como que por uma lente — a sua pequena

sala de estar, seu corpo inclinado sobre o braço da poltrona, a cabeça pendida para o lado. O tricô que segurava caído por terra. Marianne flutua no teto e não sente angústia, apenas uma espécie de distanciamento. Perde totalmente a noção de tempo mas se pergunta, num dado momento, se não deveria retornar ao seu corpo. Não sabe, porém, como fazê-lo e, no fundo, isso não lhe parece importante. As paredes oscilam um pouco. Percebe que poderá atravessá-las, se quiser, mas alguma coisa a retém: uma difusa atração pelo corpo lá embaixo. Num certo momento, sente-se como que aspirada por um túnel no teto, porém retorna à sala. Seu corpo continua lá e é nesse mesmo estado de calma e serenidade perfeitas que ela vê agora dois homens, dois bombeiros entrando no aposento. Um deles corre para abrir a janela: o outro se aproxima do seu corpo e aplica máscara de oxigênio ao rosto. Esse homem tem, ao redor da cabeça, uma espécie de vasta cabeleira em chamas. É a última visão de Marianne que se sente muito pesada. Tudo desaparece.

Marianne despertou no hospital e soube que estivera "morta" asfixiada por gás. Conseguiram reanimá-la num último instante. Ela reviu o bombeiro que a salvou. Era um homem louro, cabelos curtos, sem traços de cabeleira em chamas. Mas Marianne viu muito bem a cena, nos mínimos detalhes. O bombeiro confirmou tudo o que ela contara e se contentou em escutar quando ela afirmou que estava muito bem.

Era a morte?

Há uns vinte anos, a criação e, depois, o aperfeiçoamento de novas técnicas de reanimação permitem reconduzir à vida um certo número de pessoas, tenham sido elas declaradas mortas de acordo com os critérios de morte clínica (parada das funções respiratórias e cardíacas, queda significativa da pressão arterial e da temperatura do corpo, quando não constatada através de eletroencefalograma completo) ou apenas tivessem atingido as fímbrias da morte e conhecido comas profundos. As narrativas desses "retornados" da sua experiência "além da morte" — poder-se-á assim falar quando, por definição, a morte é de onde não se volta? Mas é nestes termos que os interessados afirmam, inequivocamente, tê-la vivido. Essas descrições são

estranhadoras. Como as de Marianne ou, ainda, a de Marcel, um representante comercial que entrou em contato comigo ano passado. Eis a sua história, tal como ele espontaneamente me contou:

"Era uma sexta-feira à noite. Eu regressava a Paris, após uma semana na província, onde havia feito muitos quilômetros e visto diversos clientes. Era tarde. Havia jantado com um concessionário antes de retomar a estrada. Ainda me restavam trezentos quilômetros a percorrer e, por precaução, nada bebi de álcool durante o jantar.

Tomei uma pequena estrada vicinal. A noite era sombria e o céu carregado. Começava o outono. Escutava o rádio, pensando em tudo e em nada, sentindo um torpor me invadir pouco a pouco. Eu me dizia: 'Marcel, não seja bobo. Não durma.' Ao mesmo tempo, tinha a impressão de que uma vozinha me sugeria: 'Talvez seja melhor que você pare e durma uma hora ou duas.' Mas eu estava ansioso em voltar para casa; ver minha mulher e meus filhos. Aumentei, então, o volume do rádio. Abri a janela para que o ar fresco pudesse entrar e continuei a dirigir. Apesar de tudo, sentia minhas pálpebras pesadas. Eu devia estar a uns cem por hora. E aconteceu. Tudo de que me lembro é de um grande choque.

Um segundo depois, assim pareceu-me, senti-me flutuar como se fosse um balão de criança suspenso no ar, a três ou quatro metros de altura, retido por um fio. Eu estava preso mas balançava no mesmo lugar. Vi o carro batido numa árvore. Depois, tudo desapareceu. Revi-me numa luz dourada e cálida. O silêncio era total. Nuvens prateadas se formavam em torno de mim, como uma fantasmagoria. Pensei em minha mulher, em meus filhos, sem angústia, sem preocupação, sem tristeza. Estava estranhamente desligado. Daí, vi um grande lilás branco, magnífico, que me deu imenso prazer. Ocorreu-me este pensamento bizarro: 'Tornei-me um lilás branco. Mas, então, onde está o meu corpo? Será que o enterraram?' Tive idéias que jamais passaram pelo meu espírito. Eu me dizia: 'E o meu corpo na terra que deu origem a esse lilás branco. Eu me transformei em lilás. Sou também uma nuvem, pois que flutuo no ar.' Senti uma chuva fina, leve, e pensei: 'Bravo! Sou também a chuva.'

Depois senti-me transformado em calor, em luz, essa luz dourada que iluminava o lilás. Pareceu-me que as partes do meu corpo estavam espalhadas por todo o universo, tornaram-se o universo. Eu era o céu, a terra, o mar, não era mais nada e era tudo e me dizia: 'Como é bela a morte! De fato, eu vivo ainda. Por que não conheci isto antes ?' E, de repente, pensei: 'As crianças vão sofrer. E eu, será que tenho pena? Não. Nada sinto.' Tudo era silêncio e bem-estar.

Subitamente tudo se rompeu completamente. Tive a impressão de que caía no negror e escutei um barulho horrível. Senti frio, terrível frio e, pouco a pouco, veio uma sensação de asfixia, de aprisionamento; pensei aterrorizado: 'Não, não é a morte; é a vida.' Eu tinha de novo um corpo e esse corpo me fazia muito mal. Eu o sentia sacudido à direita e à esquerda, puxado para cima e largado. No segundo seguinte, entendi: estava com o volante do carro enfiado no meu peito. Escorria sangue da minha cabeça. Várias pessoas rodeavam o meu automóvel. Havia uma ambulância e outros dois veículos com luzes infernais piscando continuamente, gente que falava em megafone (ao menos foi a impressão naquele momento); com certeza estavam à minha volta tentando me soltar."

Marcel teve as pernas e o ombro fraturados, o peito afundado, uma fratura no crânio; no total mais de quinze fraturas. Ele permaneceu quase meia hora preso na carroceria despedaçada do carro, antes que um outro automobilista aparecesse para procurar socorro. Ficou ligeiramente manco e, sem dúvida, assim permanecerá até o fim da vida, mas também ficou com a lembrança de que viveu o que os médicos identificaram como um coma profundo e que tornou a sua vida diferente.

O primeiro a ter reunido testemunhos do que ele chamou "*near death experiences*" (experiências próximas da morte), experiências de "aproximação da morte" ou de "morte aproximada" — correntemente abreviadas em N.D.E — e de as ter trazido a público, foi um americano, o Dr. Raymund Moody. Seu livro *Life After Death* foi traduzido em 32 idiomas, teve um fabuloso sucesso (dez milhões de exemplares vendidos). É à luz

dessas experiências que todas as nossas convicções sobre a morte e a pós-vida foram postas em questão.

Será que a pós-vida e, em todo caso, a sobrevivida após a morte, não mais serão objetos de crença e sim de conhecimento?

É o que pensa a Dra. Elizabeth Kübler-Ross, doutora *honoris causa* por um grande número de universidades ao redor do mundo, tanto pelos seus trabalhos sobre a morte como pelo acompanhamento de moribundos, aos quais devotou a sua vida. Esta médica tanato-logista, americana de origem suíça, recolheu, com o seu grupo de trabalho, aproximadamente vinte mil depoimentos de pessoas que tiveram uma NDE.

Suas conclusões se somaram às do Dr. Moody, de Kenneth Ring e, em geral, às de todos os pesquisadores que se debruçam, há mais de vinte anos, sobre o assunto: a experiência da morte — que é a mesma para todos, crente ou ateu, ocidental ou oriental, cristão, budista ou muçulmano, jovem ou idoso, poderoso ou miserável — é uma segunda experiência de nascimento numa outra existência. E essa experiência não é mais, a partir de agora, uma questão de crença, mas de conhecimento.

"No momento da morte", explica ela, "há três etapas. Com a linguagem que utilizo para as crianças agonizantes, digo que a morte física do homem é idêntica à observação que fazemos quando a borboleta deixa o casulo. O casulo e a lagarta são o corpo humano passageiro. Eles não são idênticos a você pois estão numa casa provisória. Morrer é simplesmente mudar para uma casa mais bonita, simbolicamente falando.

Quando o casulo estiver arruinado de modo irreversível, por suicídio, assassinato, infarto ou doença crônica — pouco importa — ele vai liberar a borboleta, isto é, a sua alma. Na segunda etapa, logo que a sua borboleta, sempre simbolicamente, tenha abandonado seu corpo, você viverá os acontecimentos importantes que deve conhecer para nunca mais ter medo da morte: será então provido de energia psíquica tanto quanto na primeira etapa (a da sua vida física) você o é de energia física. É por isso que você tem necessidade de um cérebro que funcione, isto é, de uma consciência alerta para poder se comunicar com os outros. Quando o cérebro — ou o casulo — está inutilizado, você

não tem mais, evidentemente, consciência alerta. No momento em que esta lhe falta, quer dizer, quando o casulo está perdido a ponto de que você não possa mais respirar e que as suas pulsações cardíacas e suas ondas cerebrais não possam mais ser medidas, a borboleta já se encontra no exterior do casulo. O que não quer dizer que você esteja morto, mas que o casulo não funciona mais. Abandonando o casulo, você chega à segunda etapa: a da energia psíquica. As energias psíquica e física são as únicas que o ser humano pode manipular.

No momento em que você é uma borboleta liberada, isto é, desde que a sua alma deixou o corpo, você se apercebe, antes de tudo, que vê o que se passa no lugar de sua morte: o quarto de doente, o lugar do acidente ou lá onde você deixou o corpo. Agora não perceberá mais os acontecimentos com sua consciência mortal, mas com uma nova percepção.

Tudo é registrado no momento em que você não mais tem pressão arterial, pulso e nem respiração, e, por vezes, até mesmo a ausência de ondas cerebrais. Sabe exatamente o que cada um diz e pensa e como se comporta. Poderá, até, em seguida, dizer com precisão que o corpo foi retirado do carro com o auxílio de três maçaricos de corte. (Lembre-mo-nos de Mareei.)

Não se pode explicar cientificamente que alguém, não tendo mais ondas cerebrais, ainda possa registrar o que se passa em torno do seu corpo. Os sábios devem ser humildes. Devemos aceitar com humildade que são milhares as coisas que ainda não compreendemos. Todavia, isto não quer dizer que as coisas que não compreendemos não existam ou não sejam realidade."

De fato, uma pesquisa realizada em 1982 pelo Instituto Gallup revelou que oito milhões de americanos já haviam passado pela experiência da "morte aproximada" após a morte clínica ou o coma profundo. Muitos contaram, então, como, na primeira etapa, se viram flutuando fora do corpo. A Dra. Hélène Wambach, psicóloga clínica, que também foi uma das pioneiras nas pesquisas sobre vidas anteriores, contou, a mim e a minha mulher, uma experiência similar, quando a visitamos em seu domicílio de Pinole, no outro lado da baía de San Francisco, em 1984. Hospitalizada devido a graves problemas cardíacos, ela

sentiu-se deslizar para fora do corpo. Entretanto, pôde observar a equipe médica ao seu redor. Lembrava-se muito bem do cirurgião dando ordens rápidas às enfermeiras que se inclinavam sobre seu corpo. Ela mesma sentia bem-estar idêntico ao descrito por Mareei. Alguns instantes depois — embora tenha perdido totalmente a noção de tempo — ouviu uma voz que a intimou: "Não é o momento; é preciso que você torne a descer." Ela, então, novamente desceu para aquele corpo torturado (foi o segundo coma profundo numa mesa de operação) que ela deixou definitivamente, nas mesmas circunstâncias, em agosto de 1985. Todos esses depoimentos concordantes deveriam — seja dito entre parênteses — estimular médicos e enfermeiras a prestar atenção às palavras que pronunciam durante uma intervenção cirúrgica, ainda que, e sobretudo, se o paciente estiver inconsciente. Como salienta Elizabeth Kübler-Ross, um doente sob anestesia geral que ouve os comentários, às vezes negativos, da equipe cirúrgica, parece recobrar a saúde mais lentamente (e, às vezes, não a recobra de todo). Portanto, diz ela, "é preciso saber que se você se aproxima do leito de morte de sua mãe ou de um amigo agonizante, mesmo em coma profundo, essa pessoa pode escutar o que você diz. A lei da fraternidade nos induz a tomar consciência de que, em nenhum caso, jamais é tarde demais para dizer "eu lamento", "eu te amo", ou tudo o que você tenha vontade. (Para tais palavras, nunca é tarde demais, mesmo depois da morte, pois as pessoas que deixaram seus corpos ainda escutam o que lhes é dito.)

O primeiro parâmetro da NDE (Raymond Moddy renovou tudo, como vamos ver), a saída para fora do corpo, é fortalecido por depoimentos ainda mais inquietantes do que outros, cegos de nascença ou surdos que se mostram capazes, uma vez reanimados, de descrever em detalhes os objetos, as cores e as pessoas presentes ao redor do seu corpo ou de relatar suas palavras. Como se, no além, as enfermidades não existissem mais. — "Eu tinha novamente os meus lindos cachos", declarou para Elizabeth Kübler-Ross uma menina sob quimioterapia, quando retornou à vida. "Eu podia mover-me e falar sem

problemas, como antes", conta uma doente atacada de esclerose de placas.

"Simples projeção do desejo", replicam os céticos, "ou ilusão provocada pela falta de oxigênio ou pela anestesia." Como diz Elizabeth Kübler-Ross, "se não se tratasse de falta de oxigênio, eu a prescreveria para todos os meus cegos!" Mas, para quê tentar converter aquele que, tanto para a vida da criança antes do nascimento, como para as vidas anteriores, se recusa a admitir os fatos? Um dia ele verá e compreenderá.

Depois da saída do corpo, que é acompanhada de uma tomada de consciência do fato de estar morto (segundo parâmetro, conforme a classificação de R. Moody), como pudemos ver através dos exemplos de Marianne e Mareei, e, num segundo tempo, de um sentimento de paz e ausência total de sofrimento (terceiro parâmetro) vem o reencontro com outros seres. "Ninguém morre só", diz Elizabeth Kübler-Ross. Logo que o corpo é abandonado, entra-se num mundo onde a força do pensamento tudo pode. É suficiente pensar em alguém para se encontrar a seu lado, ainda que esteja a centenas de milhares de quilômetros. Assim a mãe se aproxima dos seus filhos, a criança dos seus pais etc. Aliás, em quase todos os depoimentos que acusam encontros com pessoas mortas, os mais freqüentes são de parentes ou amigos. (A propósito, é necessário destacar que alguns desses encontros se produzem quando a pessoa em NDE ainda ignora a morte daquela que cruza o além, reconhecendo o fato no instante em que morreu. Este caso é freqüente em acidentes de automóvel, por exemplo, quando acontece a morte de vários membros de uma só família. Mas, sejam quais foram as circunstâncias, até hoje não se pôde constatar qualquer erro na notícia da morte de alguém quando em NDE.) Esses encontros (quarto parâmetro) são feitos, por vezes, com os "seres de luz", com guias, com anjo da guarda. A esposa de um amigo médico contou-me recentemente que no momento de morrer sua avó gritou: "A dama branca está aqui. Ela veio me buscar!" Na época, ela e seu marido concluíram tratar-se de um fenômeno alucinatório.

Após esses encontros, a pessoa se sente aspirada numa espécie de túnel negro (quinto parâmetro) ou, então, sente-se ascender ao espaço em velocidade vertiginosa e se afastar da terra (sexto parâmetro). Ao fim dessa viagem, ou do túnel, brilha uma luz branca de claridade e beleza absolutas, que não perturba a visão. Todos os depoimentos são precisos e coincidentes quanto a este ponto. Esta luz constitui o sétimo parâmetro. (Os tibetanos a chamam a vacuidade, a luz que ilumina o Vale da Morte.)

Quanto mais se aproxima desta luz, mais o ser é envolvido num amor puro, incondicional, indescritível. Ela assume, com frequência, a forma de um "ser de luz" resplandecente de amor. Assim falam, com nostalgia, aqueles que contra a sua vontade retornaram à vida física (oitavo parâmetro), tão atraídos foram por esse ser de luz.

Isso muito me lembra o que vivi, quando da minha regressão junto a Govenka, quatro mil anos antes. Lembro que Govenka deixou seu corpo físico para acompanhar um velho sábio na viagem da sua morte, no seu oscilar tranqüilo num outro plano de consciência. Govenka e o ancião saíram de seus corpos compactos para se reencontrarem em dois seres impalpáveis num universo impalpável. Um imenso sentimento de alegria e de paz os envolvia, como uma onda de calor luminoso, e os levava muito suavemente na direção de uma luz branca. A luz era brilhante e, no entanto, não os cegava. Era, ao mesmo tempo, forte e suave, terrivelmente atraente. Como eles avançavam levados por um amor mais intenso do que qualquer sentimento terrestre, transpuseram vários níveis de compreensão, um pouco como subir um a um os degraus de uma escada. Ao abrigo do tempo e do espaço, o ancião reviu a sua vida num clarão espontâneo que se alongava num rosário de imagens. Daí, atingiram a luz branca que os envolvera. Foi quando Govenka soube que havia chegado a hora de retornar ao plano terrestre de onde escapara por um momento. Pois, se atravessasse o limite da luz, se penetrasse no plano superior, ela não mais poderia regressar. Tornar-se-ia uma consciência única, livre, e não se lembraria nem mesmo que um invólucro de carne a esperava lá embaixo, na casa do ancião. Nenhuma força, nem mesmo a de

Veda, poderia fazê-la retornar. Não havia concluído a sua experiência terrestre e devia retornar, apesar do desejo que a possuía de lá permanecer. Revivi a vida de Govenka em 1984. Não conhecia então os trabalhos de Kübler-Ross. Ouvira falar de Moody sem nunca tê-lo encontrado. Entretanto, como tudo se ajusta!

Como vimos pelo ancião que acompanhava Govenka naquela luz inefável, a alma que acaba de deixar este mundo físico vê desfilar toda a sua vida do presente (nono parâmetro) do primeiro ao último dia. Cada um dos seus pensamentos, as suas palavras, cada um dos seus atos se apresenta em sua memória, aumentados, parece, ao infinito, com as suas conseqüências sobre si mesmo e os outros.

Ao fim desse inventário — que é levado a cabo, lembremo-lo, sob o olhar do amor absoluto — todos os que puderam narrar as suas experiências posto que retornaram, receberam instruções, como Govenka, de partilhá-lhas com o seu invólucro físico e com a sua vida terrestre. Todos testemunham que retornaram definitivamente mudados, convictos de que apenas duas coisas devem ser consideradas no mundo: o amor e o conhecimento.

Entretanto, apesar de todos os depoimentos que circulam, as pesquisas feitas por toda a parte, o ato de morrer permanece um segredo do qual não se fala aos adultos nem às crianças. No entanto, é essencial que cada um possa se preparar para a sua própria morte com calma e dignidade. Sem dúvida, não é inútil lembrar aqui os trabalhos de Elizabeth Kübler-Ross sobre o acompanhamento aos moribundos. Ela, que acompanhou centenas de agonizantes, demonstrou que todos, em face da própria morte, manifestam o mesmo comportamento psicológico.

No primeiro estágio, quando a pessoa sabe que está condenada, ela nega de pronto: não, não se trata de uma doença mortal. Estão enganados. Vai melhorar. Esta negativa cruel, usada como um escudo contra a intensidade de uma verdade difícil demais para se a aceitar, vai retornar episodicamente em todos os estágios da doença.

Mas, assim mesmo, passado o primeiro choque, a personalidade engrena um outro mecanismo de defesa: a cólera. É a segunda

fase. "Por que eu?", se pergunta o doente. É uma fase bastante difícil para a família e para os que o cercam — especialmente para o pessoal hospitalar — pois o doente projeta a sua cólera e a sua hostilidade contra tudo o que o cerca, freqüentemente de maneira arbitrária e injusta.

Superado o segundo estágio, vem a fase da negociação. Trata-se, desta vez, de rejeitar o inevitável pelo método suave. O doente argumenta mais ou menos, assim: "Se Deus não respondeu aos meus gritos de cólera, talvez me escute se pedir com delicadeza." No arrependimento jaz uma culpabilidade latente. Como se fosse uma criança, a pessoa dispõe-se a oferecer seu "bom comportamento" em troca do restabelecimento, a culpa manifestando-se, em geral, no domínio religioso, moral etc. Verifica-se, então, que conselhos espirituais são muitas vezes necessários. De acordo com a crença da pessoa, é conveniente apelar ao capelão do hospital, um padre amigo ou simplesmente "um irmão no Dharma", a fim de ajudar a preparação de uma partida em paz.

A fase seguinte é a da depressão. Impossível, doravante, negar a doença. O doente está enfraquecido, emagrecido, provavelmente hospitalizado, submetido a múltiplos tratamentos, quando não a cirurgias.

Ao ver um ente querido entregar os pontos, a família tende a reagir se esforçando por todos os meios, recuperar a esperança do doente. É um erro, sem dúvida, pois essa depressão tem como objetivo facilitar o desligamento do doente de tudo o que ele ama, seus entes queridos, da vida cuja perda é iminente. Ela ajuda na transição para a quinta fase, que também é a última: a aceitação.

Se o doente pôde atravessar os estágios precedentes — isto é, se foi informado a tempo do seu estado — encontra-se então, sem angústia nem revolta, pronto a aceitar, daí em diante, a sua própria morte que chega.

No seu livro *Mourir dans la Tendresse* (Morrer na Ternura), Christiane Jomain, uma enfermeira-chefe, refere-se aos diferentes estágios e estuda quais reflexos inconscientes suscitam respostas nos que cercam o agonizante, no ambiente hospitalar e entre o

peçoal clínicó: médicos, enfermeiras, auxiliares, estagiários etc. Percebe-se, não sem surpresa, que os acompanhantes têm a tendência a devolver, como num eco, seus próprios comportamentos ao doente.

Assim, na primeira fase, a da negação, é a recusa que domina também o pessoal hospitalar: "Não há nada a fazer por esse doente. O jogo está perdido. Não podemos mantê-lo mais. É preciso que fique isolado, a fim de que os outros pacientes não o vejam."

Mas, destaca Christiane Jomain, pode-se, desde o momento em que se toma consciência, substituir reflexos irracionais por procedimentos mais hábeis. Mudar, para começar, a recusa por acolhimento e se perguntar o que é possível fazer, a fim de que o doente não se sinta abandonado, para ampará-lo nos dias difíceis que se anunciam. Será realmente indispensável alterar o procedimento? Devemos isolá-lo ou, ao contrário, proporcionar-lhe suficientes cuidados para que seus companheiros de quarto se sintam em segurança e, ao mesmo tempo, associados na ajuda de que ele carece?

O mesmo quanto à reação — desta vez inversa à do doente — que consiste em negar a morte, logo que o doente faz alusão a ela (O Sr. X disse: "Vou morrer. É difícil morrer?" Sinto vontade de responder: "Ora, vamos, não fale assim, não diga bobagens. Quem fala em morrer?") Essa reação pode ser mudada em aceitação ao que diz o doente. Não há necessidade de afirmar sim ou não. Quando não se sabe, pode-se calar. Em todo o caso, mostrar que se está atento. É aconselhável reformular a questão: "Você diz que vai morrer, está se sentindo mais fatigado?" Espera-se a resposta. Também pode segurar-lhe a mão e dizer: "Prometo que estaremos aqui para ajudá-lo e aliviá-lo. Conte com a nossa presença."

Ainda a mesma coisa na segunda fase, a cólera. A do agonizante provoca, quase sempre, a de quem o trata: "Você se mexe demais. Fique tranqüilo. Vai arrancar o tubo da transfusão. Vamos amarrá-lo (aplicar uma injeção) se você continuar assim."

É possível, destaca Christiane Jomain, substituir essa atitude por calma e compreensão: "Você está desconfortável com essa trans-

fusão, mas ela impede que você tenha sede" ou, ainda, "ela contém um medicamento que lhe alivia." "Em que posição você se sentiria melhor? Quer que mude a posição do seu braço?" Ou: "Vou ficar um pouco com você" ou, ainda, "faremos a aplicação quando seu filho estiver aqui; o tempo vai passar mais rápido."

Tudo se repete na fase de negociação, que os que cercam o doente assumem por conta própria: "Você ainda não comeu nada! Como quer recuperar as forças? Você está escondendo os medicamentos na gaveta. Se continuar, seremos obrigados a contar para o médico." Pode-se muito bem reagir assim: "Está sem fome, é normal. Você não faz exercício. O que foi servido não lhe agrada? O que gostaria de comer e beber? Quer que falemos juntos com o médico sobre o seu tratamento?"

"Pois" — prossegue Jomain — "se não tomarmos cuidados, as reações se darão em cascata. A agressividade do doente provoca a da família e, conseqüentemente, a do pessoal da enfermagem. A depressão cria o desencorajamento e a cólera dos que o cercam. Somente uma enfermeira preparada e lúcida terá o recuo necessário para não entrar nesse processo. O conhecimento das possíveis reações do doente ou da sua família lhe permitirá aceitá-las e contribuir para a sua melhora."

Em novembro de 1986, Marguerite e eu animamos um seminário sobre a morte, em duas partes: a primeira sobre o acompanhamento cotidiano dos doentes, até a sua morte, e sobre os acompanhantes, a fim de ajudá-los a cumprir as suas funções; a segunda, sobre todo o processo místico da morte e da passagem para o outro plano. Nesse gênero de seminário, geralmente estão presentes as pessoas atingidas pelo problema, porque perderam uma pessoa querida, ou porque um de seus parentes está condenado ou, ainda, porque trabalham no meio hospitalar. Cada uma fala das razões que motivaram a sua presença. Uma enfermeira nos contou a seguinte história:

"Há alguns anos, cuidei de uma senhora que tinha câncer, em sua própria casa. Eu ia todos os dias aplicar-lhe uma injeção. Logo de início, seu marido preveniu-me: 'Eu a proíbo de dizer à minha mulher o que ela tem.'

Após alguns meses, seu estado de saúde começou a declinar seriamente, mas o marido permanecia firme em sua posição. Sentia-me incomodada, evidentemente, diante dessa senhora, mas não tinha direito de ir contra a escolha do marido. Ela não suspeitava, nem por um segundo, qual era o seu mal, pois estava totalmente convicta de que se restabeleceria. Só entendeu — brutalmente — oito dias antes da sua morte. Entrou, então, num estado de cólera terrível, acusando-nos de tê-la traído quando lhe mentimos. A infeliz morreu naquele estado de cólera intensa."

Isso, do ponto de vista espiritual, é extremamente grave, pois, como vimos no decorrer destas páginas, as cóleras que se leva ao morrer transmigram para outras encarnações, onde geram sérias dificuldades e problemas. Mas é preciso crer que isso não entrava nas considerações daquele homem, pois, contou-nos a enfermeira, ela foi chamada novamente a sua casa, alguns anos mais tarde. Viúvo aos cinquenta anos, havia se casado de novo e a segunda mulher estava com câncer. Por mais incrível que pareça, o mesmo cenário se repetiu. Esse homem proibiu a enfermeira de deixar transparecer a verdade à sua mulher que, como a primeira, conhecendo a doença poucos dias antes da sua morte, não somente fica encolerizada como morreu tomada de um medo imenso.

A enfermeira ficou profundamente chocada com toda essa história e trazia com ela, desde aquela época, um penoso sentimento de culpa do qual procurava se liberar. Era esta a razão da sua presença no seminário.

Estamos diante do problema: deve-se ou não dizer a verdade aos doentes sobre seu estado? Elizabeth Kübler-Ross é formal: deve-se dizer a verdade quando se a pede. Se é evidente que o doente não a deseja conhecer, não compete ao médico ou a qualquer outra pessoa proceder contra o seu desejo. Porém, sempre que seja possível, deve-se dizer ao interessado exatamente o que acontece. Somente assim ajuda-se um ser a se preparar para a partida.

Não é fácil ajudar alguém a ir de encontro à luz. É preciso, antes de tudo, que a ligação entre aquele que vai e o que fica seja profunda, pessoal; que seja de amor e fraternidade, e não somente

de cumplicidade física ou intelectual. Quando esse amor ou essa fraternidade existem verdadeiramente, o problema se reduz ao mínimo. O acompanhante se esforçará em pensar o menos possível. É preciso que ele encaminhe o agonizante numa corrente de amor cada vez mais profunda. Não são os conceitos, mesmo os mais elevados, que ajudam os doentes terminais a abandonarem a vestimenta exterior na qual estiveram encerrados e sofreram durante toda a sua vida. Implica um ato de puro esquecimento de si mesmo por parte do acompanhante, que deve se desligar de seus próprios sentimentos (de seus medos) em face da morte e também da pena e do seu desejo ardente de reter ao seu lado a pessoa amada, identificando-se com o agonizante num puro ato de boa vontade desinteressada. Ainda mais, é necessário enfrentar um último obstáculo, que consiste em desenvolver a atividade de acalmar as dores ou as mortais angústias de quem está prestes a partir, que se esquece da própria finalidade.

Muitos ficam consternados pela profundidade de sua ignorância a respeito da grande passagem, quando têm que enfrentar circunstâncias críticas. Portanto, cada vez mais, grupos de estudo se formam sobre o fenômeno da morte clínica e do acompanhamento dos terminais. Há talvez, aí, uma outra armadilha: a de institucionalizar um domínio, no qual tudo ainda é incerto. A única certeza que temos sobre a passagem da morte é que, sendo como a do nascimento e a da vida, exige muito amor. Não esqueçamos que é no momento da morte e da maneira pela qual ela se realiza que se delineiam as vidas futuras. Dar a alguém uma morte tranqüila, ou ao menos tudo fazer para que assim o seja, é também lhe estender a mão para além do tempo, como a seguir veremos, observando a roda da existência a girar.

Capítulo 10

AS RODAS DA EXISTÊNCIA

O que acontece após a morte? Como as encarnações se encadeiam? Como gira a roda das nossas existências sucessivas?

Segundo o ensinamento dos tibetanos, depois da morte — e antes de retornar à encarnação — a alma entra no que é chamado de Bardo ou período intermediário entre as vidas. No momento da morte, o ser deixa seu invólucro úmido — o corpo físico — e se eleva conforme um ritual descrito no *Livro dos Mortos* (o Bardo-Thodol) e que corresponde exatamente às experiências de aproximação da morte, a NDE: entra num túnel ao fim do qual surge uma luz branca, dita de "clara felicidade", na qual ele se funde num êxtase místico e cósmico. Mas, suas vibrações não sendo suficientemente elevadas para que ele se mantenha nessa luz branca, ele desce um degrau e penetra, então, no Bardo, ou estado intermediário, antes de tornar a descer, desta vez na encarnação.

Assim é o processo que, em geral, é admitido a partir dos ensinamentos tibetanos. Relendo as notas que tomei sobre centenas de sessões, e também relendo Woolger, percebi que havia qualquer coisa que não se enquadrava com a realidade. Efetivamente, o processo de morte/renascimento assim descrito sugere uma curva "com altos e baixos" com a morte e depois a ascensão nos planos de consciência superiores, o período entre as vidas; a seguir, a descida nos planos de consciência e a junção ao corpo de um bebê a nascer. Desse fato, pressupõe-se que um tempo indefinido se escoar entre a morte e a reencarnação. Está claro — mostramos ao longo deste livro — que existe uma ligação muito estreita entre as encarnações sucessivas de uma mesma alma. Esse liame é tão estreito que — Grof o demonstrou com as suas matrizes perinatais — as experiências de agonia nas vidas passadas se encontram simbolicamente reproduzidas naquelas da vida fetal e do nascimento. Parece, em consequência, muito mais admissível

que escoe, para a alma, um tempo zero entre a morte e a reencarnação — mesmo que em escala terrestre tenham decorrido cem ou trezentos anos — e que o conjunto vida passada / morte / elevação nos planos de consciência / período intermediário / escolha de encarnação / tornar a descer / encontro do corpo de um bebê / vida fetal / nascimento, não pode ser figurado numa curvatura, mas por um anel, uma roda (como pode-se ver na figura da página 176).

Encontrei a confirmação de tudo relendo os ensinamentos da escola dos gelugpa do budismo tibetano, onde se especifica que o Bardo, de fato, é múltiplo. Existem estados intermediários do Bardo que poderiam ser traduzidos, também, por "níveis de consciência".

O primeiro dentre eles é experimentado no momento mesmo da morte. Para os tibetanos, é neste instante — quando ela transmigra de um plano para outro — que a consciência atinge seu grau mais elevado. Com o corolário de que os pensamentos e os sentimentos que então surgem nela se imprimem profundamente. Donde a necessidade de procurar uma morte tranqüila, a fim de que o ser que se vai parta livre de todo apego. Pois, quanto maior é a tensão no momento da morte, maiores os resíduos kármicos que são os nossos pensamentos e os nossos sentimentos, maior será o kar-ma que irão gerar.

Já vimos isto no trabalho sobre as vidas passadas. Com frequência é o oposto que acontece. Morremos presos a sentimentos violentos que irão criar ressonâncias e encontrar justificativas nas vidas futuras.

O momento da morte não é somente aquele em que o psiquismo atinge seu grau de intensidade mais elevado. É também, numa segunda instância, aquele em que a consciência que se eleva se oferece a possibilidade de se desfazer de todas as ligações kármicas. Quando uma pessoa morre violentamente, mas aceita a sua morte — e com ela toda a sua vida — sem ódio ou rancor, ela não libera, ou libera muito pouco, resíduos kármicos negativos e não gera, ou gera muito pouco, karma para as suas vidas futuras. O Bardo que segue a morte é aquele das visões da pós-morte, depois que o ser deixou o corpo. É nesse estágio que se produz a

visão da "clara luz da felicidade", na qual o ser pode entrar mas não pode permanecer. Essas visões também comportam imagens relacionadas, dessa vez, à vida que se acaba de deixar. Trata-se do famoso "inventário da existência" de que falam aqueles que experimentaram a NDE e que permite compreender a lição kármica da vida que acabou de ser vivida. Pode-se encontrar esse estado do Bar

do quando do chamamento à consciência das vidas passadas; já vimos exemplos. Isso permite à pessoa que acaba de abandonar o seu corpo físico de aprender a lição kármica de sua existência passada, estabelecer o elo que existe entre ela e a existência presente e, em o fazendo, superar seu karma.

Os tibetanos mencionam uma forma de Bardo excepcional a que chamam de "iluminação suprema". É diferente da experiência da clara luz da felicidade, pois é acessível a todos os seres, seja qual for sua morte, brutal, rápida, suave ou lenta, ao passo que a iluminação



A RODA DA EXISTÊNCIA

suprema só pode ser alcançada por aqueles cujo karma inteiro está saldado. Estes entram na clara luz da felicidade e em lugar de novamente descer aos planos de consciência como os outros, são completamente absorvidos por ela. É o que também chamamos de "o grande caminho vertical". Ele simboliza o fim da necessidade de renascer, a transcendência total da roda da existência.

Em seguida vem o que os tibetanos chamam de "Bardo da procura do renascimento", que também se pode qualificar de "gravitação kármica", pois o ser é impelido a descer à encarnação, a procurar um pai, uma mãe, um corpo, uma vida na qual poderá

expressar o seu karma. Observei que a gravidade kármica opera habitualmente através de redes de símbolos. Por exemplo, um ferimento de espada numa vida precedente vai ocasionar, em outra vida, um problema físico, um membro atrofiado, uma operação grave etc, ou então um útero que passará por uma cesariana. Um ser morto, criança, de morte violenta ou em condições penosas, será levado para uma vida onde sofrerá, quando criança, de modo similar ou nos pontos similares do corpo, acidentes, doenças etc.

Uma vez definido o lugar da sua encarnação, o ser começa a descer aos planos de consciência para chegar ao momento da concepção. Acredito que se passam de quatro a seis meses entre o momento em que o ser é impelido, pela gravidade kármica, a descer para a encarnação e o momento da sua concepção.

A consciência *in utero* representa, aos olhos dos tibetanos, o Bardo separado. Trata-se de um estado de semimeditação, no curso do qual se produz a lenta descida para a encarnação. Nesse estado, o feto passa a escutar os sons e a ressentir tudo o que provém da mãe. É nessa ocasião que os resíduos do passado começam a se reativar.

O nascimento é o momento-chave de todo o ciclo. É nele que são definitivamente reatualizados todos os samskaras não resolvidos, os resíduos kármicos das mortes passadas, dolorosas ou infelizes, como bem o demonstraram os trabalhos de Stan Grof. No momento da morte, o revivescimento do momento do nascimento em estado de expansão de consciência permite a liberação de pesados resíduos kármicos.

Enfim, o combate vida/morte está terminado. É chegada a hora do ser passar pela experiência de recém-nascido, experiência de liberação e de descompressão. Muitos reencontram, nessa fase, o estado de consciência elevada que conheceram outrora no instante da sua morte. Eles reconhecem, com intensidade, os pais e têm a profunda impressão de saber por que regressaram ainda uma vez, ou simplesmente sentem a experiência de um estado de felicidade.

Tais são os estados intermediários, os Bardos que presidem, segundo os tibetanos, o movimento da roda da existência. Para que

se compreenda perfeitamente o princípio desta roda, eis o exemplo de Jane.

Jane é mãe de família. Tem doze filhos e vive na Irlanda. Estamos em 1840 e a fome grassa por toda a parte. O marido de Jane não tem trabalho. A miséria domina aquele lar e os dois filhos mais velhos partem em busca de melhor sorte. Semanas e meses se passam. A miséria deu lugar ao drama. Várias crianças morreram de fome. Certa noite, o marido de Jane não volta para casa. A partir daí, Jane, abandonada, deve encarar a situação sozinha. No decorrer dos anos, ela vê seus filhos partirem, um a um. Vão procurar fortuna, por vezes até no novo mundo do qual tanto se fala. Ela acaba só e morre esgotada, exausta. Morre com um intenso sentimento de amargura. Foi abandonada e traída.

O ser que se chamava Jane deixa então o corpo, sobe ao outro plano e se encontra no período entre as vidas. Lá, impelida pela gravitação kármica, essa consciência imortal, chegada ao cimo da roda, sente a necessidade de tornar a descer e de se reencarnar. Começa, então, lentamente, a descer os planos de consciência. Três ou quatro meses mais tarde, o momento da concepção chegou. Ela atira dois fios de luz na matéria, um no espermatozóide e outro no óvulo (é assim que se realiza a concepção, segundo os tibetanos). Prossegue a sua descida e se une ao feto, pouco antes dos três meses. Está novamente encerrada num corpo.

Mas um acontecimento capital ocorreu no momento de sua descida para a encarnação. Esse ser escolheu a sua encarnação em função dos seus resíduos kármicos. Escolheu os seus pais, que talvez sejam seres que já conhecera ou que tenham sido membros de sua família numa outra vida. Sobretudo, escolheu a mãe. Qual será o tipo de mãe, segundo a classificação de Rottman, que o ser chamado Jane, morta na privação e no abandono, e que vai precisar de muitos cuidados, escolheu? De acordo com a lei kármica, escolheu a mãe catastrófica. E porque, conforme o princípio da argola, um tempo zero se passou entre a morte de Jane e o ato de juntar sua consciência imortal ao feto, desde a vida fetal todos os resíduos kármicos e todos os conflitos não resolvidos do passado serão reativados. Assim, mal

ingressou nesse corpo, que é apenas um embrião de menino (ela se inclinou por esse sexo), desde os três meses o ser que outrora chamou-se Jane está exposto aos pensamentos hostis da mãe, "que não quer esse filho, não sabe o que fazer" etc. Ele tem necessidade da proteção da mãe. Ele não a sente, pelo contrário...

Ele nasce prematuramente, aos sete meses. Nessa fase trata-se mais de uma ejeção do que de um parto. Durante sua passagem pelo canal uterino, todas as suas memórias anteriores se reativam. A seguir, sai num mundo frio, hostil: colocam-no numa incubadora. Ele é muito fraco, mas viável. Tudo isso contribui para fazê-lo passar por uma espécie de agonia semelhante à de Jane, um século antes, mas muito presente, pois o tempo não existe. A argola está fechada.

A criança começa a crescer e a memória do passado se dilui na trama dos dias que correm. É um bebê difícil, que grita dia e noite, e sofre de leve anorexia. A mãe que, afinal, não é má, mais ou menos se ocupa dele. O menino cresce. Torna-se um jovem frágil, constantemente doente, de caráter difícil, sujeito a crises de cólera. Ele procura a afeição maternal, bem como a de seu pai, que nunca está presente e que minimamente preocupa-se com ele. O ser (que chamaremos Michel) escolheu, igualmente, um pai catastrófico.

Michel tem uma devoradora sede de afeição, mas nada recebe, nem de seus pais nem, mais tarde, dos coleguinhas de colégio, dos quais, em vão, procura captar a atenção e a simpatia. Sua necessidade de ser amado a qualquer preço faz dele uma criança fechada, irritadiça e difícil.

Chega a adolescência. Michel entra em conflito com a mãe, menos com o pai, pois se vêem muito pouco e quase não se comunicam. É a época dos primeiros amores. Michel fixa a sua atenção sobre uma colega de turma. Os dois adolescentes namoram. Ele está perdidamente apaixonado. Não deixa sua amada um segundo, repete que a ama e que é tão bom amar. "Você me ama? Você me ama realmente?", pergunta ele sem parar à jovem que se sente asfixiada e acaba por "largá-lo",

namorando outro rapaz da turma, mais divertido e menos sufocante.

Michel se vê só. Foi abandonado e está profundamente triste. Eis que, sem que ele saiba, o antigo drama se faz presente. Vai se repetir aos dezessete, aos vinte anos etc, a cada vez que Michel estiver amando à sua maneira, apaixonado, ardente, exclusivo. Ele sufoca; é abandonado. Após cada fracasso — e a cada período de amargura que se segue — ele reencontra esperança: sua sede de amor é insaciável.

Aos vinte e dois anos encontra uma jovem. Eles têm uma relação física e, dessa vez, ela engravida. Inconscientemente é o que desejava Michel: assim poderá mantê-la a seu lado. Os dois jovens se casam. O inferno começa. Apesar da idade, Michel procede como um velho que se tivesse casado com uma jovem. Ele é superposses-sivo, suspeito e ciumento. O menor olhar trocado entre sua mulher e um desconhecido o desconcerta. Inventa traições, por um nada sente-se ameaçado de abandono, faz cenas terríveis com sua mulher que acaba por lhe pedir o divórcio. Separam-se. Michel está mais do que abatido, tomado de angústias terríveis: por que não o amam? Que maldição pesa sobre ele? Não lhe ocorre que possa ser ele, com o seu comportamento, o gerador de sua infelicidade. Às vezes, tem a impressão de que vai enlouquecer.

Nesse estágio ele se encontra diante do que chamaremos uma escolha kármica:

No caso de a fase depressiva se acentuar, ele irá "arrebentar", chegando a uma depressão nervosa. Será tratado e se restabelecerá, tornando-se ainda mais fechado e amargo. Dentro de alguns anos, quando tiver mais de trinta anos, encontrará uma mulher a quem unirá seu destino, sem se casar. Não será realmente uma relação muito fácil. Michel sofrerá de irregularidades no humor e o medo de ser abandonado vai estar, sempre, no seu íntimo. Aprendeu a se dominar, mas a sua vida será sempre assim. Aos cinquenta, setenta ou oitenta, deixará o seu corpo físico, levando consigo a necessidade de ser amado. Na roda da existência, novamente fará a escolha de encarnação

onde o karma não resolvido das suas vidas possa se manifestar. Até que ele o compreenda e, então, se libere.

Ele poderia ter se liberado nesta vida. É a hipótese número dois, a alternativa oferecida pela escolha kármica, no momento do divórcio.

Michel vai passar, efetivamente, por uma fase de forte depressão. Insónias à noite, oprimido pelos seus medos e suas dúvidas durante o dia, vai refletir e decidir pela procura da psicoterapia: ele quer compreender por que recai sempre nas mesmas situações. Deseja, também, esclarecer as relações com a sua mãe. Nessa ocasião o destino pregará suas peças. Michel encontrará um profissional convencional que o fará trabalhar a sua infância e o ajudará a sair gradualmente desse marasmo que dura anos. Ou o destino fará com que caia nas mãos de alguém aberto às pesquisas sobre a vida fetal e as vidas anteriores. Michel decidirá dar um mergulho nas suas vidas passadas. Exumará uma vida na Irlanda, no século passado, na qual se chamava Jane... Enfim, aberto a si mesmo, poderá se abrir aos outros de maneira autêntica. Talvez, então, encontre alguém que ele ame, não porque precise ser protegido e salvo da solidão, mas pelo amor ao outro, incondicional, sem nada esperar em retorno.

Nesse estágio, não é inútil lembrar que a revolução psicológica engendrada pelo trabalho sobre vidas anteriores e a vida fetal conduz, obrigatoriamente, aquele que o realizou a passar por uma série de altos e baixos. As fases eufóricas, quando sente-se liberado e claramente consciente de si mesmo, alternando com as fases depressivas, quando se reativam as perturbações e os problemas que dormitam no inconsciente. A alternância dessas duas fases é indispensável para que, ao mesmo tempo, os resíduos kármicos sejam purgados e a experiência assimilada em profundidade.

Muitas pessoas, sobretudo aquelas que estão condicionadas a uma estrutura moral rígida, revoltam-se diante das fases "descendentes" e se recusam a deixar emergir conteúdos difíceis. Foi assim criada uma lenda em torno do trabalho sobre as vidas anteriores: seria perigoso, desestabilizante etc. Não é verdade. As fases descendentes são normais no trabalho e pretender ignorá-

las é o mesmo que negar a parte vital, animal, material de si mesmo e considerar apenas a ideal. Infelizmente, em muitas pessoas, os sentidos e as paixões jamais estão apaziguados, apenas adormecidos sob a superfície, mas nunca liberados nem tranqüilizados em profundidade. O grande perigo no trabalho sobre as vidas anteriores seria, pelo contrário, fazer dele um instrumento de recesso, fuga ou compensação.

Apenas a transformação integral aparece como uma via de abertura para aqueles que sabem que a tranqüilidade obtida pelo adormecimento dos sentidos é insuficiente. A verdadeira serenidade só é alcançada com o término das simulações, dos resíduos do passado, das pulsões e dos traumatismos aferrolhados no inconsciente. É assim que quem se lança na procura de si mesmo aprende a aceitar suas fases de "altas e baixas pressões" e a enfrentar seu próprio medo, sua angústia e, por vezes, o seu desespero.

Dennis Boyes, um terapeuta americano, acentua num de seus livros que nesse contexto o termo "trabalho espiritual" é impróprio, pois trata-se sempre, e de fato, de um trabalho psicológico. O espiritual não tem necessidade de ser trabalhado; ele é sempre perfeito. É o psiquismo que coloca obstáculos à presença do EU, do divino em si. Aí está o porquê, no curso desta revolução psicológica que representa o mergulho na vida fetal e nas vidas anteriores, as tendências problemáticas e doentias se declaram. (Aliás, é interessante notar que a liberação das cargas do inconsciente não podem ocorrer senão na e pela tomada de consciência, pois os samskaras tendem a se "refugiar", a se fixar nas zonas do corpo de que temos menos consciência.) Todos temos feridas, mas tão bem escondidas que delas não nos apercebemos. Elas são os resíduos das nossas experiências passadas mal vividas ou recusadas. Entravam o desenvolvimento natural do nosso ego e o deformam, fazendo com que ele chegue à idade adulta informe, frágil e instável. É preciso, então, empreender a correção dessas marcas vindas da infância ou das vidas passadas através do traumatismo do nascimento. Pois é mais conveniente transcender um ego bem estruturado do que um EU complexado e confuso.

Assim gira a roda da existência, do mundo não-físico ao mundo físico através dos estágios do Bardo, nessa experiência de morte/renascimento, da qual o lama Chogyam Trungpa diz que ela também faz parte da nossa realidade psicológica e da nossa experiência cotidiana.

De resto, quando uma alma se purificou suficientemente na encarnação, é chegado o momento em que não é mais necessário que retorne e ela cesse de se encarnar. Entretanto, existem aquelas que, chegadas a esse estágio, deliberadamente escolhem ocupar um corpo físico e refazer o ciclo de nascimentos, vidas e mortes. Esses seres são chamados Bodhisattvas. A lenda conta que um dos maiores Bodhisattva que caminhou sobre a terra foi Buda, que com Cristo, com o Maitreya-o-Cristo, espera pela hora à porta do paraíso. Ele espera que o último da raça humana atinja o despertar completo e, então, entrará atrás dele e a porta do céu se fechará.

Quarta Parte

OS HORIZONTES DO FUTURO

Capítulo 11

AS VIDAS FUTURAS

Se é possível à consciência viajar no passado, porque não poderia ela viajar no futuro? Esta foi uma das perguntas que me fiz há uns dez anos. Nessa época, porém, eu estava engatinhando nas minhas pesquisas e já tinha o suficiente a fazer com as vidas anteriores — com as dúvidas, as rejeições, a incredulidade e, até, a inquietação que a descoberta me causava — para lançar-me nessa louca prospectiva.

A priori, entretanto, nada a isso se opunha. Desde Einstein, a física moderna nos lembra o que os sábios taoístas sempre ensinaram: o tempo não existe. É uma ilusão, um produto da nossa consciência que, sendo ela mesma seqüencial, representa nosso mundo em termos de presente, passado e futuro. É uma ilusão muito cômoda, indispensável para funcionar no mundo físico que é apenas um aspecto do mundo real.

Os exploradores de outros estados de consciência que se liberam momentaneamente do plano terrestre estão bem conscientes de que o tempo não existe e de que tudo o que acontece está em movimento de acontecer, a cada instante, no eterno presente que contém em si os gérmes da imortalidade. Também não é mais difícil lembrar, em estado de expansão de consciência, de um episódio ocorrido há séculos, há milênios, tanto quanto um recente. A experiência prova que as vidas recentes não são revividas de maneira mais vigorosa ou emocionalmente mais intensas do que aquelas que remontam à aurora de humanidade. Compreende-se melhor a ilusão do tempo quando se examina os sonhos. Quanto tempo, efetivamente, dura um sonho e qual o período coberto pelo conteúdo de um sonho? O tempo não se escoa para quem sonha, pois a parte dele que sonha vive fora do tempo.

Os pesquisadores têm trabalhado sobre o futuro, mas as "progressões" nas vidas futuras — é assim que são chamadas — são menos freqüentes do que os mergulhos no passado, primeiro porque não são verificáveis, em seguida porque são mais delicadas. Os exploradores do futuro têm a tendência a oscilar, a sempre saltar de uma cena a outra. Uma inconstância que desaparece logo que o indivíduo adquira um pouco de

experiência, o que é rápido, como sempre, nos estados especiais de vigília. Mas, parece, ainda mais para as vidas passadas, a experiência do operador é fundamental.

Mencionei no capítulo da morte o encontro que Marguerite e eu tivemos com a Dra. Helen Wambach, na Califórnia, em 1984. Ela se tornou famosa pelos seus trabalhos sobre regressões, iniciados nos anos sessenta. Publicou suas pesquisas de milhares de regressões efetuadas sob hipnose e se entregou a um trabalho estatístico muito interessante, especialmente sobre o número e a frequência das vidas anteriores reencontradas nos mesmos lugares, na mesma época etc. Dele sobressai que a cultura dominante parece não ter influência nas vidas anteriores: assim não são encontradas mais vidas na Palestina ou no império romano em 25 d.C. do que no império chinês ou entre os mongóis.

Durante a nossa visita falamos muito, evidentemente, sobre a viagem nas vidas anteriores, pois havia certos pontos que então me pareciam obscuros. Helen nos disse que, após ter trabalhado mais de vinte anos com regressões, se interessava, há dois ou três anos, pelas viagens no futuro. Despertou a minha curiosidade, pois eu já havia pensado no assunto, mas minha experiência nesse domínio ainda era nula. Era possível, então?

O mesmo se perguntara a Dra. Wambach: pode-se viajar nas vidas futuras? Nesse caso, o homem da rua, o americano médio, será ele um profeta adormecido que não pede senão ser mergulhado num estado especial para despertar? Para sabê-lo, ela havia preparado todo um esquema de pesquisa. Impossível, certamente, verificar, como no passado, o depoimento dos viajantes no futuro. Entretanto, era fácil comparar os depoimentos. A Dra. Wambach estabeleceu uma série de perguntas bem corriqueiras, semelhantes àquelas que fazia nas viagens ao passado, sobre alimentos, vestuário, a organização social. Selecionou um grupo de cem pessoas, oriundas de todas as regiões dos Estados Unidos e de meios e culturas diferentes, iniciando o seu trabalho. Este se revelou de tal interesse que ela obteve uma bolsa de estudos que lhe permitiu "progredir" 2.730

peessoas no futuro do planeta. Em seguida, ela alterou ligeiramente seus métodos de investigação.

Tomando conhecimento de tudo isso, não pude resistir e perguntei a Helen Wambach se aceitaria fazer-me progredir no futuro. "Sim", respondeu-me, "mas não em nível pessoal, mas em nível planetário." Interroguei-a sobre a restrição. "É simples", disse-me, "imagine como viverá amanhã, daqui a um mês, se agora vier a saber que dentro de cinco ou dez anos estará preso às ruínas de um carro em chamas?"

Deitei-me no divã. Ignorava, naquele momento, o que haviam revelado os meus 2.730 predecessores. Fechei os olhos, comecei a respirar conforme ela sugeria, e segui o processo que eu mesmo aplicara milhares de vezes. Eu avaliava, ao mesmo tempo, todo o impacto daquela mulher de forte personalidade, sua voz grave, seus vinte anos de experiência. Perdi rapidamente a noção do tempo presente.

A fim de fazer progredir as pessoas no futuro, a Dra. Wambach elaborou uma técnica extremamente interessante. Ei-la, em resumo, aplicada ao meu caso:

Após ter efetuado a relaxação clássica, ela pediu-me que retornasse à idade de cinco anos e me visualizasse menino, no meu quarto de criança. Instantaneamente, encontrei-me no quarto da nossa casa na Alsácia. Sugeriu-me deitar em minha cama e ver, sentir entrar pela janela uma vibração que envolvia o menino, atraindo-o para fora, fazendo-o subir acima da casa, do bairro e mais alto ainda: acima da cidade e o assentava, enfim, numa nuvem.

A voz de Helen se tornou mais grave: "Você está sentado nessa pequena nuvem", disse-me ela. "A terra está lá abaixo de você e encontramos-nos em 1984. A terra vai aos poucos mergulhar no futuro e você permanecerá em sua nuvem observando o que se passa. E, logo em seguida, vamos nos encontrar em 1º de janeiro de 1986, daqui a dois anos. Houve acontecimentos marcantes no planeta Terra entre hoje e 1º de janeiro de 1986? Procure uma fonte de informação, um jornal, uma televisão, uma emissora de rádio ou, simplesmente, sua consciência superior.

Vi muralhas de água nas costas do Peru. De fato, isto acontecera alguns meses antes, mas eu o ignorava. Em seguida, falei da possível erupção de um outro vulcão californiano, após a do monte Saint Helen; nada mais de muito marcante vinha ao meu espírito.

—Vamos a 1? de janeiro de 1988 — disse-me Wambach. — Você continua sentado sobre sua pequena nuvem e a Terra segue seu curso. Primeiro de janeiro de 88. Há acontecimentos marcantes?

A experiência tornava-se interessante e estranha. Minhas visões eram mais precisas. Vi vulcões submarinos em erupção no oceano Pacífico. O que se averiguou ser exato. Ativados, os vulcões submarinos provocaram o aquecimento do Pacífico, o que, por sua vez, provocou violentos ventos ao correr do ano de 1987. Esses ventos deram a volta no planeta e criaram os *tsunamis*, muralhas de água com cem metros de altura que avançam à velocidade de um cavalo a galope. Descrevi os *tsunamis* varrendo furiosamente as costas do Japão, as Filipinas e outras regiões do Extremo Oriente. Vi também chuvas torrenciais no oeste da Europa a coexistir com secas dramáticas nos Estados Unidos e na Europa. Quanto aos Estados Unidos, fui bastante vago, mas descrevi problemas sociais na França, greves, manifestações estudantis, passeatas de desempregados e estimei um dado improvável em 1984: três milhões de desempregados, na França, em 1988. Também descrevi tanques no Oriente Médio. Ouvi ruídos de botas no leste. Parecia-me que o mundo preparava algo de muito grave, sentia afluir e refluir, em mim, rajadas de angústia.

—Vá agora a 1? de janeiro de 1990 — pediu minha monitora —, daqui a seis anos. Você continua sentado em sua pequena nuvem e não somente vai penetrar mais profundamente no futuro, mas também fará volta ao planeta até retornar ao continente americano. O que vê, então?

Respondi que as condições climáticas pareciam ter definitivamente mudado. O sul dos Estados Unidos sofria uma grave seca, enquanto que o norte estava alagado por chuvas torrenciais. Afinal, era o clima da Terra inteira que parecia ter mudado. Na Cali-

fórnia, dois terremotos muito violentos provocaram mortes. Um bairro em San Francisco fora destruído. Vi, ainda, a guarda nacional agir nos núcleos miseráveis de Nova York e entrevi movimentos sociais semelhantes em outras cidades do sul dos Estados Unidos: Saint Louis, Miami, Baton Rouge...

— Vá agora à Europa ocidental — disse-me ela. — Vá à França. O que acontece?

— Tenho a impressão de que as perturbações sociais se agravam — respondi. — Houve várias e sucessivas desvalorizações. Parece que o número de desempregados aumentou. Uma espécie de miséria se institucionaliza e as pessoas estão mais inquietas. Vejo movimentos de multidão e ataques de policiais. Há, também, o problema da mudança climática: as colheitas são péssimas há dois anos.

Helen Wambach pediu-me, então, que seguisse para os países do leste. Neles vi centenas de tanques em movimento numa planície coberta de neve. Dirigiam-se, pareceu-me, para o oeste. Em certos momentos, o lado esquerdo do meu cérebro, o racional, o analista, se rebelava contra as visões transmitidas pelo lado direito, o intuitivo, aquele que fala por imagens. A tal ponto que me perguntava se Helen não teria adicionado algum produto alucinógeno ao chá que todos tomamos antes de começar a sessão!

As imagens continuavam a afluir em rajadas cada vez mais precisas e não por ondas.

A Dra. Wambach pediu-me que eu fosse ao Oriente Médio: O que acontecerá no dia 1? de janeiro de 1990? "A guerra Irã-Iraque terminou" — disse de imediato. Também vejo movimentação de tanques, mas não percebo a presença russa. Apesar disso, há perturbações extremamente graves. O Líbano está quase destruído e ocupado militarmente.

A 1? de janeiro de 1992 descobri um mundo em plena desestabilização. Desta vez era a cadeia de vulcões submarinos do Pacífico, o "Ring Fire" (Círculo de Fogo), que nasce nas ilhas Sonda, na Micronésia, e engloba os vulcões californianos da cadeia das "Cascade Range" (Cordilheira das Cascatas) e termina no Oregon. O "Ring Fire", em erupção, está provocando o

aquecimento em alguns graus do Pacífico. O gelo dos pólos havia começado a derreter. Algumas partes da costa do Japão foram tragadas. Na Europa, também, a faixa costeira foi inundada em vinte quilômetros no interior das costas da Normandia e na orla atlântica, entre Morbihan e Dax. A aluição costeira ocorrera igualmente entre Nice e Perpignan. Uma ilha apareceu ao largo da Inglaterra. Um terremoto, na falha de Ramapo, havia duramente abalado Nova York. Por toda parte alternavam-se chuvas torrenciais, mares de lama e secas catastróficas. A fome aparecia aqui e acolá. Em todos os lugares, a estagnação econômica. A crise social se agravava. No Oriente Médio fora declarada a guerra entre Israel e Síria. Jerusalém estava parcialmente destruída e a Síria saíra do mapa.

— Vá até 1? de janeiro de 1994 — disse ela. — Abra-se mais profundamente para que as informações sobre o futuro cheguem a você.

Helen contou rapidamente de dez a um.

Estávamos a 1? de janeiro de 1994, o mundo completamente desestabilizado; o ecossistema gravemente atingido. A Califórnia desaparecera sob as águas; Nova York esvaziara de dois terços. A América estava ainda de pé, mas fora atingida em partes vitais. Na Europa, a mesma coisa. Toda a economia soçobrava. Ainda reinava uma aparência de ordem, mas o número de desempregados situava-se entre oito a nove milhões.

Eu era invadido pela angústia. Poderia meu cérebro estar sob o efeito de uma doença desconhecida, imaginando tudo isso, ou as informações que me chegavam de maneira tão viva e tão colorida, advinham, realmente, do futuro?

Subitamente, tive um choque. Sobrevoava a França e vi um vulcão em erupção, no Auvergne. "Inacreditável! Não é possível!" — gritei em francês. Helen me perguntou o que acontecia e eu lhe expliquei. "De que vulcão se trata?" — indagou. Respondi: "Le Puits Marie." Estávamos em janeiro de 1994 e a Terra apresentava-se totalmente desestabilizada. Em bandos, as pessoas abandonavam as cidades procurando refúgio nos campos. O mundo inteiro parecia soçobrar a pouco e pouco.

— Vá até 1? de janeiro de 1996 — disse Helen. É, por um átimo, tive a impressão de que meu coração parava. Tudo era negro. "Não vejo mais nada" — falei a Wambach — "É a escuridão. Devo estar morto."

— E sua mulher?

— Não sei. Não a sinto mais. Será, talvez, que está morta, também?

— Você tem a impressão de flutuar?

— Não... Creio que morri no ano passado, em 1995.

— Agora, você vai penetrar num futuro ainda mais distante, em 2050. Vou contar de um a três e vejamos o que acontecerá.

Helen queria saber se, naquela época, eu estaria reencarnado ou flutuando no Bardo. Ela mal teve tempo de contar e eu, imediatamente, recebi a imagem de uma criança de três anos.

— Tenho três anos — disse-lhe —, sou um menino.

— Muito bem. Avancemos um pouco no futuro. Você é adolescente. Descreva-me essa terra.

Descrevi uma terra totalmente diferente da nossa, hoje: uma civilização pastoral, pacífica, onde as pessoas pareciam ter dons telepáticos. Eu os via trabalhar com luzes que saíam dos seus dedos e de sua testa, energias do cristal. Era bonito. Descrevi também as luzes no céu, alguns tipos de naves espaciais. Era um mundo infeliz, população dispersa. Tratar-se-ia mesmo da Terra em 2050? Não seria um delírio da minha imaginação ou, então, um outro ciclo de existência, num outro plano, numa outra forma física? Até agora a questão paira, mesmo se, como vamos ver, creia ter agora uma idéia da resposta.

Fui até meados do século XXI. Helen Wambach decidiu que era chegado o momento do meu retorno e, gradualmente, trouxe-me à consciência. Sentei-me no divã um pouco adormecido e a cabeça entre as mãos. Perguntava-me se o ocorrido possuía alguma validade.

Ela esperou que eu retomasse o equilíbrio e, depois, como lhe perguntasse se todas essas visões tinham algo em comum com as que ela havia coletado, respondeu-me:

"O que você relatou corresponde a 95% do que, praticamente, todos os que fizeram a experiência, narraram." Olhando-me bem

nos olhos, acrescentou: "Parece-me que no ano 2000 não restarão mais do que 4% da população mundial. Teremos um movimento basculante no eixo da rotação da Terra. Pelo menos é o que se conclui das 2.730 progressões. Conforme esse estudo, a terra será devastada e ainda assim estará em 2100. Descrevem-me uma Terra quase sem vegetação onde as pessoas vivem em cidades sob abóbadas e se alimentam de produtos inteiramente artificiais. Quase todos se referiram a um alimento que lembra uma raiz, uma espécie de vegetal verde. Muitos descreveram, também, uma imensa colônia a orbitar em torno da Terra. Entretanto, parece que por volta de 2300 haverá uma acomodação. A Terra voltará a ser verde e o homem a comer seus frutos. Se em 2000 não restarão mais do que 4% da população mundial, em 2300 ela será dobrada.

Desses 4% da população mundial, ou seja, desses cinco bilhões de indivíduos, não restarão mais do que duzentos milhões. Seria um drama total, mas com esses duzentos milhões a humanidade recomeçará...

Para terminar, abordei com Helen Wambach outros aspectos do problema que extrapolam este livro: o que a Bíblia nos ensina sobre o Apocalipse, os quatro cavaleiros e a segunda vinda de Cristo; o que as outras tradições contam a respeito do futuro da humanidade: os chineses, os muçulmanos, certas lendas do norte, os índios da América. Tudo parece convergir para anunciar um drama sem precedentes na Terra. Entretanto, o deslocamento do eixo da Terra não é, em si, excepcional. Alguns sábios adiantam que, ao longo de diferentes eras geológicas, isto é, nos seus quatro bilhões de anos de existência, a Terra ter-se-ia deslocado até 172 vezes sobre seu eixo.

Após esta sessão, regressamos à França com a determinação de jamais falar desse assunto em público, nem mesmo aos mais íntimos. O que adiantaria bancar os profetas da infelicidade e inquietar, antecipadamente, as pessoas, se tudo isso é inevitável? A única posição a tomar, realmente, era a de sempre lembrar às pessoas o que nós, seres humanos, realmente somos, nossa natureza espiritual e nossa responsabilidade quanto ao destino do planeta. De fato, não falamos dessa experiência senão a cinco ou

seis pessoas, entre elas, Anne e Daniel Meurois-Givandan, célebres pelos livros que contam suas viagens no mundo astral e as mensagens e informações que trouxeram.

Com eles fiz a minha iniciação, pois os projetei, juntos, no futuro do planeta. O que eles informaram, naquela noite em Paris, assemelhava-se estranhamente ao que descrevi meses antes, na Califórnia.

Chegando aos anos 92, 93, Anne captou até a angústia de uma multidão em fuga, a ponto de ter sensações de asfixia. Pedi-lhe, então, que subisse mais alto em sua pequena nuvem, a fim de se liberar dessa vibração. Mais uma vez, o relato correspondia.

Durante todo o ano de 1984, com pessoas que contávamos que conhecíamos bem e que, sobretudo, eram treinadas nesse gênero de experiências, organizamos um pequeno grupo de trabalho com o objetivo de explorar o futuro do planeta. Todas as progressões nos levaram à mesma penosa colheita. Trabalhamos muito na França, a fim de encontrar maneiras de ajudar as pessoas, preventivamente e quando o momento chegasse. Todos fizemos a mesma descrição, entre 1990 e 1992, de um êxodo ao longo da estrada nacional 20 em direção aos Pireneus, enquanto eram criadas, aqui e ali, comunidades que tentavam socorrer uma população em total desespero.

No começo do ano de 1985, cansei-me. De repente, achei absurdo viver diariamente uma angústia, prospectando um futuro sombrio. Se realmente tudo isso iria acontecer, a única coisa que nos restava fazer era falar às pessoas de amor, solidariedade, fraternidade e nada mais. Foi o que nos esforçamos em fazer, assim como outros nos Estados Unidos e na Europa.

Decidi, portanto, pela dissolução do pequeno grupo e assim passamos o ano.

Certa noite, encontrei-me junto a Veda, que me fez sair do corpo para que eu visse a Terra. Pela primeira vez vi que a sua aura estava cinzenta, manchada, esburacada em certos lugares. Senti imensa tristeza e amargura. Subi mais alto e, inexplicavelmente, vi a Terra em todo o seu esplendor, com bela aura verde. Sem dúvida havia uma mensagem, mas de momento não a compreendi.

Embora o grupo estivesse dissolvido, resolvi, ao fim desse mesmo ano, com alguns, refazer uma série de exploração no futuro.

Para nossa grande estupefação, as imagens que recebemos nada tinham a ver com as visões de 1984, e quase nada com as que tive com Helen Wambach ou com aquelas dos 2.730 indivíduos. Intrigados, prosseguimos a experiência: a partir de 1986, todos os cataclismos que descrevemos haviam desaparecido de nossas visões. O que vimos, então, era um mundo que avançava, com dificuldade, através de fases difíceis para um despertar da consciência planetária.

O que teria se passado? Dever-se-ia deduzir que 2.730 pessoas (e algumas mais) haviam delirado em coro ou estaríamos enganados agora? Tínhamos realmente levantado a ponta do véu do futuro ou tratava-se de outra coisa?

A resposta é, ao mesmo tempo, simples e complexa. É a que tenho agora, em 1989. Entretanto, ela pode variar como tudo mais.

Creio que no começo dos anos oitenta, um verdadeiro potencial de cataclismos pesava sobre o nosso planeta. Emprego, de propósito, o termo potencial pela boa e simples razão de que não creio num só futuro determinado antecipadamente, "por toda eternidade", como dizem os deterministas sinceros. Há futuros possíveis para o nosso planeta e estes são criados pelo nosso estado de consciência, relativamente a nós, os seres humanos. São nossos pensamentos de ontem que criaram nossa realidade do presente e são nossos pensamentos de hoje que criam o nosso futuro. É indubitável em nível pessoal e em nível coletivo. Meus pensamentos sobre mim mesmo e minha vida criam meu próprio futuro. Meus pensamentos, conjugados aos dos demais membros da minha família, criam o futuro coletivo da família. E os pensamentos conjugados de um ou dez milhões de pessoas criam o futuro do planeta.

No começo dos anos oitenta, o estado das consciências assemelhava-se muito ao que reinava no ano de 1912, isto é, quatro anos antes da Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, como assinali no começo deste livro, o despertar das consciências que se manifestara, aqui e ali, mas de modo relativamente marginal,

após os anos sessenta, intensificou-se tanto nos Estados Unidos como na Europa ocidental, a partir dos anos oitenta. Numerosas pessoas começaram a se abrir, a meditar, a tomar consciência de que faziam parte da grande corrente da vida. Então os potenciais cataclísmicos diluíram-se consideravelmente a partir de 1985. Pode parecer a muitos que isto é inverossímil; tal como na Bíblia, em que Deus prometia poupar Sodoma se lá encontrasse um justo sequer, eu creio que bastam um milhão de pessoas mudarem realmente seu estado de consciência para que o futuro de toda a Terra seja modificado e que ela caminhe não mais para a sua destruição, mas para a sua regeneração.

Quando me perguntam se os cataclismos que vivi com 2.730 pessoas e Helen Wambach podem acontecer, respondo não. Entretanto, nosso planeta não está livre de, na década de noventa, viver momentos difíceis. Mas creio, sobretudo, no despertar planetário das consciências, suscetível de regenerar a Terra.

Essa era, creio-o hoje, a lição de Veda, quando mostrou-me as duas auras da Terra, a cinza e a verde, a antiga e a nova.

Penso, todavia, que nos anos noventa existirão mais e mais profetas para anunciar, ao mesmo tempo, cataclismos planetários e a salvação, *in extremis* de um punhado de eleitos. Não acredito em punhado de eleitos. Creio, sim, que somos cinco bilhões de eleitos, pois somos cinco bilhões de anjos descidos à Terra, mesmo que, por muitos, isso tenha sido esquecido.

Capítulo 12

A ILUSÃO DO TEMPO

Antes de encerrar o capítulo sobre o futuro — e, com ele, esta obra — gostaria de contar uma dupla experiência que diz respeito

à natureza ilusória do tempo. É uma experiência pessoal e se a alguns pode parecer um tanto abstrata e complexa na sua formulação, fiz questão de reproduzi-la, pois penso que vai "falar" a muitos.

Em 1987, eu tinha a sensação de ter digerido uma soma bastante importante de informações. Há quase dez anos tentava dar, num quadro amplo, explicações racionais a todos os fenômenos não explicados ou dificilmente explicáveis, ainda que rejeitados pela visão científica. Fui, então, levado a dar um outro passo.

Era primavera. Eu acordava todas as manhãs com a estranha impressão de que me haviam ensinado alguma coisa durante a noite; tinha certeza disso. Entretanto, emergiam do fundo da minha memória apenas migalhas de sonhos.

Certa tarde, enquanto repousava, subitamente tive uma espécie de clarão, como se fragmentos dessas informações noturnas aflo-rassem à minha consciência. Intrigado, decidi utilizar em mim mesmo as técnicas habituais, a fim de encontrar o estado de expansão de consciência. Estendi-me no divã, coloquei um capacete na cabeça, apanhei um microfone, procedi a uma auto-relaxação e, ao fim do procedimento habitual, dei-me a seguinte ordem: "Vou retornar à minha consciência superior que é a fonte de tudo. Minha consciência superior vai levar-me, pouco a pouco, ao encontro do que se tem passado comigo todas as noites." E acrescentei: "Tenho a possibilidade de perceber minha vida em perspectiva de um ponto de vista totalmente distanciado. Posso elevar a minha consciência a fim de que atinja o que não é atingível pelo meu estado de consciência comum: um estado de paz total, amor total, liberdade total."

Para me elevar, visualizei uma escada subindo em linha reta para o céu. Contei de um a cinqüenta e projetei a minha consciência nessa escada. Eu a projetei, simbolicamente, fora do corpo através de um ponto situado no centro da fronte: o sexto chakra ou o famoso terceiro olho da tradição. Quando cheguei ao número cinqüenta, pareceu-me estar no pico de uma montanha. Mas continuava estendido no divã e tinha plena consciência dos ruídos ambientais, da casa, da rua, pois com treinamento tornamo-nos,

aos poucos, capazes de trabalhar em vários níveis de consciência concomitantemente.

Contei ainda de um a cinco criando, mentalmente, a cada número, sensações de elevação, a fim de que eu me abrisse mais e mais. Após uns dez minutos, senti estar flutuando e depois entrei num universo claro que me pareceu infinito.

Estava, agora, em união comigo mesmo, com o mundo, ou melhor, com os mundos, os diferentes planos de consciência. Dei-me então esta ordem:

"Estou agora nos níveis mais elevados do meu próprio espírito e simplesmente vou deixar que certas energias se expressem através das cordas vocais do meu corpo encarnado. Desde que essas energias possam passar livremente, minha voz as exprimirá."

Havia posto um magnetofone funcionando. Alguns minutos se passaram e comecei a falar, a exprimir as energias provindas de um outro espaço multidimensional, de um outro espaço-tempo:

"Existe ainda um outro estado de consciência: atravessasse uma nova porta. Estou num domínio onde não há passado, nem presente, nem futuro. Tudo está acontecendo agora. Não há história. A história só é percebida pelo indivíduo em estado de fragmentação. Pois a história é agora a realidade, seja ela presente ou passada, nada mais é do que um potencial entre outros: aquele que minha consciência explora... Cada ser humano faz parte de um todo. Nós somos UM. Cada célula do nosso corpo físico encarnado contém em si a soma total do nosso ser. Ela é, ao mesmo tempo, a parte e o todo.'

Naquele estágio, minha impressão era a de ter atingido um outro nível gigantesco, desconhecido, indizível. Sentia, literalmente, ondas de energia jorrando sobre mim. Era como estar, ao mesmo tempo, aqui e alhures, por toda e nenhuma parte. Era, também, como se a minha consciência, em vez de abrir, se unificasse pouco a pouco. Tive a sensação de que tornei-me minha alma, minha consciência superior, meu eu divino, pouco importando o nome que se dê a "isso".

Ao mesmo tempo, era "percorrido por ondas de informações" como um gigantesco computador e me dizia: "As vidas são idênti-

cas ao colar de pérolas do céu de Indra.* Cada pérola representa um todo e o conjunto das pérolas representa o Todo. Há uma pérola em cada nível de consciência e, portanto, cada pérola possui a capacidade de evoluir em vários níveis de consciência simultaneamente. Os níveis de consciência são como vidraças sobrepostas através das quais podemos ver as pérolas. Há um certo número de seres, de encarnações em cada pérola, mas todas essas entidades são eu, em vidas diferentes, o eu em meu passado, o eu em meu futuro e cada ser, se deslocando no nível de consciência que lhe é próprio, influi nos outros níveis."

Nesse instante percebo Govenka, depois o monge, o egípcio, o atlante que eu fora nas vidas anteriores e também outros de um passado mais distante ainda. Sentia-me inumerável. Mais informações continuavam a fluir: "Govenka é mestra. Ela é eu e eu sou ela. Ela existe em outra época e está transmitindo certas coisas através de minha consciência, quando meu corpo está adormecido e o filtro mental não funciona. Atrás de Govenka está Veda. Em sua época, ela também elevou a sua consciência através de Veda."

Tive então a impressão de mais profundamente fundir-me em minha alma. Era como se eu vivesse, simultaneamente, várias realidades temporais e, nesse estado de consciência, tive subitamente a certeza de que Govenka "sabia" que, num futuro longínquo, se reencarnaria como Patrick, assim como eu "soube" que no momento da aparição de Veda, o ser de luz na clareira, Govenka teve, por sua

*Na literatura védica da Índia, diz-se que existe um colar de pérolas tão finas e tão puras que, olhando-se através de uma delas, pode-se ver todas as outras nela refletidas

vez, a percepção de que uma das suas encarnações futuras estava a seu lado e vivia a mesma experiência que ela.

Depois senti que descia novamente. A extraordinária viagem chegava ao fim. Com muita suavidade "deslizei para o meu

corpo".* Minha consciência, ao mesmo tempo, se fechou aos poucos, readap-tando-se ao mundo presente. Sabia que acabara de localizar uma peça importante do enigma que tentava reconstituir há dez anos, há milênios, um quebra-cabeça que era um jogo de dados cósmico, lance de xadrez das estrelas.

No ano seguinte descobri outra peça do jogo. No verão de 1988, com Marguerite e nosso filho fiquei dois meses nos Estados Unidos e passamos uma semana no Monroe Institute, um centro de pesquisas sobre a ampliação dos potenciais do cérebro, a exploração dos diversos níveis de consciência e o fenômeno da saída do corpo. O Monroe Institute fica na Virgínia, próximo a Charlottesville,** onde o centro de pesquisas ocupa uma área de 400 hectares. Escolhemos um programa de exploração dos níveis de consciência. O processo é gradual e se estende por vários dias. No quinto dia, a partir do qual começa a exploração de outros sistemas energéticos além do mundo físico, vivi uma experiência particularmente intensa.

Entreí no estado em que coexistem vários tempos e que eu começava a dominar bem. De repente, percebi um ser vestido sombriamente. Uma luz emanava de sua mão e, depois, um globo nela surgiu.

*Não se tratava de uma saída do corpo, de uma projeção astral, mas de um estado de expansão de consciência.

**Fundado por Robert Monroe, antigo homem de negócios que se consagrou a essa pesquisa, após ter experimentado, durante anos, saídas espontâneas do corpo.

Nesse globo havia uma cidade que eu "soube" — sempre com a mesma certeza íntima — pertencer a um futuro longínquo. Em seguida assimilei que, simultaneamente, no futuro, uma de minhas próximas encarnações — ou de minhas criações? — fazia a mesma experiência. Haveria, então, um nível de consciência a partir do qual eu poderia obter informações sobre uma das minhas encarnações num futuro remoto? Entendi, abruptamente,

que era o que eu estava fazendo aqui, no centro de pesquisas sobre a consciência humana. Estava em vias de obter informações sobre mim mesmo, sobre a origem da raça humana e sobre a natureza da consciência humana. E compreendi quais eram os limites da nossa espécie ainda semi-inteligente...

A experiência prosseguia: senti-me subir para um nível ainda mais elevado de consciência, onde não havia mestres, nem guias espirituais, mas diferentes níveis de freqüências inteligentes, se cabe o termo, por falta de melhor. Lá, tudo era vazio, paz, serenidade. Quando menos esperava, senti a vibração de um soluço em minha consciência e entendi que nossa humanidade, doente dela mesma, forjara suas cadeias há milhões de anos...

Retornei à Terra. Encontrei Joe Mac Monagle! Antigo oficial do serviço de informação do exército americano, desmobilizado em 1984 após 25 anos de serviço, ele é o que os americanos chamam de "remote viewer", alguém que vê à distância. Porém ele é algo mais: é capaz de descrever um lugar e dar seu nome a partir, apenas, de coordenadas geográficas. Ele fez mais de 1.300 experiências desse tipo e, conectado a uma bateria de aparelhos de mensuração e controle, é realmente capaz de projetar a sua consciência no planeta e detectar reservatórios de gás e jazidas de petróleo.

Esse antigo oficial do exército americano descobriu a sua surpreendente capacidade se desenvolver de maneira estranha. Deixado como falecido num campo de batalha no Vietnã, reanimado por milagre, retornou à vida assim mudado. Tivemos uma conversa apaixonante: como vivia, minhas pesquisas, a consciência... Quando lhe perguntei, ainda sob o impacto da minha triste visão, por que tantos pesquisadores e cientistas recusam ainda a existência de outras realidades, ele exclamou: "Porque estamos num estado primitivo! Mas tenho a impressão de que agora, felizmente, um número significativo de pessoas está a caminho da evolução."

CONCLUSÃO

Este livro é o fruto de uma busca intensa e sistemática que durou mais de dez anos. Esse decênio representa uma viagem de transformação e de descoberta pessoal, ao mesmo tempo que um processo de exploração científica e espiritual dos territórios, ainda quase inexplorados, da psique humana.

A pesquisa e a exploração dos estados de expansão de consciência tornam-se, pouco a pouco, estados de co-nascimento — no sentido de um novo nascimento — para todos que fizeram a experiência. E as tomadas de consciência levam a tais alturas que o intelecto não as pode sondar, nem compreendê-las ou explicá-las.

Estes estados especiais de vigília limitam-se por vezes, com os estados místicos, na acepção primitiva do termo grego, "aquele que guarda o silêncio". E esta abertura de consciência, que invariavelmente leva às vidas passadas, transcende nossas limitadas possibilidades de entendimento. Uma pessoa que traga à consciência as vidas passadas, aborda com frequência as lembranças como fases obrigatórias do processo de transformação interior que conduz a um novo nível de consciência. Os indivíduos engajados em tal exploração quase sempre constataam, repentinamente, que a humanidade enfrenta graves dilemas. De um lado, a corrida tecnológica sem alma, uma ciência sem consciência, uma manipulação do mundo. De outro, o retorno a si mesmo e o desejo de viver um processo de transformação radical que leve a um novo estado de espírito, a um novo estado de consciência. O primeiro caminho pode nos levar à morte individual, coletiva ou planetária em meio a um ecossistema aniquilado; o segundo, oferece perspectivas revolucionárias que conduzem a uma era solar, uma época de partilha e fraternidade.

Ao final de todos esses anos, desejei sensibilizar outras pessoas para minhas iniciativas e minhas pesquisas, tendo assim formado um grupo de médicos, psicólogos, terapeutas ou, simplesmente,

de pessoas que se devotam a ajudar o próximo. Atualmente, um número cada vez maior de profissionais dos dois lados do Atlântico estimula grande número de pessoas a caminhar rumo a um novo futuro que leve a uma sociedade transformada. Os sonhos de todos são a riqueza que sempre existiu no ser humano desde as suas origens, a herança que sempre existiu ao longo de nossas guerras e de nossas loucuras.

Vivemos numa época fundamental, numa encruzilhada de caminhos e, apesar dos meus diferentes mergulhos no futuro, não posso fornecer senão fracas indicações. Talvez em mais uma geração, o mundo ocidental não se questionará sobre o problema da realidade de uma consciência imortal encarnada em cada ser humano.

Entretanto, nada disso será verdadeiramente possível se os elos com o nosso meio ambiente, com o Outro, permanecerem puramente mentais. Da mesma maneira, a ajuda à viagem nas vidas passadas depende em grande parte de diferentes fatores: é preciso que o contacto seja profundo e forte, o velador — aquele que acompanha o viajante — deve reduzir ao mínimo seu processo de pensamento. Ele deve envolver o explorador numa corrente de amor sempre mais profunda. É pelo despertar da consciência e não por conceitos intelectuais, elevados que sejam, que é preciso ajudar o viajante no tempo a se despojar aos poucos dos problemas, das falsas crenças às quais está condicionado e nas quais, por vezes, tem sofrido há longo tempo. Assim, pouco a pouco, entendemos que não somos apenas nós mesmos, somos um fermento, uma levedura. Damo-nos conta de que somos, enquanto espécie, um elemento indispensável da criação, pois é através de cada um de nós que Deus vive a sua criação.

Como William Blake, poderíamos exclamar:

Acorda! Acorda, ó dormidor do país das sombras, levanta!

Faz de ti um campo sem limites

Estou em ti, estás em mim, num mútuo amor...

É de amor as fibras que unem os homens.

Olha! Somos unos.



Este e-book representa uma contribuição do grupo Livros Loureiro para aqueles que necessitam de obras digitais, como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos.

É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.

<http://livros-loureiro.blogspot.com.br/>